MOMENTO GREGO 2015

Opera Mundi

#GRÉCIA 'Bella ciao, bella ciao': tradicional música antifascista embalou campanha da esquerda grega

Canção emblemática tornou-se um dos mais conhecidos hinos comunistas e tem origem na resistência de camponesas italianas contra a opressão dos capatazes

Leia mais em: http://uol.com/bbd66N

Sobre a austeridade na Europa

Tarso Genro

http://imagempolitica.com.br/site/sobre-a-austeridade-na-europa/

O debate sobre a austeridade, tal qual está se dando hoje na Europa, vem do século passado, principalmente após as reformas feitas pela senhora Thatcher, na Inglaterra, na crise de crescimento da economia inglesa dos anos 80. Aquelas reformas desmantelaram o poder dos Sindicatos, vinculados ao trabalhismo inglês, que, até então, eram parceiros do Estado e do grande empresariado industrial, desde os esforços nacionais feitos para a recuperação e

modernização industrial do pós-guerra. A recuperação se deu através de formas contratuais específicas, pelas quais ali se desenvolveu o contrato social-democrata europeu.

Hoje, com diferentes graus, vários países da União Europeia tem sido obrigados pelo Banco Central Europeu -leia-se governo alemão e Banco Central Alemão- adotar "políticas de austeridade", em função da brutal dívida pública destes países e da sua presumida incapacidade de saldá-las. Argumenta-se, como diz o professor Vincenç Navarro –emérito professor em universidades europeias e americanas, ex-assessor da sra. Hillary Clinton, como coordenador do grupo da Reforma do sistema de saúde americano- "que a redução do déficit público é a chave para recuperar a confiança dos mercados financeiros(…) com mais e mais cortes nas transferências e nos serviços públicos do Estado".

Estas políticas, criticadas pelo professor Navarro e milhares de cientistas sociais, políticos de diversas ideologias e origens, acadêmicos ou não, economistas e gestores públicos em todo o mundo, são apresentadas como se fossem políticas universais, "neutras", verdadeira razão de estado e espada luminosa dos que defendem o interesse público. Em regra, são as preferidas por nove entre dez dos comentaristas econômicos da grande mídia, que não poupam críticas ao Estado "gastador", à falta de sabedoria dos agentes públicos que defendem outras saídas. Mas o fazem sem abordar o debate de fundo: quais os resultados destas políticas? A quem ela beneficia efetivamente? De quem ela exige sacrifícios? E mais: quais as políticas de outra natureza que se opõem à dita "austeridade"?

O Presidente Reagan, nos anos 80, confrontado com a crise de eficiência e, consequentemente, de acumulação das grandes empresas americanas, aplicou a receita sem vacilação: redução do valor real dos salários, aumento do desemprego para aumentar a competitividade, redução das despesas de prestações sociais, redução dos impostos para as classes superiores e, no plano político mais amplo (para unir o país contra as ameaças de "fora"), a retomada agressiva da "guerra fria", com o deslocamento de vultosos financiamentos para a bomba de nêutrons, escudo antimísseis, "guerra nas estrelas".

Compare-se, nos dias de hoje, como a União Europeia e os EUA – que chegou a "estatizar" indústrias automobilísticas durante a crise do "sub-prime"- enfrentam crises semelhantes, pela palavra dos seus mais autorizados representantes. No verão europeu de 2012, Mário Draghi, Presidente do Banco Central Europeu, afirmava que o "Banco Central Europeu fará tudo que for necessário para sustentar o euro, e, acreditem, isso será suficiente". Em março de 2012, o Secretário do Tesouro americano Timoty Geithner, assinalava que é preciso calibrar com cuidado a mistura de "apoio financeiro e o ritmo de consolidação fiscal", fazendo coro com o Presidente da Reserva Federal dos EUA, Ben Barnanke, que pedia mais estímulos contra o desemprego. O Presidente da Reserva Federal, diferentemente de Draghi, deixava claro que se a situação piorasse nos EUA, iria atuar para "apoiar o crescimento".

Estas palavras são ditas, já dentro de uma situação "madura" de crise, que vem se arrastando há vários anos e, sobretudo, demonstram que as ditas políticas de austeridade não são aplicadas numa mesma medida. E que seu entendimento é diferenciado, mesmo nos países avançados, nos quais classes trabalhadoras e os setores médios ainda "tem o que perder", sem cair na miséria absoluta. O empobrecimento, a olhos vistos, de uma grande parte dos assalariados que era de

renda baixa é o sucedâneo de uma situação na Europa, particularmente na Espanha, Portugal, Grécia, Irlanda, França – entre outros países – que já tem bolsões de miséria dignos das regiões mais pobres da América Latina.

No terceiro trimestre de 2012, ou seja, no momento áureo de aplicação das políticas de austeridade, a dívida pública em relação ao PIB, na Zona do euro, era de 90%; comparada com o terceiro trimestre de 2011, ela subiu aproximadamente 5%. Neste trimestre, que foi considerado, financeiramente, o período de mais extrema gravidade para a estabilidade macro financeira da Zona do Euro, ela alcançara 86,6% em relação ao PIB. Fracasso total das políticas de austeridade, com a manutenção do desemprego entre os jovens, na Espanha, de mais de 40% e mais de 23% da força de trabalho total, com redução do poder aquisitivo dos trabalhadores, assalariados de todos os setores e, ainda, crise devastadora nos pequenos e médios negócios industriais e de serviços.

A elite financeira americana e as minorias mais ricas em geral, principalmente ligadas aos setores improdutivos da economia, a elite financeira e seus "managers" dos serviços correlatos (1% da população), segundo o professor Navarro, nos últimos cinco anos da crise, acumularam mais de dois trilhões de dólares. Enquanto isso aumentou as diferenças sociais nos EUA de modo alarmante e a Europa inteira decresceu: Espanha menos 1,5%; Grécia menos 5,2%; Itália menos 2,3%; Portugal, menos 3%.

Não é preciso muito esforço para compreender que as políticas de austeridade têm beneficiários diretos e sacrifícios ampliados em toda a sociedade. Mas ela precisa, ainda, reduzir a margem de risco dos "financiadores" aparentes da recuperação, que supostamente são as agências financeiras. Mormente aquelas que dão as "notas", os "graus" de investimento, para os países endividados e, ao mesmo tempo, são as que manejam o mercado financeiro e alimentam, politicamente, o circuito informativo global, destinado a convencer a todos que a política deve ser substituída por medidas supostamente técnicas, de necessidade indiscutível.

Os recursos da recuperação, contudo, vem do Estado e são dinheiro público. Ou seja, os recursos públicos, para a recuperação da economia, não são entregues pelos governos às empresas em crise -de qualquer tamanho- mas aos agentes financeiros privados, que manipulam a taxa de juros e a acumulação sem trabalho. A diminuição do risco especulativo, necessária, aliás, para pacificar o mercado e aliviar tensões, exige que haja plena previsibilidade para o pagamento dos países credores, pelos endividados.

Daí um segundo passo: a redução das transferências públicas (diminuição das pensões, redução da compra de serviços e calotes nas pequenas e médias empresas, diminuição real e irrestrita dos salários dos servidores públicos, redução dos programas de transferência de renda) e dos serviços públicos essenciais (saúde, educação); e depois, ainda, um terceiro passo, com sucesso parcial na Inglaterra: a privatização de estradas (de outras empresas prestadoras de serviços públicos que são capazes de dar lucro sem competição e sem risco, para os investidores privados), porque ninguém deixa de tomar água, por exemplo, ou levar um filho ao Hospital, para ser operado de uma apendicite.

Austeridade reproduz mais austeridade, mais desigualdade, mais concentração de renda, mais pobreza e redução das funções públicas do Estado. Austeridade fulmina a política e "fascistiza" os conflitos, porque a violência da concentração de renda e de poder, que ela causa, desacredita a democracia e a política, desacredita as eleições e os governos. Me digam quais os sacrifícios que os 1% dos mais ricos de um país fazem, para tirar seus respectivos países das suas crises, que eu mudo de opinião. Por enquanto eu fico com esta.

Por Tarso Genro, Artigo publicado originalmente no Jornal do Comércio, de Porto Alegre.

O perdão da dívida alemã- 1953

Syriza recorda que Alemanha também teve dívida perdoada ...

www.rtp.pt/noticias/index.php?article...tm=7...

20 de jan de 2015

O partido de esquerda Syriza lidera as sondagens e já disse que vai exigir uma renegociação e um ...

Paula Cabeçadas compartilhou a foto de Indignados Lisboa.

Faz hoje 60 anos - Acordo de Londres sobre as Dívidas Alemãs | Entre os paises que perdoaram 50% da dívida alemã estão a Espanha, Grécia e Irlanda

0 Acordo de Londres de 1953 sobre a divida alemã foi assinado em 27 de Fevereiro, depois de duras negociações com representantes de 26 países, com especial relevância para os EUA, Holanda, Reino Unido e Suíça, onde estava concentrada a parte essêncial da dívida.

A dívida total foi avaliada em 32 biliões de marcos, repartindo-se em partes iguais em dívida originada antes e após a II Guerra.Os EUA começaram por propor o perdão da dívida contraída após a II Guerra. Mas, perante a recusa dos outros credores, chegou-se a um compromisso. Foi perdoada cerca de 50% (Entre os paises que perdoaram a dívida estão a Espanha, Grécia e Irlanda) da dívida e feito o reescalonamento da dívida restante para um período de 30 anos. Para uma parte da dívida este período foi ainda mais alongado. E só em Outubro de 1990, dois

dias depois da reunificação, o Governo emitiu obrigações para pagar a dívida contraída nos anos 1920.

O acordo de pagamento visou, não o curto prazo, mas antes procurou assegurar o crescimento económico do devedor e a sua capacidade efectiva de pagamento.

O acordo adoptou três princípios fundamentais:
1. Perdão/redução substantial da dívida;
2. Reescalonamento do prazo da divída para um prazo longo;
3. Condicionamento das prestações à capacidade de pagamento do devedor.

O pagamento devido em cada ano não pode exceder a capacidade da economia. Em caso de dificuldades, foi prevista a possibilidade de suspensão e de renegociação dos pagamentos. O valor dos montantes afectos ao serviço da dívida nao poderia ser superior a 5% do valor das exportações. As taxas de juro foram moderadas, variando entre 0 e 5 %.

A grande preocupação foi gerar excedentes para possibilitar os pagamentos sem reduzir o consumo. Como ponto de partida, foi considerado inaceitável reduzir o consumo para pagar a dívida.

O pagamento foi escalonado entre 1953 e 1983. Entre 1953 e 1958 foi concedida a situacao de carência durante a qual só se pagaram juros.

Outra característica especial do acordo de Londres de 1953, que não encontramos nos acordos de hoje, é que no acordo de Londres eram impostas também condições aos credores - e não só aos paises endividados. Os países credores, obrigavam-se, na época, a garantir de forma duradoura, a capacidade negociadora e a fluidez económica da Alemanha.

Uma parte fundamental deste acordo foi que o pagamento da dívida deveria ser feito somente com o superavit da balança comercial. 0 que, "trocando por miúdos", significava que a RFA só era obrigada a pagar o serviço da dívida quando conseguisse um saldo de dívisas através de um excedente na exportação, pelo que o Governo alemão não precisava de utilizar as suas reservas cambiais.

EM CONTRAPARTIDA, os credores obrigavam-se também a permitir um superavit na balança comercial com a RFA - concedendo à Alemanha o direito de, segundo as suas necessidades, levantar barreiras unilaterais às importações que a prejudicassem.

Hoje, pelo contrário, os países do Sul são obrigados a pagar o serviço da dívida sem que seja levado em conta o défice crónico das suas balanças comerciais

Marcos Romão, jornalista e sociólogo, 27 de Fevereiro de 2003.

Outro artigo sobre o Acordo de Londres sobre as Dívidas Alemãs:
http://auditoriaciudadana.net/2013/02/27/aprendiendo-de-la-historia-como-irlanda-y-grecia-perdonaron-la-deuda-alemana-2/

Carta Aberta de Alexis Tsipras aos Leitores do Handelsblatt

29/01/2015 - http://aventar.eu/2015/01/29/carta-aberta-de-alexis-tsipras-aos-leitores-do-handelsblatt/

***Mais uma vez*, o Aventar na vanguarda do verdadeiro jornalismo, está a apresentar uma tradução colaborativa de um *documento essencial* para a análise política internacional.**

A maior parte de vós, caros leitores do Handelsblatt, terá já uma ideia preconcebida acerca do tema deste artigo, mesmo antes da leitura. Rogo que não cedais a preconceitos. O preconceito nunca foi bom conselheiro, principalmente durante períodos em que uma crise económica reforça estereótipos e gera fanatismo, nacionalismos e até violência.
Em 2010, a Grécia deixou de conseguir pagar os juros da sua dívida. Infelizmente, as autoridades europeias decidiram fingir que o problema poderia ser ultrapassado através do maior empréstimo de

sempre, sob condição de austeridade orçamental, que iria, com uma precisão matemática, diminuir drasticamente o rendimento nacional, que serve para pagar empréstimos novos e antigos. Um problema de insolvência foi tratado como se fosse um problema de falta de liquidez.

Dito de outro modo, a Europa adoptou a táctica dos banqueiros com pior reputação, que não reconhecem maus empréstimos, preferindo conceder novos empréstimos à entidade insolvente, tentando fingir que o empréstimo original está a obter bons resultados, adiando a bancarrota. Bastava bom senso para se perceber que a adopção da táctica "adiar e fingir" levaria o meu país a uma situação trágica. Em vez da estabilização da Grécia, a Europa estava a criar as condições para uma crise auto-sustentada que põe em causa as fundações da própria Europa.

O meu partido e eu próprio discordamos veementemente do acordo de Maio de 2010 sobre o empréstimo, não por vós, cidadãos alemães, nos terdes dado pouco dinheiro, mas por nos terdes dado dinheiro em demasia, muito mais do que devíeis ter dado e do que o nosso governo devia ter aceitado, muito mais do que aquilo a que tinha direito. Dinheiro que não iria, fosse como fosse, nem ajudar o povo grego (pois estava a ser atirado para o buraco negro de uma dívida insustentável), nem sequer evitar o drástico aumento da dívida do governo grego, às custas dos contribuintes gregos e alemães.

Efectivamente, passado menos de um ano, a partir de 2011, as nossas previsões confirmaram-se. A combinação de novos empréstimos gigantescos e rigorosos cortes na despesa governamental diminuíram drasticamente os rendimentos e, não só não conseguiram conter a dívida, como também castigaram os cidadãos mais frágeis, transformando pessoas que, até então, haviam tido uma vida comedida e modesta em pobres e mendigos, negando-lhes, acima de tudo, a dignidade. O colapso nos rendimentos conduziu milhares de empresas à falência, dando um impulso ao poder oligopolista das grandes empresas sobreviventes. Assim, os preços têm caído, mas mais lentamente do que ordenados e salários, reduzindo a procura global de bens e serviços e esmagando rendimentos nominais, enquanto as dívidas continuam a sua ascensão inexorável. Neste contexto, o défice de esperança acelerou de forma descontrolada e, antes que déssemos por ela, o "ovo da serpente" chocou – consequentemente, os neo-nazis começaram a patrulhar a vizinhança, disseminando a sua mensagem de ódio.

A lógica "adiar e fingir" continua a ser aplicada, apesar do seu

evidente fracasso. O segundo “resgate” grego, executado na Primavera de 2012, sobrecarregou com um novo empréstimo os frágeis ombros dos contribuintes gregos, acrescentou uma margem de avaliação aos nossos fundos de segurança social e financiou uma nova cleptocracia implacável.
Recentemente, comentadores respeitados têm mencionado a estabilização da Grécia e até sinais de crescimento. Infelizmente, a ‘recuperação grega’ é tão-somente uma miragem que devemos ignorar o mais rapidamente possível. O recente e modesto aumento do PIB real, ao ritmo de 0,7%, não indica (como tem sido aventado) o fim da recessão, mas a sua continuação. Pensai nisto: as mesmas fontes oficiais comunicam, para o mesmo trimestre, uma taxa de inflação de -1,80%, *i.e.*, deflação. Isto significa que o aumento de 0,7% do PIB real se deveu a uma taxa de crescimento negativo do PIB nominal! Dito de outro modo, aquilo que aconteceu foi uma redução mais rápida dos preços do que do rendimento nacional nominal. Não é exactamente motivo para anunciar o fim de seis anos de recessão!
Permiti-me dizer-vos que esta lamentável tentativa de apresentar uma nova versão das “estatísticas gregas”, para declarar que a crise grega acabou, é um insulto a todos os europeus que, há muito, merecem conhecer a verdade sobre a Grécia e sobre a Europa. Com toda a frontalidade: actualmente, a dívida grega é insustentável e os juros não conseguirão ser pagos, principalmente enquanto a Grécia continua a ser sujeita a um contínuo afogamento simulado orçamental. A insistência nestas políticas de beco sem saída, e em negação relativamente a simples operações aritméticas, é muito onerosa para o contribuinte alemão e, simultaneamente, condena uma orgulhosa nação europeia a indignidade permanente. Pior ainda: desta forma, em breve, os alemães virar-se-ão contra os gregos, os gregos contra os alemães e, obviamente, o ideal europeu sofrerá perdas catastróficas.
Quanto a uma vitória do SYRIZA, a Alemanha e, em particular, os diligentes trabalhadores alemães nada têm a temer. A nossa tarefa não é a de criar conflitos com os nossos parceiros. Nem sequer a de assegurar maiores empréstimos ou, o equivalente, o direito a défices mais elevados. Pelo contrário, o nosso objectivo é conseguir a estabilização do país, orçamentos equilibrados e, evidentemente, o fim do grande aperto dos contribuintes gregos mais frágeis, no contexto de um acordo de empréstimo pura e simplesmente inexequível. Estamos empenhados em acabar com a lógica “adiar e fingir”, não contra os cidadãos alemães, mas pretendendo vantagens mútuas para todos os europeus.

Caros leitores, percebo que, subjacente à vossa “exigência” de que o nosso governo honre todas as suas “obrigações contratuais” se esconda o medo de que, se nos derem espaço para respirar, iremos regressar aos nossos maus e velhos hábitos. Compreendo essa ansiedade. Contudo, devo dizer-vos que não foi o SYRIZA que incubou a cleptocracia que hoje finge lutar por ‘reformas’, desde que estas ‘reformas’ não afectem os seus privilégios ilicitamente obtidos. Estamos dispostos a introduzir reformas importantes e, para tal, procuramos um mandato do povo grego e, claro, a cooperação dos nossos parceiros europeus, para podermos executá-las. A nossa tarefa é a de obter um New Deal europeu, através do qual o nosso povo possa respirar, criar e viver com dignidade. No dia 25 de Janeiro, estará a nascer na Grécia uma grande oportunidade para a Europa. Uma oportunidade que a Europa não poderá dar-se ao luxo de perder.

Publicado a 13–1-2015, fonte.

Especial: sinais de outra esquerda no Syriza

PAUL MASON

– ON 30/01/

HTTP://OUTRASPALAVRAS.NET/CAPA/ESPECIAL-SINAIS-DE-OUTRA-ESQUERDA-NO-SYRIZA/

648 14 4 0 0

Como um partido não-convencional ousou desapegar-se da retórica e experimentar. A escuta política. Os "clubes de solidariedade". O carisma de Tsipras

Por **Paul Mason** | Tradução: **Inês Castilho**

A vitória do Syriza sacudiu a esquerda na Europa – atingindo até mesmo os social-democratas moderados, que se debatiam em busca de idéias e inspiração desde a crise de 2008. Agora, há em todo canto conversas sobre "fazer um Syriza" – e na Espanha, onde o partido de esquerda Podemos está obtendo 25% nas pesquisas, mais do que conversa.

Mas o percurso do Syriza até tornar-se o primeiro governo europeu de extrema esquerda nos tempos modernos não foi nem fácil nem inevitável. Nos últimos 22 dias, participei de uma equipe de documentaristas gregos que acompanhou os ativistas e líderes em campanha, para ver como eles conseguiram vencer. Pude vê-los oferecendo novas esperanças a agricultores no limiar da pobreza, e angariar víveres para sua rede de bancos de alimentos. Vi como conquistaram comunistas da velha guarda, no sindicato dos estivadores, que sofriam por ver seu local de trabalho vendido aos chineses; e como apresentaram, em contraposição ao *establishment* político e à elite corrupta, uma alternativa jovem e contemporânea. Vi seu líder, Alexis Tsipras, em ação em seu escritório particular, em momentos críticos.

Tsipras é tão carismático que nem precisa de uma equipe de imprensa de classe mundial. Mas quando o entrevistei, na primeira semana de campanha, ficou claro que oSyriza não tem escassez de assessores de imagem. "Desculpe, mas tenho de vetar isso", diz o secretário de imprensa Danai Badogianni, bem quando Tsipras parece convencido a falar em inglês para a câmera. "Caso contrário, vai abrir um precedente."

A campanha de Tsipras começou a partir de uma atuação sólida na oposição parlamentar. Em 3 de janeiro, o dia em que ele lotou um estádio com cinco mil membros do partido, o núcleo interno viu-o levar a esquerda de seu partido a se resignar e retirar as objeções à

sua escolha de candidatos ao parlamento. Tsipras transformou tanto o partido como seu funcionamento; o comitê central, em sua sede surrada, tornou-se menos importante do que a equipe política do candidato.

De perto, ele fala um inglês perfeito e tem uma risada contagiante. Há alguns parlamentares do Syriza craques em serem contidos e discretos, nas conversas em off, mas Tsipras não é um deles. Conversamos francamente sobre informações controversas que sua equipe econômica deu aos mercados financeiros, e sobre a tentativa de suborno escandalosa que, segundo ele, torpedeou a estratégia eleitoral da direita. Ele posa, sem vacilar, para selfies com as jovens gregas com quem estou filmando, sabendo que as fotos estarão no Facebook em minutos.

Este site é sustentado por seus leitores. Clique aqui para contribuir

Tsipras com apoiadores de Thessaloniki

Apesar de convocar não menos que quarto professores de economia de esquerda para sua equipe ministerial, Tsipras parece ter, ele próprio, a mais clara compreensão da economia política, para seu próximo confronto com o Banco Central Europeu. Os anúncios decisivos, quando vierem, serão feitos por ele.

Mas, além do profissionalismo e disciplina, Tsipras definiu um ritmo de campanha avassalador. Sua margem de vitória, nas pesquisas em janeiro, era de 2 pontos percentuais. Com todos os canais da TV grega contra ele, e a maioria dos jornais, a direita esperava retomar a liderança. Mas, ao contrário, foi o Syriza que disparou.

O interior em revolta e a escuta política

No sol fraco de janeiro, as montanhas ao longo do Golfo de Corinto estão cobertas de neve. Espalhadas ao longo das encostas estão aldeias conhecidas como “castelos” políticos, normalmente tão apegadas a um ou outro dos principais partidos – Pasok [ex-social-democrata] e Nova Democracia [centro-direita] – que você pode orientar-se, em época de eleição, seguindo os cartazes. Mas esta é, hoje, uma terra conturbada; dois terços dos plantadores de vinhas e pomares de limão estão tecnicamente falidos. Foram forçados a hipotecar suas terras, os bancos querem reaver seus empréstimos e o índice de suicídios avança, nestas tranquilas cidades agrícolas.

Giannis Tsogkas, um plantador de uvas de 56 anos de Assos, nos diz: “[O governo] nos empurrou para o acordo com o FMI e tudo que eles fazem é obedecer os conservadores. Os pequenos vão morrer. Continuamos ouvindo sobre gente se suicidando. De modo que tentamos encontrar alguém na esquerda que nos proteja. E encontramos o Syriza.”

Ao cair da noite, a taverna próxima a Psari está cheia de idosos e crianças – a maioria dos jovens adultos se foi. Os rostos sofridos dos agricultores na miséria observam com cuidado um homem do Syriza que faz um discurso em estilo bolchevique: “Por que o FMI quer nos destruir? Será que é porque o sol brilha aqui? Será que é porque somos um povo hospitaleiro? Eles odeiam a vida do sul da Europa? ”

“No Syriza, nós encontramos alguém para nos proteger”, diz o plantador de uva Giannis Tsogkas.

Mas, diz o candidato à eleição Theofanis Kourembes, não foi a retórica que tornou vermelhas cidades como esta. “A gente vai e ajuda as pessoas. Escutamos quando nos dizem alguma coisa. Quando pedem ajuda, estamos aqui. Você nunca vê o Pasok ou a Nova Democracia.”

São pequenos encontros como este, a quilômetros das principais cidades, que ajudaram a transformar o Syriza, de um partido com 4% dos votos há 10 anos, num outro, que liderava com 32% das preferências, na última semana de campanha eleitoral.

“Vocês jornalistas vieram de longe até aqui para nos entrevistar”, diz um fazendeiro. “O Syriza é o único partido que fez a mesma coisa. Eles vieram e conversaram conosco. Se quiséssemos falar com os principais partidos, como os encontraríamos?”

O campo, uma paisagem árida de galhos e campos transformados, é solo fértil para a mensagem vencedora do Syriza. Os agricultores sofreram muito com a “austeridade”: ela significa impostos mais altos e menos subsídios. Mas a corrupção é também uma questão importante. Em Assos, Tsogkas nos conta como os comerciantes que compram as uvas regularmente desaparecem

sem pagar. “Eles não nos dão recibos, e a lei os protege. Desaparecem, pedem falência e ficamos sem nada. Mas temos de pagar por medicamentos, salário de empregados, juros de empréstimos, eletricidade, tudo isso. Estamos esgotados”, ele suspira, “acabou.”

O sistema político grego era tão incompetente, corrupto e lubrificado pelo que eles chamam aqui de “dinheiro sujo” que, quando o dinheiro acabou, os alicerces que o sustentavam entraram em colapso.

Embora o programa econômico do Syriza seja limitado pelos 319 bilhões de euros que a Grécia deve ao resto da Europa, lutar contra a oligarquia não custa nada. Tsipras me diz: “Iniciaremos uma nova era política. Vamos fazer uma mudança maciça na governança do Estado. Não temos responsabilidade pelo estado de clientelismo criado pelos partidos que governaram o país até agora. Precisamos de um Estado que funcione e se coloque ao lado dos cidadãos. Precisamos acabar com essa farra de sonegação e evasão fiscal.”

Por toda a Grécia, o Syriza organizou bancos de alimentos, conhecidos como Clubes da Solidariedade. Acompanho os ativistas até um mercado de rua em Atenas. Usam lenços laranja e, educadamente mas com firmeza, argumentam com os agricultores que um saco de batatas ou laranjas para os pobres é seu dever social. Em meia hora, os carrinhos estão cheios de comida.

O organizador me diz: “Isso é o oposto de caridade. Estamos dando suporte a 120 famílias nesta área, e muito do trabalho que fazemos é lidar com isolamento, saúde mental e vergonha.” Você não pode agir mais profundamente na micropolítica do que quando se senta num quarto pequeno e convence as pessoas a não pensar em suicídio. Não tem volta, a confiança construída é difícil de destruir.

E na semana final, quando as pesquisas dão ao Syriza sólidos seis pontos de liderança, torna-se claro o que está levando à vitória. Ainda que o programa do partido aponte para algo
como uma democracia econômica e social de esquerda, ele está agindo de modo oposto à prática dos social-democratas em tempo

de eleição. Faz promessas claras e duras, sobre pegar pesado com os ricos. Um parlamentar sênior prometeu publicamente “destruir a oligarquia” – taxar os donos de navios e patrões das construtoras, e impor regulação básica e moderna nos canais de TV privada que a oligarquia possui — os quais, hoje, não têm sequer que registrar, ou pagar pelo espectro de rádio que usam.

“A esperança começa hoje”, é o mantra de Tsipras. Isso se traduz numa nova atmosfera nos cafés e nas mesas de jantar das famílias: não estamos mais com medo.

O centro político se autodestrói

No momento do último comício eleitoral do Syriza, a mídia global acordou para a possibilidade de uma derrota. Para quem olha de fora, as bandeiras vermelhas e amultidão cantando *Bandiera Rossa,* o hino comunista italiano, lembram a velha esquerda – mas todos na multidão sabem que o partido está se dirigindo à direção oposta. Ele não se limitará a confrontar a Europa, na redução da dívida – exige um novo acordo. Está determinado a anular as políticas de “austeridade”. Isso, dizem os sagazes economistas amontoados nos bastidores do comício, joga o problema para o chefe Banco Central Europeu, Mario Draghi. Ele pode puxar o gatilho de um colapso bancário e de uma crise que force a Grécia a sair do euro — mas o Syriza não fará isso.

Pichações de protesto por toda cidade. “Cancelem a dívida. FMI volte para a casa”.

Enquanto Tsipras entusiasma a multidão, Pablo Iglesias, o jornalista que levou o novo partido de esquerda espanhol Podemos a uma posição de 25% nas pesquisas, encolhe os ombros e balança como um boxeador prestes a entrar no ringue. Ele ensaia o que vai dizer e, em seguida, dá uma corrida para subir os degraus, acompanhado por uma música de Leonard Cohen, para juntar-se ao Tsipras. Ele grita, em inglês: “Primeiro vamos tomar Manhattan; em seguida, tomamos Berlim.” Em outras palavras, o FMI e o BCE terão de enfrentar um oponente determinado. Os quadros do Syriza que cercam os dois homens sabem como vai ser pesada a pressão a partir de agora.

Rena Dourou, que conheci como uma ativista esfarrapada no acampamento Occupy da Praça Syntagma de Atenas, quatro anos atrás, não pode conter seu sorriso conforme balança a mão nas ruas, abarrotadas de apoiadores: “Ninguém nos ouviu durante anos”, diz ela. “Agora todo mundo está ouvindo. E não se trata apenas da Grécia. Trata-se da Europa, e especialmente a jovem.”

Dourou está em suas primeiras semanas como prefeita eleita de Attica, a maior região da Grécia. Está descobrindo na real o que significa tentar limpar o Estado grego. Agora penteada e vestida com um terninho como uma política convencional, não consegue conter o nervosismo. Há quatro anos, conforme nos esquivávamos do gás lacrimogêneo, ela me disse: “A Europa precisa de um Chirac, ou um Schröder, ou mesmo alguém como Kirchner na Argentina. Algum tipo de líder convencional que pare com essa loucura de austeridade.” Eu brinquei: “Provavelmente serão vocês.” Hoje, ela sabe que não é brincadeira. Conforme todo o centro político europeu aquiesceu em um programa de “austeridade” que empurrou o continente para a deflação, apenas um partido de ex-trotsquistas, ecoguerreiros e ativistas Occupy tomou esse espaço.

Na noite da eleição, no ultimo andar da sede do Syriza, onde está sentada a equipe de Tsipras, o nervosismo dá lugar a um alívio

estonteante, à medida em que os resultados vão saindo.
As perspectivas de obter maioria no Parlamento sem coligações estão por um fio mas, minutos depois de encerrada a apuração, já ficara claro que eles venceram. Tsipras chega, radiante. Ele abraça uma mulher baixinha de meia idade de sua equipe, chamando-a de “meu pequeno porquinho”. Seus secretários estão em lágrimas. “Por que vocês estão chorando?”, brinca. “Quando perdemos em 2012, vocês estavam celebrando; e agora, que vencemos, vocês choram!”

O futuro ministro do interior do Syriza liga para os chefes do exército e da polícia. “Nós confiamos em vocês”, é a essência da mensagem. É um grande ato de fé, já que as forças militares e policiais da Grécia foram treinadas, desde a guerra fria, para suprimir a extrema esquerda agora — inclusive com aulas de “educação política”, aos oficiais, sobre os perigos do marxismo.

Nos anos que se seguiram à queda da junta militar, em 1974, a oligarquia bipartidária tolerou a esquerda, mas assegurou-se de que não houvesse chance de ela chegar ao poder. Isso, em retrospectiva, criou uma consciência de esquerda ampla, mas dormente. Tsipras está rodeado de quadros partidários que lutaram na rebelião estudantil que derrubou a junta, mas a geração de seus pais sofreu tortura e prisão durante e depois da guerra civil. Excluida do poder, a esquerda construir uma contracultura de canções rebeldes, música folclória, culto a Che Guevara e poderosas centrais sindicais de trabalhadores manuais, como os estivadores. Isso é chave para entender o que é replicável sobre o Syriza, e o que não é. O partido emergiu da cisão do eurocomunismo com Moscou nos anos 1970, mas enxertou uma cultura de esquerda soft, e conquistou a lealdade de muita gente jovem, cuja vida gira em torno de trabalho precário e sem qualificação, e que faz a mágica de sobreviver com salários de 400 euros por mês.

Tsipras transformou o Syriza de uma aliança frouxa em um partido que é a expressão, por excelência, dos valores deste vasto setor de esquerda do eleitorado grego. Bastou que o partido natural que a representava — o Pasok — destruisse a si mesmo.

Na última semana de campanha, os gregos de esquerda assistiram ao desabamento das paredes invisíveis à sua volta. As conversas com os vizinhos de direita e os colegas de trabalho não politizados eram dominados por uma palavra – Tsipras. E nos últimos dias, apenas “ele”. Assim como o boca-a-boca incessante, os bancos de alimentos, a identidade visual elegante, o que levou o Syriza ao poder foi, basicamente, a autodestruição do centro. E isso, por sua vez, deveu-se ao trabalho da União Europeia e do FMI.

Um partido da juventude e dos que rejeitam o medo

Na cidade de Assos, quando os votos foram contados, verificou-se que 1.529 dos 4.000 habitantes votaram Syriza (38%). Os conservadores, que controlaram a cidade por gerações, tiveram apenas 29%, com o partido neonazista Golden Dawn chegando a 7% – uma réplica quase exata do resultado nacional. O mapa eleitoral mostra que, fora a velha direita do interior da Macedônia e da Península do Peloponeso do Sul, a Grécia profunda tornou-se vermelha.

Mulher levando porção de comida da cozinha comunitária em Atenas.

Kourembes, que é agora parlamentar do Syriza para Assos, diz: “Simplesmente, desta vez, o povo começou a pensar de outra

maneira. Eles se deram conta de que não há saída com o grupo atual de políticos. Tomaram consciência de que, para manter-se à tona, tinham de fazer alguma coisa diferente."

O Syriza não empregou nenhuma "tática matadora" na campanha eleitoral. Mas teve qualidades definitivas: jovialidade, plausibilidade e normalidade. Muitos de seus candidatos são jovens e elegantes; eles vivem e se comportam como gente de vinte, trinta e poucos anos. No comício de lançamento do ministro dos transportes conservador Miltiadis Varvitsiotis, os contrastes eram óbvios. Como convém a um sistema que permite aos proprietários de navios não pagar nenhum imposto sobre os lucros no exterior, a multidão aqui era idosa, de aparência requintada e desavergonhadamente rica.

Embora o próprio ministro seja parte de uma geração tecnocrática que acena ao conservadorismo moderno, é impossível ser contemporâneo quando rodeado por um aparato construído na guerra fria, e dependente do apoio de bilionários. Ao mostrar ser gente normal, evitar declarações tresloucadas de parlamentares individuais e projetar e calma, em oposição à campanha de medo da direita, o pessoal de Syriza ganhou.

Em Atenas, logo depois de fechadas as urnas, Spiros Rapanakiso, candidato do Syriza inclina-se, exausto, contra as persianas de uma loja. Ele passou o dia em sua zona eleitoral, a comunidade do porto de Keratsini, em um Hyundai maltratado,assobiando a *International* pra ganhar coragem. Fica claro, quando falamos com os eleitores, que até mesmo conservadores tradicionais votaram no Syriza. Quando se dá conta de que, em vez de um repórter júnior no jornal do partido, é agora um deputado, ele murmura: "O povo grego escreveu a história e estou contente de fazer parte dela. Eu de fato não posso descrever como me sinto. Temos um grande trabalho pela frente. Amanhã vamos criar a Grécia de novo."

Gostou do texto? Contribua para manter e ampliar nosso jornalismo de profundidade
outros Quinhentos

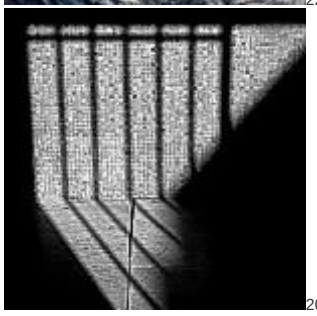
Imprimir

648 14 4 0 0

Sobre o mesmo tema:

-

28/01/2015Não tentem sufocar a Grécia(2)
-
26/01/2015"Mudar a Grécia, a Europa e todo o mundo!"(15)
-

22/05/2012A Europa evitará o abismo?(2)
- 
20/04/2011A Europa em seu labirinto(0)

Paul Mason

Paul Mason é jornalista britânico, atualmente na BBC. É um estudioso de longa data do movimento operário e das revoluções dos séculos 19 e 20. Nos últimos dois anos, acompanhou pessoalmente os movimentos de protesto que se espalharam pelo mundo no rastro da Primavera Árabe. Sobre eles, escreveu "Why it's kicking off everywhere" ("Por que está pipocando em todo lado"), ainda sem versão em português

Carta ao primeiro-ministro da Grécia, Alexis Tsipras

Porto Alegre, 26 de janeiro de 2015

Querido Tsipras

Saudações!

Estamos todos aqui vibrando com a vitória da Syriza. Foi uma vitória da democracia contra a plutocracia, da força do povo contra a força do capital. É simbólico que este renascimento democrático comece justamente no lugar onde, há tantos séculos, nasceu a ideia da democracia como o governo do povo.

Esta foi uma vitória dos 99% contra o 1%, do direito à dignidade contra a lógica do capital, do direito à vida acima do direito ao lucro, enfim, do povo contra os bancos. Podes ter certeza que esta vitória não é só dos gregos e nem só da Syriza. Este caminho de mudança vai servir de exemplo para os europeus, em especial portugueses e espanhóis que também vivem a política do ajuste, e com certeza veremos crescer o Podemos e o Bloco de Esquerda. Consideramos uma vitória nossa também, do PSOL. A Syriza irradia e alimenta a esperança dos lutadores por toda a Europa e por todo o mundo.

Quero parabenizar a ti e a todos os demais dirigentes e militantes da Syriza pela capacidade de traduzir e representar o sentimento de revolta do povo grego e, ao mesmo tempo, por conseguir demonstrar que existe uma alternativa à austeridade exigida pela Troika. Quero também saudar o povo grego pela coragem, por não se deixar intimidar pelas chantagens e ameaças perpetradas pela Troika e pela imprensa burguesa, por apostar na esperança.

Quando estive aí em 2012 ainda eram poucos aqui no Brasil que acreditavam e apostavam na Syriza como a alternativa necessária para governar a Grécia. Nós do PSOL apoiamos e apostamos em vocês desde o início, pois travamos a mesma luta: defender os direitos do povo, seja contra a direita, seja contra uma velha esquerda que aplica os mesmos planos da direita. Este foi o embate vitorioso que fizeste aí. Eu, aqui, como candidata a presidência do Brasil no ano passado, também enfrentei esta luta e é o embate que o PSOL seguirá travando junto com o povo e a juventude nas ruas do Brasil. Nossas idéias no Brasil ainda são minoritárias, mas somos muito orgulhosos pelo fato do meu nome, representando o PSOL na disputa presidencial, ter recebido o voto de 1 milhão e 600 mil brasileiros nas eleições de outubro passado.

O governo Dilma, mesmo eleito com um discurso diferente, vem anunciando a aplicação do mesmo tipo de modelo econômico que levou o povo grego a esta situação de crise humanitária. O caminho trilhado pelo PT, de ceder aos interesses do capital, o levou a ceder cada vez mais e a ficar cada vez mais parecido com o PASOK grego. Ainda não perdeu os votos como o PASOK, mas vai perder. Lutamos para que aqui não

cheguemos à mesma situação calamitosa da Grécia antes que o povo acredite que existe outro caminho que não o do ajuste, e que a esquerda radical, isto é, coerente, chegue ao poder.

O desafio para vocês agora é imenso. As pressões da Troika para que a Syriza aceite apenas mudanças superficiais serão intensas. Apostamos que a força do povo materializada nesta vitória contundente dê a vocês a determinação para não ceder. A esquerda radical do mundo inteiro acompanha esta experiência cheia de esperança. Será uma nova configuração na política européia e a possibilidade de uma nova política econômica que influenciará o mundo todo. Contem conosco para construir este novo caminho.

Um grande abraço,

Luciana Genro – PSOL/ Brasil.- http://lucianagenro.com.br/2015/01/carta-ao-primeiro-ministro-da-grecia-alexis-tsipras/

ESQUERDAS/ O nome é... Tsipiras.

Publicado; 27 de janeiro de 2015 | **Autor:** redacaogutemblog | **Arquivado em:** Arthur Gama, Política |Deixe um comentário

Soletrem já: t-si-pi-ras. É grego.

Arthur Gama para o www.gutemblog.com
http://gutemblog.com/2015/01/27/esquerdas-o-nome-e-tsipiras/?preview=true&preview_id=656

Tsipiras. Acostumem-se todos com este nome. A partir de hoje ele será muito citado. É o novo paradigma político das esquerdas.

A vitória da oposição radical e inconformada da Grécia – contra os liberais e sociais democratas que tentavam salvar o país da crise econômica adotando as receitas de sacrifícios e austeridade do FMI e da União Europeia – vai criar no Brasil uma nova onda de entusiasmo esquerdista.

Como sempre acontece – quando surge no mundo uma liderança de grande impacto – os eternos órfãos da esquerda brasileira (que já foram comunistas, stalinistas, trotskistas, sartreanos, fidelistas, Allende, chavistas etc) devem começar a cultuar Alexis Tsipras, o jovem líder do partido Syriza que nas eleições do dia 25 obteve 149 cadeiras (duas menos que as 151 necessárias para formar a maioria absoluta do parlamento) e que uma coligação com o partido nacionalista de direita, que elegeu 13 deputados, tornou desde dia 26, Primeiro Ministro. É o novo Chefe do Governo da Grécia.

Em toda parte, até na França, as esquerdas só falam em Tsipiras e no seu partido Syriza, que obteve votos prometendo radicalizar (por exemplo, decretar uma moratória de 50% da dívida externa da Grécia, atualmente de 332,5 bilhões de euros, e adotar como modelo três líderes sul-americanos: Cháves, Evo Morales e o brasileiro Lula. Além de adotar a orientação teórica do brasileiro (professor de Harvard) , Mangabeira Unger, que desde os anos 70 tenta, sem sucesso, ganhar adeptos no Brasil, jamais indo além do malogrado candidato presidencial Ciro Gomes. Agora, quem sabe, via Tsipíras, Mangabeira Unger não emplaca no Brasil!

É incrível que tais modelos radicais sul americanos (excluindo Lula, que se tornou moderado) empolguem um país membro da União Europeia, embora os analistas já se dividem, apostando que Tsipiras, que se elegeu prometendo “virar a mesa”, já tenha dado sinais de buscar uma conciliação e não ir tão longe no confronto com seus maiores credores, especialmente a Alemanha e a França. Já o americano Paul Krugman, que, com o peso da sua condição da grande economista, considera que os credores estão sendo muito duros com a Grécia, torce para que Tsipras não fraqueje, vá fundo, no confronto com a União Europeia e com o FMI.

A onda esquerdista de Tsipiras – em função da difícil situação da economia grega e com o agravamento da crise brasileira – será recortada como modelo pelas esquerdas brasileiras, especialmente os radicais.

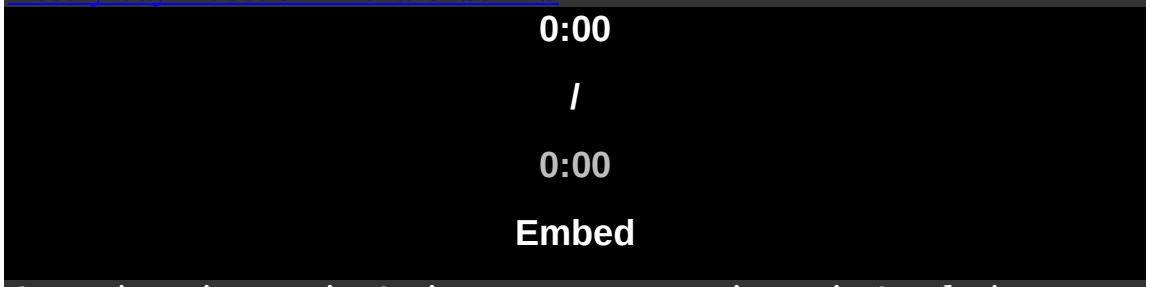
Em uma dessas primeiras manifestações, o teórico da ala mais esquerda do PT de São Paulo, Vladimir Safatle, lembra (como

quem escolhe um exemplo profético, considerando os anúncios de aumento das tarifas de energia anunciados no Brasil) que uma das propostas que mais impulsionaram a vitória de Tsipiras foi a promessa de “religar a luz das casas que tiveram a eletricidade cortada por falta de pagamento” em função da crise, que provocou na Grécia, entre outras desgraças, 25% de desemprego.

Como vemos, do jeito que a coisa vai, Tsipiras pode fazer muito sucesso no Brasil. Principalmente, se a crise provocar cortes de energia elétrica em massa das casas. (Na Grécia, os cortes de luz atingiram a mais de um milhão de residências, 10% da população.)

How Greece made history in a day – video

http://www.theguardian.com/world/video/2015/jan/26/how-greece-made-history-day-video?CMP=share_btn_fb



Greece's anti-austerity Syriza party swept to victory in Sunday's elections. The Guardian's Phoebe Greenwood met voters from across the capital, Athens, from Golden Dawn diehards to pragmatic communists, as they headed to the polls – and then again as they began to take in the historic change they had voted in

Richard Sprenger and Phoebe Greenwood, theguardian.com
Monday 26 January 2015 09.36 GMT

- Share on Facebook
- Share on Twitter
- Share via Email
- Share on LinkedIn
- Share on Google+

Shares
152

- Greece
- Europe
- Austerity
- Syriza

- http://www.theguardian.com/world/video/2015/jan/26/how-greece-made-history-day-video?CMP=share_btn_fb

Live **Alexis Tsipras sworn in as new Greek prime minister – live updates**

5m1,070

Alexis Tsipras sworn in as new Greek prime minister – live updates

-

Syriza has allowed Greeks to dream again. But the real struggle is just beginning

Apostolis Fotiadis

20m10

Syriza has allowed Greeks to dream again. But the real struggle is just beginning

-

Syriza forms Greek government: what we know so far

2h

Syriza forms Greek government: what we know so far

-

Syriza's Tsipras sworn in after Greek government formed with rightwingers

29m732

Syriza's Tsipras sworn in after Greek government formed with rightwingers

-
  - **Optimism and uncertainty on the streets of Athens following Greek elections – video**

5h

Optimism and uncertainty on the streets of Athens following Greek elections – video

  - **Syriza's historic win puts Greece on collision course with Europe**

7h2,118

Syriza's historic win puts Greece on collision course with Europe

  - **Analysis Who are the Independent Greeks?**

3h

Who are the Independent Greeks?

- **Greece Q&A: what now for Syriza and EU austerity?**

(1) O Programa do Syriza

Depois da noite de domingo, a Europa vai ter que contar com uma nova proposta política, eleita num Governo da zona euro. Aqui deixamos-lhe uma síntese, primeiro das linhas gerais do programa – e mais abaixo do seu programa económico, desenhado em cinco pilares.

Começamos pelo que diz respeito à Europa:

- Reestruturar grande parte da dívida pública, de forma a que se torne sustentável, no contexto de uma "Conferência sobre a Dívida Europeia".
- Incluir uma "cláusula de crescimento" para o pagamento da parte remanescente da dívida grega, para garantir que será financiada com crescimento e "não com o orçamento".
- Incluir uma moratória para o serviço da dívida, para poupar fundos para estimular o crescimento.
- Excluir os investimentos públicos das restrições do Pacto de Estabilidade e Crescimento da UE (as novas regras interpretativas só o permitem para países que respeitem défice de 3% do PIB).
- Um "New Deal" de investimento público europeu financiado pelo Banco Europeu de Investimento (o plano Juncker já está no papel, mas o seu financiamento ainda não está acertado).
- Exigência de compra direta de dívida europeia pelo BCE, o chamado "Quantitative Easing" (O BCE anunciou esta semana um plano neste sentido, mas deixou condicionada a aplicação à Grécia – não só porque tem coberto o limite colocado para o país – até junho -, mas também condicionando-o à existência de um programa de assistência. O atual na Grécia ainda não terminou e é quase certo que o país precisará de um outro, pelo menos de um cautelar).

E aqui, uma ideia global do que se propõe a fazer dentro de fronteiras:

- Aumentar o investimento público “imediatamente” em, pelo menos, 4 mil milhões de euros.
- “Gradualmente”, reverter “todas as injustiças do memorando de entendimento”.
- “Gradualmente, recuperar os salários e pensões, para aumentar o consumo e a procura”.
- Dar incentivos ao emprego às pequenas e médias empresas, dando subsídios ao custo da energia na indústria – em troca da criação de emprego e de uma cláusula ambiental.

(2) As três prioridades do novo ministro das Finanças, o marxista Yanis Varoufakis

Yanis Varoufakis será o ministro das Finanças da Grécia. O professor de Economia da Universidade de Atenas diz-se um "marxista errático". É um duro, mas garante não ter um "estilo conflituoso".

Yanis Varoufakis é um duro, mas garante não adotar um "estilo conflituoso" em Bruxelas.

Resolver a crise humanitária na Grécia, **atacar a oligarquia** grega e **renegociar as políticas económicas** com os parceiros europeus. Estas são as três prioridades do novo ministro das Finanças da Grécia, **Yanis Varoufakis**. O professor de Economia na Universidade de Atenas e autor de “O Minotauro Global” é um duro mas garantiu recentemente – antes de se saber que seria o escolhido de Alexis Tsipras para as Finanças – que o Syriza não deve adotar um “estilo conflituoso” nas reuniões com Bruxelas ou com Berlim.
Yanis Varoufakis, que se confessa um “marxista errático“, garante que “uma **saída da Grécia da zona euro não é um cenário em cima da mesa**“.

As agências noticiosas internacionais adiantam que
Yanis Varoufakis será o próximo ministro das Finanças da Grécia. Em entrevista recente ao britânico Channel 4, o professor de Economia da Universidade de Atenas elegeu as três prioridades para um Governo liderado pelo Syriza.

- “Em primeiro, temos de **lidar com a crise humanitária**. É inconcebível que no ano de 2015 tenhamos pessoas que tinham empregos e casas e pequenos negócios e agora estejam a ir para a cama com fome à noite. É inaceitável que crianças estejam a fazer os trabalhos de casa à luz das velas, porque o fornecimento de eletricidade foi cortado porque o Estado, na sua sabedoria infinita, decidiu lançar um imposto sobre a riqueza cobrado através da fatura de eletricidade. Estas coisas custam muito pouco dinheiro e têm um efeito simbólico e moral muito importante”.
- “A segunda coisa que precisamos de fazer neste país é reformá-lo. **Reformá-lo profundamente**. Reformá-lo de uma forma que ataque aquilo que chamo o ***pecadotriangular*** que existe na Grécia. O *pecado triangular* na Grécia inclui as empresas fornecedoras de serviços que procuram alimentar-se de **rendas estatais**, os **banqueiros** e as **empresas de media** (comunicação social)”, controladas pela “oligarquia grega”. “**Vamos destruir as bases sob a qual assenta a oligarquia que, década após década, suga a energia deste país**“, promete Varoufakis.
- “Em terceiro, **renegociar com os parceiros europeus** este contrato de empréstimo que tem sido **prejudicial para toda a zona euro**“. Varoufakis diz que, “assim que alguém do Syriza tiver o primeiro contacto com Bruxelas [agora, sabemos, será ele próprio, como ministro das Finanças] o que deverá fazer é **falar a verdade sobre a insustentabilidade da dívida pública**, sobre a enorme negação que marcou a forma como a Europa lidou com uma bancarrota no seu seio e com um problema relacionado com a arquitetura da zona euro”. E quais são as probabilidades de uma saída da Grécia da zona euro?”. “**Zero**“, respondeu Yanis Varoufakis, ao jornalista do Channel 4.

Yanis Varoufakis é um **académico prolífico**. Além de autor de múltiplos artigos académicos, publicou vários livros, com destaque para “O Minotauro Global: A América, as Verdadeiras Causas da Crise Financeira e o Futuro da Economia Mundial“. Tem também um blog pessoalonde discorre sobre “Pensamentos para um Mundo pós-2008″, o ano da crise financeira internacional. Está aqui o currículo integral de Yanis Varoufakis, o grego que se doutorou em Economia pela Universidade de Essex, no Reino Unido.

Nas últimas semanas, como apoiante do Syriza, deu várias entrevistas aos jornais internacionais, incluindo esta, traduzida em castelhano, ao El Mundo, em que dizia que “se a Grécia não crescer, um Governo

liderado pelo Syriza não pagará a dívida". Em junho de 2013, em entrevista ao Jornal de Negócios, garantia que "não há quaisquer dúvidas de que a dívida é insustentável e que irá haver uma terceira reestruturação".

- Investir em conhecimento, investigação e nova tecnologia, com o objetivo de levar de volta para a Grécia os jovens investigadores que emigraram.

O plano económico do Syriza tem como base cinco pilares, que aqui resumimos também.

Primeiro pilar: combater a crise humanitária.
Custo: 1,9 mil milhões de euros

- Eletricidade grátis para 300 mil famílias a viver abaixo do limiar de pobreza;
- Subsídios à alimentação para famílias sem rendimentos, em coordenação com as autoridades locais, a Igreja e organizações de solidariedade;
- Programa de garantia de habitação, pagando parte da renda de pequenas casas a 30 mil famílias;
- Assistência de saúde e farmacêutica livre para desempregados sem subsídio;
- Cartão especial para transportes públicos, entregue a desempregados de longa duração;
- Revisão dos impostos dos combustíveis e para aquecimento em casa.

Segundo pilar: relançar a economia e promover a justiça fiscal
Custo: 6,5 mil milhões de euros; Receita esperada: 3 mil milhões

- Parar os processos e arresto de contas bancárias a quem não tenha rendimentos, que ficarão suspensos por 12 meses;
- Abolição do imposto único sobre propriedade;
- Introdução de uma taxa sobre as grandes propriedades e casas de luxo;
- Aumentar o número de escalões de IRS, para assegurar maior progressividade;
- Reestruturação de empréstimos para empresas e indivíduos – para os que estiverem abaixo do limiar de pobreza e para as dívidas (ao Estado, Segurança Social e banca) que baixem os rendimentos abaixo dos 33%. O mecanismo de revisão contará o apoio de uma organização pública, que vai garantir os pagamentos em falta;

- Recolocar o salário mínimo nos 751 euros;

Terceiro pilar: recuperar 300 mil empregos
Custo: 3 mil milhões de euros

- Recuperar os direitos perdidos com o Memorando (legislação laboral);
- Recuperar acordos coletivos;
- Abolição de layoffs “massivos e injustificados”;

Quarto pilar: transformar o sistema político
Custo: zero.

- Regionalização do Estado;
- Maior autonomia aos municípios e regiões;
- Iniciativa legislativa aos cidadãos – também para convocar referendos;
- Restabelecimento da televisão pública;

Quinto pilar: encontrar receitas

- Recuperação de pagamentos em atraso ao Estado;
- Combate à evasão fiscal;
- Usar os 11 mil milhões destinados à banca no Memorando para servir de “almofada social”;
- Aproveitar os fundos europeus do último quadro ainda não aproveitados, mas também do próximo quadro comunitário;
- Transferir propriedades públicas para fundos de pensões – para poder gradualmente aumentar as pensões cortadas nos últimos anos. As privatizações acabam.

Se quiser uma visão mais detalhada do programa do Syriza, pode consultar aqui uma resenha autorizada – em inglês

Área de anexos

Visualizar o vídeo Yanis Varoufakis: Confessions of an Erratic Marxist /// 14th May 2013 do YouTube

Este é o programa do Syriza, que vai mudar a Grécia e fazer repensar os rumos da Europa

Published janeiro 25, 2015 Uncategorized 4 Comments
Tags:Europa, Grécia, Syriza, União Europeia

https://luizmullerpt.wordpress.com/2015/01/25/este-e-o-programa-do-syriza-que-vai-mudar-a-grecia-e-fazer-repensar-os-rumos-da-europa/

Eleito para formar Governo, Alexis Tsipras terá como base eleitoral um extenso programa de esquerda, com várias medidas internas e outras tantas exigências a nível europeu. Aqui fica uma síntese útil.

- *Do Observador*
- Depois da noite de domingo, a Europa vai ter que contar com uma nova proposta política, eleita num Governo da zona euro. Aqui deixamos-lhe uma síntese, primeiro das linhas gerais do programa – e mais abaixo do seu programa económico, desenhado em cinco pilares.

  Começamos pelo que diz respeito à Europa:

- Reestruturar grande parte da dívida pública, de forma a que se torne sustentável, no contexto de uma "Conferência sobre a Dívida Europeia".
- Incluir uma "cláusula de crescimento" para o pagamento da parte remanescente da dívida grega, para garantir que será financiada com crescimento e "não com o orçamento".
- Incluir uma moratória para o serviço da dívida, para poupar fundos para estimular o crescimento.
- Excluir os investimentos públicos das restrições do Pacto de Estabilidade e Crescimento da UE (as novas regras interpretativas só o permitem para países que respeitem défice de 3% do PIB).
- Um "New Deal" de investimento público europeu financiado pelo Banco Europeu de Investimento (o plano Juncker já está no papel, mas o seu financiamento ainda não está acertado).
- Exigência de compra direta de dívida europeia pelo BCE, o chamado "Quantitative Easing" (O BCE anunciou esta semana um plano neste sentido, mas deixou condicionada a aplicação à Grécia – não só porque tem coberto o limite colocado para o país – até junho -, mas também condicionando-o à existência de um programa de assistência. O atual na Grécia ainda não terminou e é quase certo que o país precisará de um outro, pelo menos de um cautelar).

E aqui, uma ideia global do que se propõe a fazer dentro de fronteiras:

- Aumentar o investimento público "imediatamente" em, pelo menos, 4 mil milhões de euros.
- "Gradualmente", reverter "todas as injustiças do memorando de entendimento".
- "Gradualmente, recuperar os salários e pensões, para aumentar o consumo e a procura".
- Dar incentivos ao emprego às pequenas e médias empresas, dando subsídios ao custo da energia na indústria – em troca da criação de emprego e de uma cláusula ambiental.

- Investir em conhecimento, investigação e nova tecnologia, com o objetivo de levar de volta para a Grécia os jovens investigadores que emigraram.

O plano económico do Syriza tem como base cinco pilares, que aqui resumimos também.

Primeiro pilar: combater a crise humanitária. Custo: 1,9 mil milhões de euros

- Eletricidade grátis para 300 mil famílias a viver abaixo do limiar de pobreza;
- Subsídios à alimentação para famílias sem rendimentos, em coordenação com as autoridades locais, a Igreja e organizações de solidariedade;
- Programa de garantia de habitação, pagando parte da renda de pequenas casas a 30 mil famílias;
- Assistência de saúde e farmacêutica livre para desempregados sem subsídio;
- Cartão especial para transportes públicos, entregue a desempregados de longa duração;
- Revisão dos impostos dos combustíveis e para aquecimento em casa.

Segundo pilar: relançar a economia e promover a justiça fiscal Custo: 6,5 mil milhões de euros; Receita esperada: 3 mil milhões

- Parar os processos e arresto de contas bancárias a quem não tenha rendimentos, que ficarão suspensos por 12 meses;
- Abolição do imposto único sobre propriedade;
- Introdução de uma taxa sobre as grandes propriedades e casas de luxo;
- Aumentar o número de escalões de IRS, para assegurar maior progressividade;
- Reestruturação de empréstimos para empresas e indivíduos – para os que estiverem abaixo do limiar de pobreza e para as dívidas (ao Estado, Segurança Social e banca) que baixem os rendimentos abaixo dos 33%.

O mecanismo de revisão contará o apoio de uma organização pública, que vai garantir os pagamentos em falta;

- Recolocar o salário mínimo nos 751 euros;

Terceiro pilar: recuperar 300 mil empregos
Custo: 3 mil milhões de euros

- Recuperar os direitos perdidos com o Memorando (legislação laboral);
- Recuperar acordos coletivos;
- Abolição de layoffs "massivos e injustificados";

Quarto pilar: transformar o sistema político
Custo: zero.

- Regionalização do Estado;
- Maior autonomia aos municípios e regiões;
- Iniciativa legislativa aos cidadãos – também para convocar referendos;
- Restabelecimento da televisão pública;

Quinto pilar: encontrar receitas

- Recuperação de pagamentos em atraso ao Estado;
- Combate à evasão fiscal;
- Usar os 11 mil milhões destinados à banca no Memorando para servir de "almofada social";
- Aproveitar os fundos europeus do último quadro ainda não aproveitados, mas também do próximo quadro comunitário;
- Transferir propriedades públicas para fundos de pensões – para poder gradualmente aumentar as pensões cortadas nos últimos anos. As privatizações acabam.

Se quiser uma visão mais detalhada do programa do Syriza, pode consultaraquiuma resenha autorizada – em inglês.

Syriza's historic win puts Greece on collision course with Europe

- Voters reject EU austerity for radical alternative of far-left party
- Upstarts fall two seats short of an overall majority
- ‘Greece has turned a page,’ says 40-year-old leader Alexis Tsipras
- http://www.theguardian.com/world/2015/jan/25/syriza-historic-win-greece-european-union-austerity

---

- **Ian Traynor**, Europe editor, and **Helena Smith** in Greece
-
- The Guardian, Monday 26 January 2015
- Jump to comments (2117)

How Greece made history in a day – video

http://www.theguardian.com/world/2015/jan/25/syriza-historic-win-greece-european-union-austerity

European politics has been plunged into a volatile new era following a historic victory in Greece’s general election by far-left radicals committed to ending years of austerity.
More than five years into the euro crisis that started in Greece in October 2009 and raised questions about the single currency’s survival, Greek voters roundly rejected the savage spending cuts and tax rises imposed by Europe which reduced the country to penury.

Supporters of the opposition Syriza party cheer the results in Athens, Greece.Photograph: Milos Bicanski/Getty Images Europe

The euro briefly slumped to an 11-year low in Asian trading on Monday morning, while the Greek stock market slumped 5% in volatile early trading.
Voters handed power to Alexis Tsipras, the charismatic 40-year-old former communist who leads the umbrella coalition of assorted leftists known as Syriza. He cruised to an eight-point victory over the incumbent centre-right New Democracy party, according to exit polls and projections after 99% of votes had been counted.
Related: The Guardian view on the Greek election: a new deal for a new era | Editorial
The result surpassed pollster predictions and marginalised the two mainstream parties that have run the country since the military junta’s fall in 1974. It appeared, however, that Syriza would win 149 seats – just short of securing the 151 of 300 seats that would enable Tsipras to govern without coalition partners.

“The sovereign Greek people today have given a clear, strong, indisputable mandate,” Tsipras told a crowd of rapturous flag-waving party supporters. “Greece has turned a page. Greece is leaving behind the destructive austerity, fear and authoritarianism. It is leaving behind five years of humiliation and pain.”

Alexis Tsipras raises his fist to supporters after winning the elections. Photograph: Giorgos Moutafis/Reuters

Greece's incumbent prime minister, Antonis Samaras, whose conservative-dominated coalition had been in office since June 2012, conceded defeat early in the evening and admitted that "mistakes and injustices" had been made but insisted he was leaving office with a clear conscience. "I assumed charge of a country that was on the brink of collapse … and we restored its international credibility," said Samaras.

Related: David Cameron: Greek election result will increase economic uncertainty
Britain's prime minister, David Cameron, said the election result will increase economic uncertainty, while the chancellor, George Osborne, went further, saying that Syriza's promises will be "very difficult to deliver and incompatible with what the eurozone currently demands of its members".
On Monday morning Tsipras entered coalition talks with the leader of the small, populist rightwing party Independent Greeks. Syriza needs a coalition partner to secure a working majority, and the Independent Greeks won 13 seats.

Tsipras's victory, widely predicted, was nonetheless stunning in scale and in impact. Single-party majorities are very rare in parliamentary systems in Europe these days, in recent years occurring in only Hungaryand Slovakia under strongman leaders of the right and left. For an upstart party such as Syriza, which has never been tested in power, the victory highlighted how five years of fiscal orthodoxy in Europe have turned politics upside down.
"I just voted for the party that's going to change Greece; in fact, the party that is going to change the whole of Europe," said Panagiotis, 54, a self-employed electrician voting in the Kipseli district of Athens. "There has to be change, big change. The economy has collapsed … Syriza is Greece's hope."

Syriza supporters in Thessaloniki celebrate as exit poll results show Syriza as a clear winner in the Greek election on Sunday. Photograph: Rex/Rex

The damning popular verdict on Europe's response to financial meltdown is a haunting outcome for the EU's political elite. For the first time, power has been handed to populist outsiders deeply opposed to Brussels and Berlin, albeit not anti-European, unlike their counterparts on the far right across the EU. For the first time a child of the European crisis, an explicitly anti-austerity party, will take office in the EU.

"There's a sense that these populist movements are led by people who didn't go to university with [the leaders] and that if you ignore them they will go away. They've been ignored and patronised," said a senior EU policymaker in Brussels. "The underlying causes are economic. We want a Europe that is delivering tangible benefits to citizens. That's not what it feels like at the moment."

The result throws into question whether Greece will remain in the eurozone and the union overall, sets a precedent for anti-austerity insurgents elsewhere in Europe – notably in Spain, which will hold elections this year – and underlines public rejection of the policies prescribed mainly if not exclusively by Berlin in recent years.

Tsipras now holds Greece's European fate in his hands. Athens and its creditors – the EU and the International Monetary Fund, which have bailed the country out to the tune of €240bn (£178bn) since 2010 – will spend weeks in wrenching negotiations over the terms of continued assistance and whether his new government will do enough in terms of further cuts and reforms to keep Greece in the euro.

Syriza party supporters celebrate in Athens. Photograph: Aris Messinis/AFP/Getty Images

Neither side wants Greece to crash out of the currency. But positions are very far apart, and currently unbridgeable. While the German central bank promptly declared that Greece needed more loans but only on eurozone terms, senior Syriza figures announced that the bailout diktat was "dead".

"Grexit is unthinkable," said a second senior Brussels policymaker involved in the negotiations. "It would be extremely bad. Europe is about irreversibility. If you start doubting that, you start pricing in the risk of fragmentation and soon you have no monetary union. The only chance of Grexit is if Greece defaults on its payments. Morally, that would be saying they want to leave." A default would trigger a run on the banks, capital flight and capital controls.

The clock is already ticking. When the German chancellor, Angela Merkel, French president François Hollande, British prime minister David Cameron et al assemble for an EU summit in Brussels in just over a fortnight, they will be joined at Europe's top table by Tsipras, probably the only man there not wearing a tie. The symbolism will be enormous. Europe's anti-mainstream mavericks and populists are no longer just hammering on the doors.

Related: Profile: Alexis Tsipras, Syriza leader who looks set to take charge in Greece

Before that summit on 12 February, Tsipras, say people involved in the negotiations, will want to have already fleshed out the contours of a deal. Berlin and Brussels have been quietly sending envoys to Syriza, including Tsipras, for weeks. He has been "perfectly reasonable", say senior Brussels sources.

Greece's current bailout expires at midnight on 28 February. Without agreement to extend that programme, probably until the summer, Greece's banks will be unable to borrow normally and will depend on emergency liquidity, effectively living on an overdraft. There is up to €7bn available to Greece if it strikes a deal.

“They have to ask for an extension of the programme. If they don’t, they go belly up,” said a second policymaker. “We’re counting on their seeing their enlightened self-interest and getting the money to pay the bills.”

But another senior figure in Brussels was less optimistic: “Do we know that Germany or Finland will agree to a new programme?”

Tsipras has pledged to rewrite the terms of the bailout that dates from 2012 by trying to ease the fiscal orthodoxy defined by Berlin and achieving some form of writedown or relief on the country’s national debt of €320bn or 175% of GDP.

It is not clear how he can achieve this in the time available. Tsipras and Samaras both reject the EU terms. Samaras has been stalling since last June on the EU-IMF review of the Greek shakeup tied to the bailout.

Ironically, the eurozone is asking Tsipras, who won on a hard-left, anti-austerity rejectionist ticket, to go further than Samaras was prepared to go. Samaras and Tsipras want an end to the “humiliating” rescue programmes and their oversight by the hated troika of officials from the European commission, European Central Bank and IMF. But it is not clear how, without the creditors writing off much of the loans. This is rejected by the IMF and the ECB and is politically unacceptable to Merkel who fears it will encourage other ailing eurozone economies to shirk their sides of the bailout bargains while boosting Germany’s own growing anti-euro movement.

Besides, if freed of what it sees as the tyrannical terms of the bailout conditions, Greece is not in a position to fund itself. Its borrowing costs are currently nudging 10%, way beyond the affordable. The German government initiated parliamentary procedures last month with a view to setting up a “precautionary” fallback programme for Greece under which the country would try to fund itself on the markets, but have a eurozone cushion if that was not possible.

The German move, extremely unwelcome in Athens where the political imperative is liberation from bailouts, was seen as clumsy interference in the election. In return, the Greek outcome will now affect German domestic politics.

Tsipras’s triumph – itself a direct result of the EU’s austerity policies, although those were preceded by three decades of cronyism, nepotism and corruption which became the system in Greece – will resonate strongly beyond the Balkans, throwing up sharp questions about the policy shortcomings of the elites and their failure to get to grips with the new populist forces challenging their right to rule.

Related: Greek election: ‘The hour of the left has come. Hope has arrived’
The Podemos upstarts in Spain, the Five Star anti-establishment mavericks of Beppe Grillo in Italy, and Gerry Adams’s Sinn Féin in Ireland will all relish the Syriza victory.

Other mainstream figures in the EU will also be quietly hoping that Tsipras can mount a credible challenge to the Merkel ascendancy and secure a shift in eurozone policymaking – leaders on the centre-left such as Hollande in France and the Italian prime minister, Matteo Renzi.

The result will also chasten mainstream leaders, many of them facing elections this year across the EU as they seek to neutralise their own domestic Eurosceptic and anti-establishment forces.

“Everyone knows Europe today is a continent with no growth, no inflation, high unemployment. It’s very hard to tell people that Europe is the solution, that it has the answers. What is Europe for?” asked one of the three senior figures in unusually pessimistic remarks.

“The results of the European elections [last May] have seen anti-European parties raging everywhere. That’s discontent with the European project. There is always an economic basis. The next election could be rejection of the project and there’s nothing left.”

VITÓRIA DA ESQUERDA GREGA CHACOALHA EUROPA

26/01/2015

por Breno Altman - http://operamundi.uol.com.br/brenoaltman/2015/01/26/vitoria-da-esquerda-grega-chacoalha-europa-2/

O triunfo do Syriza, de Alexis Tsipras, futuro primeiro-ministro da Grécia, representa mais que a inédita vitória, em solo europeu, de corrente inimiga da estratégia de austeridade.

A envergadura histórica dos resultados eleitorais vai além: pela primeira vez desde o final da União Soviética, um partido de esquerda, anticapitalista, conquista o governo de uma nação do velho continente.

A vida política da região esteve marcada, desde os anos noventa, pela dança de cadeiras entre duas variáveis do neoliberalismo: a conservadora e a social-democrata.

A exceção é o nacionalismo russo de Putin e outros Estados menores, ex-integrantes do antigo espaço soviético, mas cuja identidade não está marcada por paradigmas socialistas.

As agremiações sociais-democratas, contudo, foram paulatinamente deixando de ser expressões reformistas do campo progressista para se converterem em opção mais branda da hegemonia do capital financeiro.

Suas gestões pouco ou nada se diferenciam, no fundamental, do que é defendido e praticado por legendas propriamente de direita. Chegam mesmo a compor governos de unidade nacional, como é caso alemão e o da própria Grécia até este domingo (25/01).

O Pasok, aliás, virou pó, com menos de 5% dos votos, com os eleitores esculachando a aliança de governo dos sociais-democratas com a principal legenda da direita, a Nova Democracia.

O fato é que a esquerda europeia esteve circunscrita, antes da ascensão do Syriza, a papel secundário, desempenhado por partidos comunistas e outros grupos com sérias dificuldades para se viabilizarem como alternativa de poder.

O jogo, agora, mudou.

O Syriza (em grego, abreviatura para Coligação da Esquerda Radical) tem fisionomia semelhante ao PT brasileiro.

Mais do que partido clássico, trata-se de frente orgânica. Aglutina inúmeras correntes, em espectro que vai do trotsquismo à social-democracia, ao redor de um programa de caráter socialista.

Sua principal força propulsora são os movimentos sociais e populares que se rebelaram contra o garrote financeiro imposto sobre a Grécia desde a crise de 2010.

Mas o cenário com o qual Tsipras e seus correligionários irão lidar é oposto ao percurso petista após a conquista eleitoral de 2002.

O ex-presidente Lula pode implementar políticas públicas de natureza distributiva a partir do reordenamento orçamentário, sem graves choques com o sistema financeiro mundial e sem a obrigatoriedade de reformas estruturais.

Ainda que esta orientação viesse a entrar em fadiga, como vem ocorrendo nos últimos quatros anos, a verdade é que o petismo pode promover a expansão de emprego, renda e direitos, durante longo período, sem confrontar o modelo rentista e as forças que o sustentam.

O Syriza, no entanto, somente será capaz de enfrentar a calamitosa herança social e econômica deixada por seus antecessores se fizer mudanças profundas e enfrentar o centro dirigente do imperialismo europeu.

O nó górdio é a dívida pública.

Sem estancar esta sangria, o Estado grego continuará insolvente para atender as reivindicações das ruas e retomar o crescimento.

Tsipras sinalizou, nas semanas derradeiras de campanha, disposição para negociar, evitando a ruptura com a União Européia e o euro.

Mas seus interlocutores, particularmente França e Alemanha, estão em sinuca de bico.

Se aceitam um pacto que alivie a vida helênica, outros países engastalhados — como Portugal, Espanha, Itália e Irlanda — podem pedir as mesmas facilidades. Os grandes bancos e fundos não admitem concessões dessa magnitude.

Caso a opção da chamada troika (formada pela Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional) seja bater o pé em defesa dos acordos firmados pelo governo de centro-direita que foi derrotado nas urnas, o Syriza viverá sua hora da verdade.

Teria, grosso modo, em circunstâncias de intolerância das instituições financeiras, dois caminhos pela frente.

O primeiro seria o da ruptura unilateral dos compromissos de ajuste fiscal e pagamento da dívida, além do vínculo com a moeda única, colocando em xeque todo o sistema europeu.

As consequências iniciais poderiam ser dramáticas para o povo grego, até que a retomada da soberania nacional pudesse fazer a economia respirar, liberta das sondas predadoras de seus credores.

Além da maioria parlamentar que formou graças à composição com um pequeno partido nacionalista de direita, o Gregos Independentes, Tsipras eventualmente contrabalancearia dificuldades materiais com a mobilização dos trabalhadores gregos e o alastramento desse estado de ânimo por outras nações do sul europeu.

Outro caminho seria o da submissão, acatando ditames da troika e aceitando, como compensação, algumas alterações cosméticas. Mas pagaria elevadíssimo preço político por tamanho recuo.

O Partido Comunista, por exemplo, com 15 deputados eleitos, hipotético aliado, anunciou que se recusa a compor o novo gabinete porque sua direção está convencida sobre a tendência de Tsipras à capitulação, além de criticar sua disposição de continuar na União Europeia e na Otan.

Quem viver, verá.

Aconteça o que acontecer, porém, a Grécia se transformou no epicentro dos principais lances políticos dos próximos tempos.

A Europa está aturdida por um fenômeno que talvez abra novo ciclo político, no qual se viabilize uma esquerda antagonista vocacionada para conduzir o continente a outro modelo de desenvolvimento.

Categorias: Uncategorized / Tags: austeridade, europa, grecia, syriza, troika, tsipras, ue

Breno Altman é diretor editorial do site Opera Mundi.

"Mudar a Grécia, a Europa e todo o mundo!"

HTTP://OUTRASPALAVRAS.NET/CAPA/MUDAR-A-GRECIA-A-EUROPA-E-TODO-O-MUNDO/

REDAÇÃO
– ON 26/01/2015**CATEGORIAS:** ALTERNATIVAS, CAPA, CRISE FINANCEIRA, MUNDO, PÓS-CAPITALISMO

0 0 0 0 0

Trezentos intelectuais (entre eles Wallerstein, Chomsky, Zizek, Toni Negri, Giorgio Agamben e Tarik Ali) comprometem-se a apoiar novo governo grego na luta contra ditadura financeira

[Manifesto publicado em 7/1/15]

“Uma vitória do Syriza nas próxima eleições gregas é um assunto da maior importância para quem quer mudar a Europa e o seu rumo. Essa vitória seria uma expressão da necessidade de dignidade e justiça. As ameaças e a pressão por parte dos líderes da União Europeia, da Troika [constituída pelo Banco Central Europeu, Fundo Monetário Internacional e Comissão Europeia] e dos círculos financeiros para influenciar o movimento social e as escolhas do eleitorado grego são inaceitáveis.

“Em toda a Europa, defenderemos o direito do povo grego de tomar as suas decisões livremente; de romper com a ‘austeridade’; de dizer ‘não’ à crise humanitária que atormenta o país; de construir um caminho próprio para uma mudança democrática e social e para uma nova perspectiva para a Grécia.

“Enquanto a maioria das forças políticas na Grécia escolheu curvar-se perante a Troika, o Syriza e Alexis Tsipras – tendo decidido o contrário – conseguiu criar, em estreita cooperação com vários movimentos sociais, uma coligação ampliada; uma dinâmica que poderá garantir uma maioria. A sua proposta é enfrentar de imediato a crise humanitária, restaurar os acordos coletivos e a legislação do trabalho, criar um sistema tributário justo e democratizar o sistema político. Um futuro governo do Syriza quer fazer da Grécia um ator credível e ter como precondição de qualquer negociação a sobrevivência do país e do seu povo. O Syriza quer um novo rumo, um país livre de corrupção e clientelismo, optando por um novo tipo de desenvolvimento em benefício da maioria da sua população. Proporá uma Conferência Europeia da Dívida no sentido de cancelar uma parte de seus débitos e definir, para o restante, modalidades de pagamento que facilitem a recuperação econômica através de um programa de investimento público (que não seria incluído no Pacto de Estabilidade e Crescimento). No plano europeu, este Governo irá propôr um “Novo Acordo Europeu” para o desenvolvimento humano e de transição ambiental. Precisamos de romper com a ideia que está destruindo o coletivo europeu e permitindo uma perigosa influência do populismo nacionalista e de extrema-direita. Precisamos de um novo projeto de desenvolvimento inclusivo, baseado em cooperação e democracia.

“Por toda a Europa, acreditamos que a mudança na Grécia não diz respeito apenas ao futuro do povo grego. Uma vitória do Syriza permitirá à Grécia sair da presente situação de catástrofe, mas representará também um início de mudança na Europa. Romper com as políticas de ‘austeridade’ das instituições europeias será um sinal, uma fonte de esperança para quem quer dignidade. Ao mesmo tempo, o futuro governo grego necessitará de um apoio maciço por parte dos povos europeus para fazer face às pressões dos mercados financeiros e das forças políticas que receiam qualquer renúncia ao quadro obsoleto da globalização capitalista.

Este site é sustentado por seus leitores. Clique aqui para contribuir

Ativistas políticos, sociais, sindicais, comunitários; intelectuais, investigadores, artistas, mulheres e homens da cultura: nós não aceitamos as forças de pressão que procuram impedir o povo grego de exercer a sua escolha livre. Quem exerce essa pressão perpetua estruturas de poder justamente criticadas e a atual ‘terapia de choque’.

Por toda a Europa, assumiremos as nossas responsabilidades: apoiar quem luta, mudar a relação de forças, fazer a batalha de ideias e unir os que querem construir – ao lado do povo grego – uma Europa social, ambiental e democrática.

Solidarizamo-nos com o povo Grego porque a sua luta é a nossa também.

Dino ABAZOVIĆ | Bosnia-Herzegovina | Sociologist – Open University

Nicola ACOCELLA | Italy | Professor of Economic Policy – La sapienza – University of Rome

Etienne ADAM | France | Trade unionist – Caen

Giorgio AGAMBEN | Italy | Philosopher

Christophe AGUITON | France | Social activist and trade unionist

Tariq ALI | United Kingdom | Writer

John ALLEN | United Kingdom | Professor Open University

Elmar ALTVATER | Germany | Economist – Scientific Council Attac Germany

Nacho ALVAREZ | Spain | Department of Applied Economics – University of Valladolid

Fernanda ANGIUS | Portugal | Literary critic

Thémis APOSTOLIDIS | France | Professor, social-psychologist

Mariano ARAGONES GARCIA | Spain | Journalist

Daniele ARCHIBUGI | Italy | Research Director at the Italian National Research Council (CNR) – Rome

Stanley ARONOWITZ | United States | Distinguished Professor – Graduate Center, City

University of New York

Arto ARTINIAN | United States | Assistant Professor of Social Science, Borough of Manhattan Community College

Gérard ASCHIERI | France | Trade unionist

Uri AVNERY | Israel | Activist and writer

Walter BAIER | Austria | Economist, coordinator Transform ! Europe

Gopal BALAKRISHNAN | United States | Associate Professor of History – University of California

Etienne BALIBAR | France | Emeritus Professor– Paris Nanterre

Josep BANYULS LLOPIS | Spain | Profesor Titular Universidad

Jean-Jacques BAREY | France | Acteur culturel

Alfredo BARROSO | Portugal | Journalist, former head of the presidential house

Marija BARTL | Netherlands | Assistant Professor – Law Faculty – University of Amsterdam

Bernd BELINA | Germany | Professor of geography – Goethe University – Frankfurt

Matyas BENYIK | Hungary | Chairman, ATTAC Hungary

Charles BERNSTEIN | United States | Donald T. Regan Professor of English and Comparative Literature – university of Pennsylvania

Jacques BIDET | France | Philosophe – emeritus professor – university of Paris Ouest Nanterre

Andreas BIELER | United Kingdom | Professor of Political Economy –School of Politics and International Relations – University of Nottingham

Franco Berardi BIFO | Italy | Philosopher

Jean BIGOT | France | Film Producer

Frédéric BOCCARA | France | Lecturer of Economics at the University Paris 13

Gerhard BOCK | Germany

Raffaella BOLLINI | Italy | L'Altra Europa con Tsipras

Sergio BOLOGNA | Italy | Sociologist

Hermann BOMER | Germany | Technical University of Dortmund

Nicole BORVO | France | Honorary senaor

Paul BOVE | United States | Professor of English at the University of Pittsburgh

Einar BRAATHEN | Norway | Political scientist

Jean-Claude BRANCHEREAU | France | Trade unionist and socialist

Ulrich BRAND | Austria/Germany | Political Scientist

Trautl BRANDSTALLER | Austria | Journalist

Peter BRATSIS | United States | Assistant Professor of Political Science Social Sciences and Human Services, City University of New York

Rony BRAUMAN | France | Doctor, publicist

Brid BRENNAN | Ireland | TNI's Alternative Regionalisms Programme Coordinator.

Ulrike BRETH | Deutschland | Institut Solidarische Moderne e.V.

Patrick BRODY | France | Trade unionist

Harry BROWNE | Ireland | Writer and lecturer in Dublin Institute of Technology

Jean BRUNACCI | France | Syndicaliste – secrétaire de l'Union régionale Solidaires des pays de la Loire

Ray BUSH | United Kingdom | Professor of African studies and development politics – University of Leeds

Judith BUTLER | United States | Maxine Elliot Professor in the Department of Comparative Literature and the Program of Critical Theory – University of California, Berkeley

Christoph BUTTERWEGGE | Germany | Professor – University of Köln

Nadežda ČAČINOVIĆ | Croatia | Philosopher – University of Zagreb

Gisèle CAILLOUX | France | Commission économique – PCF

Ankica ČAKARDIĆ | Croatia | University of Zagreb

Jean-Yves CAMUS | France | Political Scientist

Mario CANDEIAS | Germany | Political Scientist – Direktor des Institus fur

Gesellschaftsanalyse – Rosa Luxemburg Stiftung – Berlin

Philip CASEY | Ireland | Poet and Novelist

Matthew CAYGILL | United Kingdom | School of Cultural Studies & Humanities, Leeds Beckett University

Gayatri CHAKRAVORTY SPIVAK | United States | University Professor in the Humanities – Columbia University

Vincent CHARBONNIER | France | Teacher and doctorand in philosophy

Vivek CHIBBER | United States | Professor of Sociology – Center of Advanced Social Science Research – New.York.University

Noam CHOMSKY | United States | MIT

CHULLAGE | Portugal | Social activist and musician

Sarah CLANCY | Ireland | Poet

John P. CLARK | United States | Emeritus professor of philosophy – loyola University – New Orleans

Patrice COHEN-SEAT | France | President of Espaces Marx

Gabriel COLLETIS | France | Professor of economy – Toulouse 1 –Capitole

Benjamin CORIAT | France | Professor of economy – University Paris13 – Sorbonne Cité

Enrique CORREA CATALA | Spain

Annick COUPE | France | Trade unioist

Pierre COURS-SALIES | France | Sociologist – professor University Paris 8

Thomas COUTROT | France | Speaker Attac

Denys CROLOTTE | France | Lecturer in ecucation

Michael CRONIN | Ireland | Professor – Centre for Translation and Textual Studies SALIS – Dublin City University www.michaelcronin.ie

Alexis CUKIER | France | Philosopher

Rolf CZESKLEBA-DUPONT | Danmark | Lecturer social science Roskilde University

CLARE DALY | Ireland | Member of the Irish Parliament

Lieven DE CAUTER | Belgium | Philosopher-writer – University of Leuven – Brussels

Herman DE LEY | Belgium | Emeritus professor Ghent University

Jan De VRIES | Germany | Trade union secretary – Hannover

Raymond DEANE | Ireland | Composer, author, political activist www.raymonddeane.com

Marc DELEPOUVE | France | Academic and trade unioist

Judith DELHEIM | Germany | Senior fellow Rosa Luxemburg Foundation

Pilar DEL RIO | Portugal | Journalist and head of the Saramago Foundation

Alex DEMIROVIC | Germany | Apl Professor, Goethe University, Frankfurt/Main

Frank DEPPE | Germany | Professor Political Sciences

Richard DETJE | Germany | WISSENtransfer

Pat DEVINE | United Kingdom | University of Manchester

France DI GIUSTO | France | Retraitée – CNRS

Claude DIDRY | France | Chercheur au CNRS

John DOUGLAS | Ireland | President of the Irish Congress of Trade Unions

Costas DOUZINAS | United Kingdom | Birkbeck Institute for humanities

Bernard DREANO | France | President of the French section of the Helsinki Citizens Assembly

Jean-Michel DREVON | France | Trade unionist

Véronique DUBARRY | France | Assistent to the mayor of Ille-Saint-Denis – EELV

Jean-Pierre DUBOIS | France | Activist of the Humann Rights Ligue

Jean-Numa DUCANGE | France | Historian – University of Rouen

Ulrich DUCHROW | Germany | Professor – Heidelberg

Denis DURAND | France | Trade unionist – Banque de France

Wlodzimierz DYMARSKI | Poland | Poznan University of Economics

Gary DYMSKI | United Kingdom | Professor of applied economics – Leeds University Business

School

Matthias EBERNAU | Germany | Trade union official

Stuart ELDEN | United Kingdom | Professor of Political Theory and Geography, University of Warwick

Kıvanç ELIAÇIK | Turkey | Director of International Relations Department, Confederation of Progressive Trade Unions of Turkey – DISK International

Philippe ENCLOS | France | Teacher and researcher of law

Trevor EVANS | Germany | professor of economy, EuroMemo group

Anne EYDOUX | France | Economist

Sarah FARRIS | United Kingdom | Goldsmiths College, University of London

Jean-luc FAUGUET | France | Universitaire-sociologist

MANUEL FERNANDEZ | Spain

Gerard FILOCHE | France | member of the national executive board of the socialist party

Andreas FISAHN | Germany | Professor of public law, University of Bielefeld

Jörg FLECKER | Austria | Professor of Sociology

Teresa FORCADES | Spain | Monestir Sant Benet Montserrat

Frances FOX PIVEN | United States | Graduate School – City University of New York

Carlos FRADE | United Kingdom | Senior Lecturer in Sociology – University of Salford-Manchester

Elena FRANGAKIS-SYRETT | United States | Professor of Economic History – Queens College and the Graduate Center – City University of New York

Adeline FRENZEL | Germany | Student

Daniel FRIEDRICH | Germany | Union secretary

Bernard FRIOT | France | Economistist and sociologist

Maryse GADREAU | France | Professor emerituseur – university of Bourgogne

Jean GADREY | France | Professor of economy

James K. GALBRAITH | United States | Lloyd M. Bentsen Jr. Chair in Government/Business relations – University of Texas – Austin

Dan GALLIN | Switzerland | Global Labour Institute, Geneva

Manuel GARCIA ALGARRA | Spain | Spokesperson of the social list group in the local council of Massalfassar

Isabelle GARO | France | Teacher and activist of the Front de Gauche

Adriana GARRIGA-LOPEZ | United States | Poet, anthropologist

Sabine GATZ | Germany | Union Secretary

Elisabeth GAUTHIER | France | Transform ! Europe/Espaces Marx

Didier GELOT | France | Economist

Jacques GENEREUX | France | Professor – Institut of political stuidies, Paris

Susan GEORGE | France | Writer, Honorary president of ATTAC

Henry GIROUX | Canada | Chair for Scholarship in the public Interest – Mc Master University, Hamilton, Ontario

Sérgio GODINHO | Portugal | Singer

Roland GORI | France | Appel des appels

John GRAHL | United Kingdom | Middlesex University Business School

Penny GREEN | United Kingdom | St. Mary‘s College – University of London

Edith GROßPIETSCH | Germany

Adoracion GUAMAN HERNANDEZ | Spain | Professor of labour law

Gérard GUERIN | France | Agronomist

Laura GUNTHER | Germany | Student

Kenneth HAAR | Danmark | Researcher

Fabienne HALOUI | France | Regional counceler, PCF, Front de Gauche

Michael HARDT | United States | Duke University

Marta HARNECKER | Chile | Author and popular educator

Jean-Marie HARRIBEY | France | Economists, University of Bordeaux

Martin HARRIES | United States | Professor, University of california – Irvine

David HARVEY | United States | Distinguished Professor of Anthropology and Geography

Keller HEINRICH | Austria | Lawyer

Arne HEISE | Germany | Professor of economics – Hamburg University

Gottfried HELNWEIN | Austria | Painter

Peter HERRMANN | Hungary | Corvinus University – Faculty of Economics – Department of World Economy – Budapest

Miloslav HETTES | Slowakei | Asst Professor – lecturer

Ted HONDERICH | United Kingdom | Emeritus Professor – philosophy of mind and logic – University College London

Laura HORN | Danmark | Roskilde University

Srećko HORVAT | Croatia | philosopher

Kate HUDSON | United Kingdom | Visiting Fellow at London South Bank University

Paul HUDSON | Germany | University Wittemburg-Halle

Ray HUDSON | United Kingdom | Professor of geography and acting cancelor –University of Durham

Wang HUI | China | Tsingshua University

Johannes JÄGER | Austria | Economist

Bob JESSOP | United Kingdom | Distinguished Professor of Sociology –University of Lancaster

Inger V. JOHANSEN | Danmark | transform!danmark

Christian JUHL | Danmark | Member of parliament

Arni Daniel JULIUSSON | Iceland | ATTAC Iceland

Claudine KAHANE | France | Trade unionist

Kerstin KAISER | Germany | Member of the state parliament of Brandenburg – Die LINKE

Ute KALBITZER | Germany | Board member of Institut für Solidarische Moderne

Mary KALDOR | United Kingdom | Professor of Global Governance – London School of Economics and Political Science

Andreas KALYVAS | United States | Associate Professor and Chair Department of Politics – New School for Social Research and the Eugene Lang College

Piotr KAWIORSKI | Poland

Danièle KERGOAT | France | Honorary research director of CNRS

Fabian KESSL | Germany | University Duisburg-Essen,

Razmig KEUCHEYAN | France | Sociologist, University Paris – Sorbonne – Paris 4

Pierre KHALFA | France | Co-president of Copernic-Foundation

Johann KRESNIK | Choreographer and theater director

Gregor KRITIDIS | Germany | Historian

Kalle KUNKEL | Germany | Union Secretary

Peter KURBJUWEIT | Germany | DIE LINKE

Jean-Marc LACHAUD | France | Philosopher-Professor at the University Paris-Panthéon-Sorbonne

Xavier LAMBERT | France | University Professor

Dany LANG | France | Maitre de conférences – Université Paris 13 – Sorbonne Cité

Stéphane LAVIGNOTTE | France | Pastor, president of ésident du Christianisme social

Kristin LAWLER | United States | College of Mount Saint Vincent, New York City

Mary N. LAYOUN | United States | Professor – Comperative literature – University of Wisconsin

MAURIZIO LAZARRATO | France | Philosopher

Manon LE BRETTON | France | Teacher, Trade unionist, Parti de Gauche

Jeremy LEAMAN | United Kingdom | Senior lecturer in European Political Economy – Loughborough University

Frédéric LEBARON | France | Sociologist

Michael A LEBOWITZ | Canada | Emeritus Professor of economics – Simon Fraser University

Philippe LEGE | France | Economist

Steffen LEHNDORFF | Germany | University of Duisburg

Sabine LEIDIG | Germany | Member of the parliament, Die LINKE

Ken LOACH | United Kingdom | Filmmaker

Olivier LONG | France | Painter and teacher, Paris 1 Sorbonne

SERGIO LOPES | Portugal | University Professor

Isabelle LORAND | France | Surgeon

Gérard LORRAIN | France | University teacher

Peter LOTHAR | Germany | Professor em. University Bremen

Francisco LOUÇÃ | Portugal | University Teacher of ISEG

Michael LOWY | France | Sociologist and philosopher

Birgit MAHNKOPF | Germany | Economist University Berlin

Pascal MAILLARD | France | Professor Université de Strasbourg – responsable SNESUP-FSU

Christian MARAZZI | Switzerland | Scualo universitaria professionale

Susan MARKS | United Kingdom | Professor at the London School of Economics and Political Science

Philippe MARLIERE | United Kingdom | Professor of politicak Sciences

Jochen MARQUARDT | Germany | DGB

Roger MARTELLI | France | Historian

Guy MARTIN | France | geographer

Carlos MARTINEZ | Spain | Alternativa Socialista

Doreen MASSEY | United Kingdom | Emeritus professor of geography – Open University

Gus MASSIAH | France | Altermondialiste

Ignazio MASULLI | Italy | Professor of History of Labour – University of Bologna

Gérard MAUGER | France | Sociologuist

Margit MAYER | Germany | Emeritus Professor of sociology, Berlin

Philippe MAZEREAU | France | Lecturer

Niamh Mc CREA | Ireland | ATTAC Ireland

Meredith L. McGILL | United States | Associate Professor of English – Rutgers University – New jersey

Alessandra MECOZZI | Italy | Union and altermondialist activist

Dominique MEDA | France | Sociologist

Mahmoud MESKOUB | Netherlands | Senior Lecturer International Institute of Social Studies (Erasmus University of Rotterdam)

Sandro MEZZADRA | Italy | Associate Professor of Political Theory, University of Bologna

Jo MICHELL | United Kingdom | Senior Lecturer in Economics – University of West England – Bristol

Rastko MOČNIK | Slovenia | University of Ljubljana

Serge MONCHAUD | France | Professor emeritus

Nuno MONIZ | Portugal | cul:tra

Gilles MONSILLON | France | Environmental activist, Ensemble

Gérard MORDILLAT | France | Novelist and filmmaker

Roberto MOREA | Italy | Transform ! italia

Kevin MORGAN | United Kingdom | Professor of Geography – Cardiff University

Luisa MORGANTINI | Italy | Former Member of the European Parliament.

Judith MORVA | Hungary | Economist

Lilja MOSESSDOTTIR | Norway | Former MPof Iceland and Senior researcher – Moss – Norway

Chantal MOUFFE | United Kingdom | Professor of political theory – University of Westminster – London

Clara MOURA LOURENCO | Portugal | Professor, activist of the Citizen movement for Coimbra

Aamir MUFTI | United States | Associate Professor – Department of Comparative Literature Department – University of California – Los Angeles (UCLA)

Karma NABULSI | United Kingdom | Professor of Politics and International Relations – Oxford University

Corinne NATIVEL | France | Teacher and researcher University Paris-Est Créteil

Wolfgang NEEF | Germany

Antonio NEGRI | Italy | philosopher

Armand NEJADE | France | Researcher

Marc NEVEU | France | Trade unioist-professor, University of Bourgogne

ANDREJ NIKOLAIDIS | Montenegro | Writer

Pierre NOEL | France | Trade unioist

Sam NOLAN | Ireland | Secretary of Dublin Council of Trade Union

Andreas NOVY | Austria | Universityprofessor

Ronan O'BRIEN | Belgium | Independent researcher – Brussels

Fabienne ORSI | France | Economist

David PALUMBIO-LIU | United States | Louise hewlett Nixon Professor, professor of comparative Literature – Stanford University

Neni PANOURGIA | United States | Visiting Associate Professor, Department of Anthropology, New School for Social Research, New York

Leo V. PANITCH | Canada | Distinguished Research Professor of Political Science – York University, Member of Royal Society of Canada

Ian PARKER | United Kingdom | Professor of Management – University of Leicester

Andrew PARKER | United States | Rutgers University

ALEXIS PASSADAKIS | Germany | ATTAC Germany

José Luís PEIXOTO | Portugal | Writer

Michael PELIAS | United States | Professor in the Philosophy department at Long Island University, New York

Roland PFEFFERKORN | France | Professeur – Strasbourg

Mario PIANTA | Italy | Economist, University of Urbino

Klaus PICKSHAUS | Germany | Publicist and trade unionist

Christian PILICHOWSKY | France | Trade unionist

Eugénia PIRES | Portugal | Economist-doctorand at the school of Oriental and African Studies (SOAS)

Nicoletta PIROTTA | Italy | Member of Feminists for Another Europe

Dominique PLIHON | France | Economist, Scientific council of ATTAC

Viggo PLUM | Denmark | Professor Roskilde University

Nina POWER | United Kingdom | University of Roehampton

Miroslav PROKESCH | Czech Republic | Alliance of Labour and Solidarity

Daniel PUERTO GARCIA | France | Laboratory lasers plasmas et photonic processes (LP3), CNRS and University of the Mediterranean, Marseille

Christophe RAMAUX | France | Economist, UniversityParis I

Sabine REINER | Germany | Trade union secretary, Verdi

Sebastian RIOUX | Canada | Postdoctoral Fellow Department of Geography The University of British Columbia

Jean-François ROBBIC | France | Artist/University Professor

Bruce ROBBINS | United States | Old Dominion Foundation – professor in the humanities – Philosophy Hall – Columbia University, NY

Helena ROSETA | Portugal

Philippe ROUSSEAU | France | Professor emeritus of Greek language and literature, University Charles de Gaulle – Lille 3 – honorary président of the university (2000-2005)

Wermer RUGEMER | Germany | Publicist, lecturer – university of Koln

Carlos RUIZ ESCUDERO | Spain

Thomas SABLOWSKI | Germany | Social scientist, Rosa Luxemburg Stiftung

Nina SANKARI | Poland | Feminists for Another Europe

Saskia SASSEN | United States | Columbia University

Thomas SAUER | Germany | Professor of Economics Ernst-Abbe University of Applied Sciences – Jena

Constantin SAYEGH | Switzerland | Doctor

Andrew SAYER | United Kingdom | Emeritus Professor – Lancaster University

Michael SCHARANG | Austria | Writer

Sebastian SCHIPPER | Germany | University – Weimar

Horst SCHMITTHENNER | Germany | IG Metall

Hannelore SCHMITTHENNER-BOPP | Germany | IG Metall

Herbert SCHUI | Germany | Economist, professur Emerit

Stephan SCHULMEISTER | Austria | Economist

Ursula SCHUMM-GARLING | Germany | Professor – member of SOSTv.E.

Jürgen SCHWIERS | Germany | Union Secretary, ver.di

Cristina SEMBLANO | France | Economist – University of Paris IV – Sorbonne

Jane SHALLICE | United Kingdom | Educator – Activist – Member of the British Committee for the Reunification of the Parthenon Marbles – Stop the War Coalition

Helena SHEEHAN | Ireland | Emeritus Professor – Dublin City University

Stuart SHIELDS | United Kingdom | University of Manchester

Solange SIDEIRA | France | Member of the Feminists for another Europe

Irene SILVERBLATT | United States | Director of Undergraduate Studies, Cultural Anthropology – Duke University – Durham

Makis SOLOMOS | France | Professor, University Paris 8

Armando F. STEINKO | Spain | Sociologist – University Computensia Madrid

Henri STERDYNIAK | France | Co-faciliator of the Economistes Atterrés

Bernard STIEGLER | France | Philosopher

Igor STIKS | Scotland | Edinburgh University

Marlene STREERUWITZ | Austria | Writer

Alexandra STRICKNER | Austria | Economist

Erik SWYNDEDOUW | United Kingdom | Professor of Geography – School of Environment and Development-Manchester University

Jean-Michel TARRIN | France | Activist of ensemble 92

Jacques TESTART | France | Biologist

Peter D. THOMAS | United Kingdom | Senior Lecturer, Department of Politics, History & the Brunel Law School

Eric THOUZEAU | France | Regional counceler (Pays de Loire), socialist

Henrik TOFT JENSEN | Denmark | Professor and former vice rector Roskilde University

Daniel TONDEUR | France | Research director – emeritus.

Jan TOPOROWSKI | United Kingdom | Professor of Economics and Finance, School of Oriental and African Studies, University of London

Alberto TOSCANO | United Kingdom | Reader in Critical Theory Department of Sociology-Goldsmiths – University of London

André TOSEL | France | Philosopher

Eric TOUSSAINT | Belgium | Spokesperson CADTM international – Liege

Enzo TRAVERSO | United States | Cornell University

Aurélie TROUVE | France | Altermondialist

Sol TRUMBO VILA | Spain | Economic Justice, Corporate Power and Alternatives Program, Transnational Institute (TNI)

Raymond VACHERON | France | Syndicaliste et socialiste

Felipe VAN KEIRSBILCK | Belgium | Altersummit

Eleni VARIKAS | France | Professor emeritus – University Paris 8

Marie-Christine VERGIAT | France | Députée Européenne GUE-NGL

Marie-Dominique VERNHES | Germany | ATTAC Germany
Eva VÖLPEL | Germany | Press officer of federal board ver.di
Hilary WAINWRIGHT | United Kingdom | Co-editor, Red Pepper, Fellow, Transnational Institute
Wiliam WALL | Ireland | Writer
Mick WALLACE | Ireland | Member of the Irish Parliament
Immanuel WALLERSTEIN | US/France | Social scientist and social historian
Louis WEBER | France | Revue Savoir/Agir
Ruth WODAK | United Kingdom | Professor – University of Lancaster
Frieder Otto WOLF | Germany | Faculty member – Institut für Philosophie Department – Freie Universität Berlin
Richard D. WOLFF | United States | Emeritus Professor – economics – University of Massachusets
Santiago ZABALA | Spain | ICREA, Pompue Fabra University, Barcelone
Karim ZAHIDI | Belgium | Dept. of Philosophy, University of Antwerp
Jean ZIEGLER | Switzerland | Sociologist, former member of the UN Human Rights Council
Slavoj ŽIŽEK | United Kingdom | Birkbeck Institute for humanities

Com aliança e maioria, Tsipras será nomeado premiê grego nesta segunda

Ele é líder do partido de esquerda radical Syriza, vencedor de eleições.
Aliança com partido de direita garantiu maioria no Parlamento.
Da France Presse

HTTP://G1.GLOBO.COM/MUNDO/NOTICIA/2015/01/ALEXIS-TSIPRAS-SERA-NOMEADO-PRIMEIRO-MINISTRO-GREGO-NESTA-SEGUNDA.HTML

Líder do partido Syriza, Alexis Tsipras acena para apoiadores em Atenas neste domingo (25) (Foto: Lefteris Pitarakis/AP)

O líder do partido de esquerda radical Syriza, Alexis Tsipras, será nomeado primeiro-ministro da Grécia às 14h GMT (12h de Brasília), indicou a presidência grega em um comunicado. O Partido conseguiu 149 das 300 cadeiras do Parlamento, e obteve a maioria absoluta após uma aliança com o pequeno partido de direita nacionalista Gregos Independentes, que obteve 13 lugares.
"Vamos dar um voto de confiança ao novo primeiro-ministro, Alexis Tsipras", declarou Panos Kammenos, depois de se reunir com o líder do Syriza.

saiba mais

- **Esquerda vence eleição na Grécia e promete negociar com credores**
- **Vitória de Syriza na Grécia pode gerar nervosismo em mercado financeiro**
- **Primeiro-ministro grego cumprimenta partido Syriza por vitória eleitoral**

O Gregos Independentes, que mantêm um discurso antiausteridade junto a uma retórica nacionalista e populista, já haviam indicado antes das eleições sua intenção de se aliar com o Syriza para colocar fim às medidas de austeridade. Kammenos, um dissidente da conservadora Nova Democracia, criou este partido após a explosão da crise grega em 2010.
O Syriza se converteu no primeiro partido antiausteridade a alcançar o governo na Europa e Tsipras será o primeiro-ministro mais jovem da Grécia em um século e meio.
"Nesta segunda às 16h (hora local) o presidente da República Karolos Papoulias nomeará oficialmente como primeiro-ministro Alexis Tsipras", indicou a chefia de Estado.

O novo governo estará disposto a negociar pela primeira vez com nossos sócios uma solução justa, viável, duradoura, que beneficie todos"

Alexis Tsipras, novo premiê grego

Tsipras anunciou que pretende negociar com os credores do país "uma nova solução viável, que beneficie todos" após vencer as eleições legislativas deste domingo (25), segundo a France Presse.

"O novo governo estará disposto a negociar pela primeira vez com nossos sócios uma solução justa, viável, duradoura, que beneficie todos", declarou Tsipras, diante de uma multidão reunida na praça da Universidade de Atenas.
"A Grécia avança com otimismo, em uma Europa que muda", afirmou, em seu primeiro discurso após a vitória eleitoral. "Temos consciência de que os gregos nos deram um cheque em branco. Temos, diante de nós, uma oportunidade importante para a Grécia e Europa", afirmou.

Reação internacional

A chanceler alemã, Angela Merkel, espera que o novo governo grego mantenha os compromissos adquiridos com os credores internacionais, indicou nesta segunda seu porta-voz.
"Na nossa opinião é importante que o novo governo tome medidas que preservem a recuperação econômica da Grécia", declarou Steffen Seibert. "Isso significa que os compromissos adquiridos devem ser respeitados", acrescentou.

> Os compromissos adquiridos devem ser respeitados [pelo novo governo]"
>
> **Steffen Seibert, porta-voz de Angela Merkel**

O presidente do Eurogrupo, o ministro das Finanças holandês Jeroen Dijsselbloem, afirmou nesta segunda-feira, ao ser indagado sobre a chegada ao poder na Grécia do partido de esquerda radical Syriza, que "pertencer à zona do euro significa que é preciso respeitar o conjunto dos acordos".
"Sobre esta base estamos prontos para trabalhar com eles", acrescentou, referindo-se ao novo governo.
A diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Lagarde, disse em entrevista que a Grécia tem que respeitar as regras da zona do euro e não pode exigir tratamento especial para sua dívida na esteira da vitória do partido contrário à austeridade.
"Existem regras internas na zona do euro a serem respeitadas", disse Lagarde ao jornal "Le Monde". "Não podemos fazer categorias especiais para tal ou tal país."

Eu sou grego

22 Janeiro 2015, 21:21 por Leonel Moura | leonel.moura@mail.telepac.pt

http://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/leonel_moura/detalhe/eu_sou_grego.html

A Grécia foi o berço da Democracia. Volta a sê-lo. Agora de uma democracia reanimada. Uma vitória do Syriza este domingo terá um grande alcance. Muito maior do que a simples ascensão da extrema-esquerda ao poder governativo.

É a própria democracia, tal como ela tem sido entendida e praticada, que sofre um grande abanão.

Vivemos, na Europa, no lugar mais livre do planeta, onde o cidadão tem mais direitos e maior diversidade de escolha política. Um espaço tão livre que assusta muita gente, como se sabe. Fundamentalistas, fanáticos, tiranos de todo o género. E também muitos idiotas, sobretudo nas extremidades da direita e da esquerda.

Mas, nem por isso, podemos falar de uma democracia avançada. Os mecanismos de controlo e sobretudo de condicionamento do voto são poderosos e conhecidos. O dinheiro dá os meios, a informação manipula os factos. O cidadão comum é pouco atento e, genericamente, bastante confuso. Segue a política da mesma forma que segue o futebol ou a última moda. É influenciável, vítima do marketing. Tende por isso a acreditar nos que mais vezes aparecem nas pantalhas e escolher os que mais habilmente o enganam. Em suma, a maioria dos eleitores são baratas tontas. Andam aos ziguezagues sem pensar nas consequências do seu voto. E como dizia Emídio Rangel ciente desta realidade: deem-me um canal de televisão e eu vendo um Presidente. Daí o ciclo esquizofrénico de entusiasmo e desilusão que caracteriza as nossas democracias.

Apesar do descrédito da política as nossas sociedades vão assim saltitando numa alternância inconsequente. Umas vezes vota-se à direita, outras na esquerda moderada. O centrão domina. E com ele o mesmo pensamento, as mesmas receitas, as mesmas políticas ditas irremediáveis.

Uma vitória do Syriza quebra este círculo vicioso. Pode não conseguir mudar a realidade social da Grécia da noite para o dia. A dependência entre países, avassaladora no caso da Europa e da moeda única, dificulta qualquer solução heterodoxa. Aliás, temos visto o mecanismo do condicionamento a funcionar. As ameaças da Alemanha e em geral de toda a direita europeia e parte dos partidos socialistas; as pressões dos "mercados"; a criação de um clima de medo que possa levar os gregos a votar na suposta segurança que a direita oferece. Não fosse tudo isto demasiado banal e seria um escândalo. Seria mesmo um crime contra a própria democracia que todos dizem defender nos atos solenes.

A novidade da Grécia é que a artilharia não está a resultar. Quanto mais a senhora Merkel dispara, mais o Syriza sobe nas sondagens. A possibilidade de este partido chegar ao poder é por isso a consumação de uma rutura importante. Representa o fim da ruinosa alternância. Abre uma porta decisiva que, mais do que os discursos piedosos sobre a crise da democracia, pode levar a mudanças efetivas. A mera hipótese dessa vitória já está a alterar comportamentos. Há muita gente em pânico. Em Bruxelas arrancam-se cabelos. Por cá, Francisco Assis do PS exige ao Syriza compromisso, esta gente adora compromissos. Mas começam também a aparecer vozes que não se conformam com uma tão flagrante desvirtuação das regras democráticas. Na própria Grécia, o PASOK, parente do PS, já admite uma coligação. Tem certamente por objetivo tentar "controlar" os esquerdistas do Syriza, mas não deixa de ser notável assistir a uma tal inversão da geometria dominante. O To Potami, um partido confuso mas pró-europeu, também estará disponível caso o Syriza não consiga uma pouco provável maioria absoluta.

Em conclusão. A Grécia está prestes a provocar um verdadeiro terramoto na política europeia. Primeiro, porque vai fazer frente à ideologia dominante da austeridade, seguida pelos governos de direita e também pelos da esquerda socialista. Será necessário encontrar novas soluções, já que a expulsão não passa de uma chantagem reles. A renegociação da dívida é inevitável. Segundo, porque a vitória de um partido exterior ao famoso "arco da governação" quebra um inaceitável tabu antidemocrático. Se tal suceder, graças aos gregos, a Europa na segunda-feira será mais livre e mais democrata.

Artista Plástico

Este artigo está em conformidade com o novo Acordo Ortográfico

Paulo Timm **compartilhou a publicação de Valério Paiva.**

2 h

Valério Paiva adicionou 4 novas fotos.

Para quem não sabe, entre os membros do Syriza está Manolis Glezos, com 92 anos, atualmente eurodeputado e herói nacional da Grécia por ter roubado em 1941 a bandeira da Alemanha Nazista hasteada na Acrópole de Atenas durante a invasão na II Guerra. Manolis Glezos foi torturado e condenado à morte, mas salvo pela resistência.
Depois lutou na Guerra Civil contra a monarquia e foi condenado à morte novamente em 1948, mas pelo próprio governo grego. Por causa da sua popularidade e com medo de uma rebelião, o governo trocou o seu fuzilamento por prisão perpétua em 1950 e mesmo assim foi eleito deputado no ano seguinte. Foi libertado por pressão popular em 1954.
Foi novamente preso em 1958 acusado de ser espião soviético e condenado novamente à prisão perpétua. Libertado em 1962, foi preso de novo no golpe militar de 1967, sendo livre apenas em 1971.
Durante a implantação das políticas de austeridade à mando da Troika, Manolis Glezos continuou indo nas manifestações, sendo agredido e preso aos 88 anos de idade.
Hoje, Manolis Glezos, após 11 anos e 4 meses de prisão, 4 anos e seis meses de exílio, duas penas de morte, duas prisões perpétuas, uma invasão nazista, uma resistência contra a monarquia, uma guerra civil, uma ditadura militar e das políticas de austeridade impostas pela Troika, enfim faz parte de um governo junto com todo povo trabalhador grego.

Com Syriza, a Grécia continua atrelada à Troika, à OTAN e ao mercado

ESCRITO POR ACHILLE LOLLO, DE ROMA PARA O CORREIO DA CIDADANIA
SEXTA, 23 DE JANEIRO DE 2015

Recomendar

Pouco antes do Natal, o influente jornal alemão, Handelsblatt, publicava um editorial onde eram citadas as declarações do carismático líder do Syriza (Partido da Esquerda Radical), Alexis Tsipras, provocando o desencanto em muitos setores da sociedade grega que, ao votar no novo partido, acreditavam que com ele a Grécia poderia reconquistar a soberania e reconstruir a economia depois dos desastres provocados pela "Troika" (União Europeia, FMI e BCE).

No editorial do Handelsblatt, Alexis Tsipras dava a entender, bem claramente, que acabou a fase dos protestos de rua e das palavras de ordem contrárias à União Europeia, visto que com a transformação do movimento em partido a prioridade foi dotar o Syriza do necessário pragmatismo político para gerenciar o futuro governo de coalizão que Alexis Tsipras deverá formar após as eleições de 25 de janeiro.

Por isso, para tranquilizar o mercado e, sobretudo, os tecnocratas da União Europeia, Alexis Tsipras declarou ao Handelsblatt: "*O governo liderado pelo Syriza respeitará todas as obrigações que a Grécia assumiu, enquanto membro efetivo da Eurozona, visando alcançar o equilíbrio orçamentário e procurando atingir os objetivos fixados no âmbito da União Europeia*".

Depois, no dia 20, isto é, às vésperas das eleições, Alexis Tsipras, para ganhar o voto dos moderados e dos indecisos, e assim alcançar um majoritário 35%, recorreu ao jornal conservador britânico *Financial Times* para prometer que "o *futuro governo chefiado pelo Syriza vai manter todos os compromissos que a Grécia assumiu anteriormente com a União Europeia em matéria orçamentária e para eliminar o déficit. Ao mesmo tempo, pretendemos introduzir na Grécia um novo contrato social para fechar o ciclo da austeridade e, consequentemente, alcançar a estabilidade política e a segurança econômica*".

Os "brokers" do mercado adoraram as declarações de Tsipras, enquanto em Bruxelas o poliglota presidente do BCE, Mario Draghi, comentava alegremente em francês: "*Enfin, Alexis c'est pás um enfant terrible* (afinal, esse Alexis não é um garoto mau!). Consequentemente, a bolsa de valores de Atenas voltou a subir, depois da recaída no fim de novembro, quando a revista alemã *Der Spigel*, alinhando-se à posição dos falcões do Parlamento Europeu, publicou uma reportagem sobre a possível saída da Grécia da Eurozona, enfocando, por isso, a antiga militância comunista de Alexis Tsipras e as vertentes esquerdistas (maoístas e trotskistas) do novo partido Syriza como elementos fundamentais para impor ao novo governo a decisão de abandonar a União Europeia e voltar à inflacionadíssima dracma, a antiga moeda da Grécia.

A provocativa reportagem do *Der Spigel* não teve efeitos e foi desmentida até por Ângela Merkel, visto que os emissários da BCE e, sobretudo, da Comissão Europeia estavam negociando "*em off*" com Alexis Tsipras o futuro programático da Grécia, do momento que o governo do direitista Antonis Samaras estava com os dias contados. Não é casual que o presidente do BCE, Mario Draghi, foi citado em todos os noticiários das TV europeias dizendo que "*haverá uma flexibilização orçamentaria para aumentar a liquidez em cada país da União Europeia, o que permitirá a economia respirar com novas fontes de financiamentos*".

Imediatamente, Alexis Tsipras se alinhava às posições de Mario Draghi, explicando que o novo curso da Grécia não vai desatender as regras fixadas em Bruxelas, visto que "*o governo liderado pelo Syriza vai renegociar a dívida e alongar os tempos para seu pagamento, de forma a permitir a economia sair da austeridade para assumir o crescimento*".

A crise econômica e a evolução do Syriza

Em 2008, a crise econômica global atacou profundamente a economia da Grécia, que não estava minimamente preparada para reagir como fizeram outros países da União Europeia. Pelo contrário, a crise se aprofundou e tornou-se sistêmica ao multiplicar as nefastas consequências desse processo, isto é: especulação, recessão, corrupção, fraudes, evasão fiscal, perda da soberania, economia ilegal (trabalho negro, contrabando e narcotráfico) e, sobretudo, o desemprego, que em 2009 atingiu 9,65% da população ativa.

Este contexto evoluiu ao ponto de desagregar por completo a economia da Grécia, que com as rígidas medidas de austeridades impostas pela "Troika" implodiu. Por isso, hoje, 26,4% da população ativa grega está desempregada. Porém, na computação dos efeitos da crise se deve somar mais 6% de trabalhadores gregos que renunciaram a procurar emprego pelos canais oficiais, do momento que trabalhavam sem contrato. A metade desse "exército de reserva" não recebe mais o subsídio desemprego ou outras formas de auxílio econômico, a não ser a ajuda alimentar das igrejas e dos inúmeros grupos de "mútuo socorro solidário", que surgiram sobretudo em Atenas, Salônica, Patrasso, Peristeri e Larissa.

A Grécia conta com uma população de quase 11 milhões, dos quais 4 milhões vivem em regime de pobreza. Outros dois milhões de gregos sobrevivem no âmbito da pobreza absoluta e um milhão e meio já está rebaixado ao nível zero, isto é, vivem em condições abaixo da pobreza. Por isso tudo, para os estrategistas de Bruxelas a evolução política e econômica da Grécia se tornou um pesadelo, do momento que o Partido Comunista da Grécia (KKE) e a Frente Militantes de Todos os Trabalhadores (PAME), incentivadores da ruptura política com a União Europeia e a OTAN, poderiam fazer explodir a qualquer momento a rebelião popular.

Por absurdo, todas as vezes que o PAME conclamou as forças da esquerda para se manifestar unitariamente nas greves gerais houve sempre uma neta dissensão com a nova esquerda (Synaspismos, Akoa, DEA e KEDA), que depois, em 2004, com a formação do Syriza (coalizão da esquerda radical) manifestou abertamente sinais de hostilidade política, aprofundando a prejudicial ideologia anticomunista.

Um processo que a imprensa helênica e a europeia exploraram "ad hoc", contribuindo ao fortalecimento do mito do Syriza, apresentado como a formação política mais radical da esquerda grega, chefiado por lideranças que haviam rompido com o marxismo-leninismo do KKE, juntamente a outras de origem maoísta, trotskista, ecologista e socialdemocratas que questionam a política financeira da União Europeia sem desejar a ruptura.

Foi nesse âmbito que Alexis Tsipras, em 2006, concorreu à prefeitura de Atenas liderando a lista "Anohiti Poli" (Cidade Aberta). Durante a campanha eleitoral, Tsipras prometeu um amplo programa de medidas radicais em favor dos pobres, tornando-se, assim, o novo líder da então Coalizão da Esquerda Radical (Syriza).

Esquerda ou Socialdemocracia?

A complexa evolução da crise econômica que atacou a União Europeia nos últimos dois anos e a atrelagem da Grécia à Alemanha foram os elementos políticos do chamado "pragmatismo levantino", com o qual Alexis Tsipras direcionou a transformação do Syriza em um novo partido socialdemocrata, que nas eleições antecipadas de 25 de janeiro deverá enxugar ainda mais o antigo partido socialista reformista (PASOK), além de conquistar o voto dos moderados que ficaram descontentes com o partido direitista de Samaras e, sobretudo, dos indecisos da classe média, que querem recompor seus privilégios econômicos.

Por isso, Alexis Tsipras, ao fechar a campanha eleitoral na praça Omionia, em Atenas, declarou: "O *medo acabou, a Grécia e a Europa vão mudar... Domingo vamos escrever uma nova história sem virar página. Simplesmente vamos mudar o tempo, onde o Syriza vai assumir a responsabilidade histórica de abrir caminhos para uma política alternativa na Europa... A Grécia deixará a experiência neoliberal para seguir um modelo de proteção social e de crescimento, realizando a renegociação da dívida sem ações unilaterais. O nosso partido vai encontrar o meio para por fim à catástrofe da austeridade*".

Filtrando as palavras de Tsipras, resulta evidente que o Syriza, por um lado, mesmo com a maioria absoluta no Parlamento, vai fazer um governo de coalizão com o novo partido de centro-esquerda "To Potami" (O Rio), criado pelo jornalista Stavros Theodorakis, que no governo do direitista Samaras foi nomeado presidente do Banco da Grécia e que, segundo algumas fontes, se entende muito bem com o presidente do BCE.

Por outro lado, o novo governo liderado por Alexis Tsipras, para diluir a promessa de realizar reformas estruturais radicais, deverá recorrer aos programas emergenciais para poder controlar e atenuar as pressões das bases eleitorais que, de imediato, vão exigir medidas radicais para acabar com os programas de austeridade da União Europeia e com a agenda financeira imposta pela "Troika".

Se considerarmos que, em dezembro de 2012, o Comitê Central do Syriza aprovou uma moção que reafirma a manutenção da Grécia na União Europeia e, portanto, assume a participação no esquema estratégico da OTAN, é praticamente impensável que o novo governo irá em direção de uma ruptura política com Bruxelas. Também está fora de discussão esperar que o governo do Syriza vá rejeitar a famosa agenda de austeridade imposta pela Comissão Europeia, inclusive porque o Banco da Grécia tem até o dia 25 de fevereiro para pagar uma parcela de sua dívida, usando para isso a última cota de 1,8 bilhão de euros do pacote financeiro fixado pela "Troika" em 2013. Se o Banco da Grécia não efetuar este pagamento no fim de fevereiro, as agências de rating e os institutos financeiros oficializarão o default (bancarrota) do país.

Por isso, o ministro alemão das finanças, Wolfgang Schaeuble, no dia 18 de janeiro, no momento em que todas as agências de pesquisas e de sondagens eleitorais gregas e europeias garantiam a vitória do Syriza, declarou com a máxima tranquilidade: "*As novas eleições na Grécia não mudarão absolutamente nada na dívida pública. Qualquer governo eleito deverá respeitar e assumir os compromissos de seus predecessores*".

De fato, Alexis Tsipras garantiu a realização imediata de programas emergenciais para retirar da indigência e da pobreza extrema um ou até dois milhões de gregos e assim revitalizar a economia com o consumo. Algo que, de longe, faz lembrar a assistencial "Bolsa Família" do presidente Lula. Programas que não modificam o "status quo" dos títulos da dívida, dos quais 80% estão em mãos da "Troika" e apenas 10% na posse dos bancos gregos.

Por outro lado, o Syriza nunca questionou a metodologia do pacote de ajuda financeira da "Troika" (254,4 bilhões de euros), dos quais 81,3 bilhões serviram para pagar as dívidas contraídas com os bancos alemães, franceses e britânicos; 48,2 bi para

recapitalizar os bancos gregos e as filiais dos bancos estrangeiros operantes na Grécia; 40,6 bi para pagar os juros dos institutos financeiros; e 34,6 bi para reembolsar as dívidas dos privados.

Praticamente 81% da ajuda financeira (204,7 bilhões de euros) foram desviados para o setor financeiro e apenas 4% (11,7 bilhões) foram destinados a cobrir as "necessidades de caixa" que a corrupção e as fraudes realizadas durante o governo de Antonis Samaras conseguiram esgotar em breve tempo.

Para finalizar a experiência neoliberal, impor um modelo de proteção social, redefinir o crescimento da economia e ao mesmo tempo realizar a renegociação da dívida, o Syriza deveria aprovar de imediato uma tríplice reforma: fiscal, tributária e patrimonial, para fazer pagar o custo da dívida todos aqueles que se beneficiaram: bancos, multinacionais, industriais, latifundiários, especuladores e grande parte da classe média. Além disso, Alexis Tsipras deveria propor uma lei extraordinária para reduzir o orçamento das Forças Armadas, que nesses anos de crise nunca baixou.

É claro que, hoje, o Syriza não é mais a Coligação da Esquerda Radical de 2004. Tornou-se um partido socialdemocrata que quer ficar no poder. Por isso, deverá garantir o controle social com a implementação de eficazes medidas emergenciais que atenuem o peso das medidas de austeridade. Por outro lado, deverá responsabilizar-se pelo reforço da lucratividade dos financiamentos efetuados pelo BCE, pelas novas normas de competitividade que serão introduzidas na economia (privatização e flexibilização), pela sistematização dos serviços públicos e, *dulcis in fundo*, por regulamentar, definitivamente nas costas dos gregos, o pagamento dos 254,4 bilhões de euros que a "Troika" emprestou em 2013.

Achille Lollo é jornalista italiano, correspondente do Brasil de Fato na Itália, editor do programa TV "Quadrante Informativo" e colunista do "Correio da Cidadania"

"UNIÃO EUROPEIA, BANDO DE CRIMINOSOS!

Por favor, Syriza, por favor, Tsipras, vençam as eleições e mandem prô inferno esse bando de criminosos.

E por favor, Europa, levantem-se desse berço esplêndido e impeçam que se cometam os crimes que se cometem em seu nome. Se não fizerem isso, serão cúmplices, mesmo que nenhum jornal publique a verdade.

Vergonha! A Europa está coberta de vergonha!
A Europa é a desgraça da humanidade."
23/1/2015, **"Bunch of Criminals!"**, Raúl Ilargi Meijer, *The Authomatic Earth*, http://www.theautomaticearth.com/bunch-of-criminals/

Convulsão, não revolução

Pablo Iglesias vai comemorar a vitória de Tsipras. Mas os dois dependem só de si mesmos

M. A. BASTENIER 26 ENE 2015 - 09:58 BRST

HTTP://BRASIL.ELPAIS.COM/BRASIL/2015/01/25/OPINION/1422211635_258916.HTML

Tsipras e Pablo Iglesias nesta semana em Atenas. / YANNIS BEHRAKIS (REUTERS)

O termo revolução é um dos mais desvalorizados internacionalmente.A vitória do Syriza nas eleições legislativas gregas não muda os termos básicos da democracia, deficiente, mas não inexistente, do país. Mas é uma convulsão porque destrói o bipartidarismo histórico das duas formações políticas que tinham construído, com péssimos materiais, o sistema.

Revolução teria sido que votassem no partido comunista grego, KKE, o que estava fora de lugar, que defendia a saída da UE, da OTAN e, no final, do marco do mundo ocidental. Ao contrário, o Syriza quer fazer bem o que seus antecessores fizeram muito mal; assim como mudar a forma como os profissionais da política grega veem o mundo; quer dizer, renegociar os termos da dívida obtendo uma redução substancial e as condições de permanência da Grécia no euro. A opinião pública não teria lhes permitido outra coisa porque separar-se da moeda comum teria sido sentido como uma derrota nacional. A Grécia, o suposto berço da Democracia no mundo, convertida em uma entidade política de terceira classe. Que humilhação!

MAIS INFORMAÇÕES

- Syriza vence as eleições na Grécia e promete acabar com a austeridade
- EDITORIAL | Um desafio para a Europa
- Alexis Tsipras, o filho político da Grande Recessão
- Syriza abre uma nova era política
- Partido Syriza pedirá um corte "realista" de parte da dívida grega

Apesar de todos os cálculos não ideologizados contrários, Syriza é um amável e voluntarioso partido social-democrata que, se pretende fazer algo radical, seria limpar os estábulos, logicamente de Aúgias, erradicando o clientelismo, a corrupção, a dilapidação, a falsificação da própria essência da democracia; ou seja, uma profunda mudança, radical até, se quiserem, mas que simplesmente é fazer de verdade e profissionalmente o que seus antecessores, Nova Democracia e Pasok, tinham transformado em um lúgubre espetáculo.

Em que medida a vitória de Alexis Tsipras conforta as esperanças eleitorais do Podemos na Espanha? Por acaso os espanhóis estarão, no dia das eleições, olhando por cima do ombro para o outro extremo do Mediterrâneo para que lhes digam em que devem votar? Outra coisa é se, com base nos indignados e indignações relativamente similares entre as duas penínsulas, um sentimento mais ou menos comum

anima seus respectivos eleitorados. Neste caso não há efeito contágio, o que acontece é que a doença que se quer erradicar é combatida por idênticos procedimentos nas urnas.

Pablo Iglesias, sem dúvida, se alegrou pela vitória de compadre Tsipras, mas cada um deles depende exclusivamente de si mesmos e de sua capacidade para atrair eleitores.

O voto grego não foi, com grande probabilidade, o da fé cega na nova formação esquerdista, mas o do desespero, contra o qual o medo orquestrado pela direita nada conseguiu. É nesse terreno, o das convicções do futuro, em que se consolidam os partidos que chegam quase por surpresa ao poder. Syriza e sua negociação com a Europa, se a UE entender o que é mais conveniente para ela, uma Grécia dentro, decidirá se a convulsão eleitoral valeu a pena.

The Opinion Pages | OP-ED COLUMNIST

Ending Greece's Nightmare

JAN. 26, 2015

Continue reading the main story

Paul Krugman

http://www.nytimes.com/2015/01/26/opinion/paul-krugman-ending-greeces-nightmare.html?smid=fb-share&_r=0

Continue reading the main story

Alexis Tsipras, leader of the left-wing Syriza coalition, is about to become prime minister of Greece. He will be the first European leader elected on an explicit promise to challenge the austerity policies that have prevailed since 2010. And there will, of course, be many people warning him to abandon that promise, to behave "responsibly."

So how has that responsibility thing worked out so far?

To understand the political earthquake in Greece, it helps to look at Greece's May 2010 "standby arrangement" with the International Monetary Fund, under which the so-called troika — the I.M.F., the European Central Bank and the European Commission — extended loans to the country in return for a combination of austerity and reform. It's a remarkable document, in the worst way. The troika, while pretending to be

hardheaded and realistic, was peddling an economic fantasy. And the Greek people have been paying the price for those elite delusions.

Paul Krugman

Macroeconomics, trade, health care, social policy and politics.

You see, the economic projections that accompanied the standby arrangement assumed that Greece could impose harsh austerity with little effect on growth and employment. Greece was already in recession when the deal was reached, but the projections assumed that this downturn would end soon — that there would be only a small contraction in 2011, and that by 2012 Greece would be recovering. Unemployment, the projections conceded, would rise substantially, from 9.4 percent in 2009 to almost 15 percent in 2012, but would then begin coming down fairly quickly.

What actually transpired was an economic and human nightmare. Far from ending in 2011, the Greek recession gathered momentum. Greece didn't hit the bottom until 2014, and by that point it had experienced a full-fledged depression, with overall unemployment rising to 28 percent and youth unemployment rising to almost 60 percent. And the recovery now underway, such as it is, is barely visible, offering no prospect of returning to precrisis living standards for the foreseeable future.

What went wrong? I fairly often encounter assertions to the effect that Greece didn't carry through on its promises, that it failed to deliver the promised spending cuts. Nothing could be further from the truth. In reality, Greece imposed savage cuts in public services, wages of government workers and social benefits. Thanks to repeated further waves of austerity, public spending was cut much more than the original program envisaged, and it's currently about 20 percent lower than it was in 2010.

Yet Greek debt troubles are if anything worse than before the program started. One reason is that the economic plunge has reduced revenues: The Greek government is collecting a substantially higher share of G.D.P. in taxes than it used to, but G.D.P. has fallen so quickly that the overall tax take is down. Furthermore, the plunge in G.D.P. has caused a key fiscal indicator, the ratio of debt to G.D.P., to keep rising even though

debt growth has slowed and Greece received some modest debt relief in 2012.

Continue reading the main storyContinue reading the main story

Continue reading the main story

Why were the original projections so wildly overoptimistic? As I said, because supposedly hardheaded officials were in reality engaged in fantasy economics. Both the European Commission and the European Central Bank decided to believe in the confidence fairy — that is, to claim that the direct job-destroying effects of spending cuts would be more than made up for by a surge in private-sector optimism. The I.M.F. was more cautious, but it nonetheless grossly underestimated the damage austerity would do.

Continue reading the main story

RECENT COMMENTS

michael sangree

8 minutes ago

is there ever a point at which more debt (e.g., stimulus) cannot solve a country's troubles? companies and individuals, of course, go...

james

10 minutes ago

Greeks are caught in a trap, they need stimulus but can't finance it with the Euro which is essentially a foreign currency that they are...

pontificatrix

11 minutes ago

The Euro has been nothing but trouble for Greece. Even when it was introduced in 2002, prices skyrocketed while salaries stagnated. ...

- SEE ALL COMMENTS

- WRITE A COMMENT

And here’s the thing: If the troika had been truly realistic, it would have acknowledged that it was demanding the impossible. Two years after the Greek program began, the I.M.F. looked for historical examples where Greek-type programs, attempts to pay down debt through austerity without major debt relief or inflation, had been successful. It didn’t find any.

CONTINUE READING THE MAIN STORY**245**COMMENTS

So now that Mr. Tsipras has won, and won big, European officials would be well advised to skip the lectures calling on him to act responsibly and to go along with their program. The fact is they have no credibility; the program they imposed on Greece never made sense. It had no chance of working.

If anything, the problem with Syriza's plans may be that they're not radical enough. Debt relief and an easing of austerity would reduce the economic pain, but it's doubtful whether they are sufficient to produce a strong recovery. On the other hand, it's not clear what more any Greek government can do unless it's prepared to abandon the euro, and the Greek public isn't ready for that.

Still, in calling for a major change, Mr. Tsipras is being far more realistic than officials who want the beatings to continue until morale improves. The rest of Europe should give him a chance to end his country's nightmare.

Greece shows what can happen when the young revolt against corrupt elites

The rise of Syriza can't just be explained by the crisis in the eurozone: a youthful generation of professionals has had enough of tax-evading oligarchs

- **Paul Mason**
- The Guardian, Sunday 25 January 2015 19.59 GMT
- Jump to comments (878)

How Greece made history in a day - video

At Syriza's HQ, the cigarette smoke in the cafe swirls into shapes. If those could reflect the images in the minds of the men hunched over their black coffees, they would probably be the faces of Che Guevara, orAris Velouchiotis, the second world war Greek resistance fighter. These are veteran leftists who expected to end their days as professors of such esoteric subjects as development economics, human rights law and who killed who in the civil war. Instead, they are on the brink of power.
Black coffee and hard pretzels are all the cafe provides, together with the possibility of contracting lung cancer. But on the eve of the vote, I found its occupants confident, if bemused.

However, Syriza HQ is not the place to learn about radicalisation. The fact that a party with a "central committee" even got close to power has nothing to do with a sudden swing to Marxism in the Greek psyche. It is, instead, testimony to three things: the strategic crisis of the eurozone, the determination of the Greek elite to cling to systemic corruption, and a new way of thinking among the young.

Of these, the eurozone's crisis is easiest to understand – because its consequences can be read so easily in the macroeconomic figures. The IMF predicted Greece would grow as the result of its aid package in 2010. Instead, the economy has shrunk by 25%. Wages are down by the same amount. Youth unemployment stands at 60% – and that is among those who are still in the country.

So the economic collapse – about which all Greeks, both right and leftwing, are bitter – is not just seen as a material collapse. It demonstrated complete myopia among the European policy elite. In all of drama and comedy there is no figure more laughable as a rich man who does not know what he is doing. For the past four years the troika – the European Commission, IMF and European Central Bank – has provided Greeks with just such a spectacle.

As for the Greek oligarchs, their misrule long predates the crisis. These are not only the famous shipping magnates, whose industry pays no tax, but the bosses of energy and construction groups and football clubs. As one eminent Greek economist told me last week: "These guys have avoided paying tax through the Metaxas dictatorship, the Nazi occupation, a civil war and a military junta." They had no intention of paying taxes as the troika began demanding Greece balance the books after 2010, which is why the burden fell on those Greeks trapped in the PAYE system – a workforce of 3.5 million that fell during the crisis to just 2.5 million. The oligarchs allowed the Greek state to become a battleground of conflicting interests. As Yiannis Palaiologos, a Greek journalist, put it in his recent book on the crisis, there is "a pervasive irresponsibility, a sense that no one is in charge, no one is willing or able to act as a custodian of the common good".

But their most corrosive impact is on the layers of society beneath them. "There goes X," Greeks say to each other as the rich walk to their tables in trendy bars. "He is controlling Y in parliament and having an affair with Z." It's like a soap opera, but for real, and too many Greeks are deferentially mesmerised by it.

Over three general elections Syriza's achievement has been to politicise the issue of the oligarchy. The Greek word for them is "the entangled" – and they were, above all, entangled in the centrist political duopoly. Because Syriza owes them nothing, its leader, Alexis Tsipras, was able to give the issue of corruption and tax evasion both rhetorical barrels – and this resonated massively among the young.

Alexis Tsipras of Syriza in Athens on 22 January. Photograph: AGF/Rex

And here's why. In a functional market economy, the classic couple in a posh restaurant are young and close in age. In my travels through the eurocrisis – from Dublin to Athens – I have noticed that the classic couple in a dysfunctional economy is a grey-haired man with a twentysomething woman. It becomes a story of old men with oligarchic power flaunting their wealth and influence without opprobrium.

The youth are usurped when oligarchy, corruption and elite politics stifle meritocracy. The sudden emergence of small centrist parties led by charismatic young professionals in Greece is testimony that this generation has had enough. But by the time they got their act together, Tsipras was already there.

From outside, Greece looks like a giant negative: but what lies beneath the rise of the radical left is the emergence of positive new values – among a layer of young people much wider than Syriza's natural support base. These are the classic values of the networked generation: self-reliance, creativity, the willingness to treat life as a social experiment, a global outlook.

When Golden Dawn emerged as a frightening, violent neo-Nazi force, with – at one point – 14% support, what struck the networked

youth was how many of the political elite pandered to it. People who had read its history could see a replay of late Weimar flickering before their eyes: delusional Nazis feted by big businessmen craving for order.

I've reported the Greek crisis since it began, and what changed in 2015 was this: Syriza had already won the solid support of about 25% of voters on the issues of Europe and economics. But now a further portion of the Greek electorate, above all the young, are signalling they've had enough of corruption and elites.

Greece, though an outlier, has always been a signifier, too: this is what happens when modern capitalism fails. For there are inept bureaucrats and corrupt elites everywhere: only the trillions of dollars created and pumped into their nations' economies to avoid collapse shields them from the scrutiny they have received in Greece.

We face two years of electoral uncertainty in Europe, with the far left or the hard right now vying for power in Spain, France and the Netherlands. Some are proclaiming this "the end of neoliberalism".

I'm not sure of that. All that's certain is that Greece shows how it could end.

Paul Mason is economics editor at Channel 4 News. Follow him@paulmasonnews

http://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jan/25/greece-shows-what-can-happen-when-young-revolt-against-corrupt-elites

Who are the Independent Greeks?

Rightwing party differs on many issues with radical leftist Syriza, but they are united by a mutual hatred for bailout programme

- Share201
- inShare0
- Email

- **Helena Smith** in Athens

- The Guardian, Monday 26 January 2015 12.28 GMT
- http://www.theguardian.com/world/2015/jan/26/greece-elections-who-are-independent-greeks

Panos Kammenos, leader of Independent Greeks (Anel). Photograph: Michael Kappeler/dpa/Corbis

Syriza just missed out on the 151 MPs it needed to govern alone after Greece's election, winning 149 seats with a 36.3% share of the vote. The party has formed a coalition government with Independent Greeks, who took 13 seats.

The populist, rightwing Independent Greeks (Anel) would at first sight make for a strange bedfellow for the radical leftists Syriza and the deal makes an unusual alliance, but they are brought together by a mutual hatred for the bailout programme keeping Greece afloat.

The two parties have vastly diverging world views, standing well apart on issues such as illegal migration, Greece's ever-fractious relationship with Nato rival Turkey, gay marriage and the role of the Greek Orthodox church.

Under their leader Panos Kammenos, who defected from the centre-right New Democracy party to form Anel at the height of the crisis in February 2012, the group has proved to be rabidly nationalistic in foreign affairs.

The politician is particularly virulent on the issue of the need to reclaim war reparations that he argues were never properly dealt with after the Nazis' brutal occupation of the country. He was accused of being antisemitic when he claimed last month that Greek Jews paid less tax than other citizens.

His party is part of the European Conservatives and Reformists political group in the European parliament, which was founded at the behest of David Cameron.

Both Syriza and Independent Greeks agree on the need to end austerity. And both hold strident views on the especially sensitive issue of Greek sovereignty having been denuded as a result of six years of stewardship under Athens' hated "troika" of creditors. Anel, like Syriza, says foreign lenders have turned the debt-crippled country into a "debt colony".

In opposition, the two political forces collaborated to block the election of a new head of state, which ultimately triggered Sunday's snap polls. With Syriza and Anel outright rejecting the commitments the previous government signed up to with creditors – outlined in the onerous bailout accords that Athens agreed with the EU, European Central Bank and International Monetary Fund – they will make an extremely tough negotiating team when stalled talks resume this month.

Kammenos's appointment will not be welcome news to Berlin, which has provided the biggest share of the €240bn (£180bn) in rescue funds to Athens.

www.abdic.org.br

ELEIÇÕES NA GRÉCIA : INCONFIDÊNCIA GREGA AMEAÇA UNIÃO EUROPÉIA...

Por : Pettersen Filho

Berço de toda a *Civilização Moderna*, em Cultura, Artes, Ciência e Filosofia, Terra de *Aristóteles*,*Pitágoras* e *Arquimedes*, Nascedouro da própria *Democracia*, tal qual a conhecemos hoje, a *Grécia*, profundamente mergulhada na *Recessão Econômica* e no *Desemprego*, após a *Bonança* advinda do seu ingresso na *União Europeia*, e adoção da Moeda Única, o *Euro*, há cerca de duas décadas atrás, "fraternidade" que, infelizmente, mostrou a sua eficácia apenas para as *Potências* mais relevantes do Bloco Europeu, como *Alemanha*, *Inglaterra* e *França*, União Aduaneira e Política, vista apenas por cima do muro, por Países menores, assim como *Portugal* e *Grécia*, completamente *incapazes*de serem relevantes, perante o restante do *Continente*, no que tange a *Industria* e *Agricultura*, mais propensos a exportarem a sua *Mão de Obra* e *Serviços*, atraídos pelas *Metrópoles Centrais*, acaba de eleger Partido de *Esquerda*, o Syriza, de *Alexis Tsipras,* para comandar o *País,* em aberto "Discurso" anti-Austeridade e Desemprego, ameaçando, mesmo, "abandonar" a *Europa*, como "Parceira" preferencial.

Afundada em *Dividas* que saltam uma vez e meia o seu *PIB*, tudo que o *Pais* pode produzir em um ano e meio de trabalho, tolhida com um alarmante índice de *Desemprego,* que ultrapassa dois dígitos, mais de 20% da sua População Ativa, cujo *arrocho* do Estado, no que tange a investimentos, assistência social, aposentadoria e salários, imposto pelo *Banco Central Europeu*, em que funciona a *Alemanha* como seu maior *Credor*, por isso mesmo, "Vitima" de toda a antipatia dos *Gregos* (Na Segunda Guerra Mundial *Tropas Nazistas*, em socorro à Benito Mussolini, invadiram a Grécia, o que atrasou o ataque à URSS, culminando na sua Derrota perante o Exército Vermelho), a Grécia, através das suas novas lideranças, já acena com *Rebeldia*, em *Discurso,* que ultrapassa, ora, o "Calor da Campanha Eleitoral", talvez, ainda, voltado ao *Consumo Interno*, prometendo relaxar as Medidas de *Austeridade* acertadas com o *Bloco Europeu*, nos últimos seis anos, contudo, sem apontar, ou, pelo menos, ainda, sem saber ao certo que rumo apontar a sua*Nau* à deriva, por sobre o *Mar Mediterrâneo* da sua enlameada *Economia*.

Sem *perspectivas* claras que evidenciem *solução,* à curto prazo, da sua *contenda* Econômica, ligada meio que por Mangueiras, e "Entubada", economicamente à "CTI" da *União Europeia*, de onde extrai os seus viveres, o novo *Governo* da Grécia, com a modesta vitória, embarcando cerca de 36% das *Urnas*, acaba de fazer um acordo com a *Direita*, pela *Governabilidade*, tendente a fazer recuar o "Assédio" Alemão, culpando a *Alemanha*, maior *Economia Europeia*, quem atualmente, de fato e de direito, dá as cartas da *União Europeia*, por todos os seus *males*, que, na verdade, não são *males* da *Alemanha*, mas, seus próprios:

De manter-se, anos e anos a fio, vivendo dos "louros" da *União Europeia*, que hoje, em tempos de retração econômica e incertezas políticas, quer ver o retorno dos seus *investimentos* de volta...

... e isso, nem toda a *Esparta* unida, seja qual for o *Partido*, de *Direita* ou de *Esquerda*, nem os*Bravos Navegadores* Gregos, Guerreiros e Filósofos: *Ulisses* e *Homero*, com toda a sua experiência, e *Literatura*, de dez anos do "Cerco a Troia", poderão evitar...

ANTUÉRPIO PETTERSEN FILHO, MEMBRO DA IWA – INTERNATIONAL WRITERS AND ARTISTS ASSOCIATION É ADVOGADO MILITANTE E ASSESSOR JURÍDICO DA ABDIC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DEFESA DO INDIVÍDUO E DA CIDADANIA, QUE ORA ESCREVE NA QUALIDADE DE EDITOR DO PERIÓDICO ELETRÔNICO " JORNAL GRITO CIDADÃO", SENDO A ATUAL CRÔNICA SUA MERA OPINIÃO PESSOAL, NÃO SIGNIFICANDO NECESSARIAMENTE A POSIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO, NEM DO ADVOGADO. .

26/01/2015 - Copyleft

Syriza e Podemos avançam na Europa, e Dilma se rende ao ajuste de Levy

Alexis Tsipras declarou em seu discurso que 'a elite e os oligarcas foram derrotados. Vamos ter de volta a nossa dignidade, a nossa soberania.'

Rodrigo Vianna - Revista Fórum

http://cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPolitica%2FSyriza-e-Podemos-avancam-na-Europa-e-Dilma-se-rende-ao-ajuste-de-Levy%2F4%2F32726

A vitória do partido de esquerda Syriza, na Grécia, é uma resposta da Democracia contra o chamado "Mercado" – que tenta sequestrar a vontade popular impondo um programa liberal "inevitável" (como se homens e mulheres não pudessem escolher o seu caminho).

O Syriza ganhou as eleições na Grécia, terá maioria no Parlamento sem necessidade de grandes acordos ou concessões. A vitória veio depois de 6 anos de crise social catastrófica. E vejam que curiosa a forma como a imprensa brasileira trata o assunto: *"Esquerda radical vence na Grécia*", diz o UOL/Folha; *"Esquerda radical chega ao poder na Grécia e preocupa Europa"*, diz o Estadão.

Desde 2008, os governos gregos seguiram à risca o programa neoliberal do FMI e da União Européia – sob supervisão da Alemanha. Resultado: cortes, desemprego, recessão.

A economia grega encolheu 25% em 6 anos. Um de cada quatro trabalhadores perdeu o emprego. Houve um desmonte do Estado, uma submissão completa ao chamado "Mercado". Mas a imprensa brasileira jamais chamou os governos gregos anteriores, que adotaram esse programa suicida, de "direita radical", ou de "ultraliberais radicais".

Pouco importa, a essa altura. A tentativa agora será emparedar o Syriza, gerando tensões, obrigando a nova liderança grega a "jogar o jogo" de Merkel.

O problema para a direita liberal européia é que há outro jogo em andamento. Na Espanha, o "Podemos" (que "O Globo" também chama de "esquerda radical") é favorito para vencer a eleição deste ano. Com um programa de aprofundamento da Democracia.

O líder do "Podemos" espanhol, Pablo Iglesias, fez aliás um comentário cáustico sobre a vitória do Syriza na Grécia: *"Os gregos não terão mais à frente do governo um delegado a serviço de Angela Merkel".*

O Syriza e o Podemos não são "radicais". Esse adjetivo é uma forma de jogá-los numa espécie de gueto ideológico. Radical era a Thatcher que esculhambou o Estado inglês. Radical é o Samaras (primeiro-ministro grego, ultraliberal, que fez o serviço sujo para o FMI e a Merkel).

Radical, talvez, fosse o Lênin. Ah, se algo parecido com Lênin existisse na Grécia, o Samaras estaria a caminho do fuzilamento. Mas não é assim. O Syriza joga na Democracia. É uma chance de resgatar a Democracia da mão dos fundamentalistas liberais.

O curioso é que a Europa – ou parte dela ao menos – ameaça virar à esquerda no exato momento em que o Brasil faz um estranho giro à direita. Joaquim Levy foi à Europa para participar do convescote liberal em Davos (Suiça). Parece que o Brasil volta aos tempos de FHC, quando ministros bem comportados se exibiam como fiéis cumpridores da fórmula liberal. Patético.

Durante 6 anos, enquanto a Europa se afundava em desemprego e recessão, o Brasil (sob o comando de Guido Mantega na Fazenda) resistia, e adotava uma fórmula oposta à sugerida pelos neoliberais.
Grécia, Espanha, Portugal e Itália seguiram à risca a formulinha liberal. Naufragaram, deixaram a Alemanha mais forte, e agora buscam saídas.

Mas o jogo é confuso. Na França, a crise ameaça levar o país para a direita fascista. Le Pen (a filha) com sua Frente Nacional (extrema-direita) pode ganhar o poder, depois da traição programática do PS (Partido Socialista) francês. Não será uma saída pela esquerda. Mas Le Pen significará também o fracasso da Europa liberal.

Nessa hora dramática, e depois de ter resistido bravamente, o Brasil inicia um ajuste liberal – com a marca da traição programática que deixou o PS francês em frangalhos.

O que o Syriza tentará fazer a dura penas na Grécia (mas com maioria parlamentar e mobilização nas ruas) é o que o PT já conseguiu fazer nos últimos anos: programas sociais, redução da desigualdade, defesa do Estado e da soberania nacional.

Tudo isso corre risco aqui no Brasil. A direita pode implodir, por dentro, o que se conseguiu construir nos últimos 10 ou 12 anos.

As ações de Levy e a omissão de Dilma (que sumiu e não fala com sua base social) mostram que o quadro pode se agravar.

Se Dilma não corrigir o rumo, o Brasil irá para a recessão. Com a direita babando pelo impeachment e os movimentos sociais nas ruas, estará aberta a disputa: mais adiante, teremos uma saída a la Syriza? Ou no estilo Le Pen?

Hoje, o jogo está indefinido.

O Brasil tem um mercado interno poderoso e um arremedo de Estado social criado nos anos Lula. Tem bancos públicos e uma classe trabalhadora razoavelmente organizada. Tem um partido de esquerda (?) ainda com alguma força, como o PT.

Deveria usar esse patrimônio para impedir que a crise se aprofunde.

A Esquerda pode costurar um programa que signifique defender os avanços dos anos Lula, radicalizando a Democracia, defendendo o papel do Estado e rejeitando o programa dos Armínios e Levys.

O PT e Lula ainda podem ajudar a costurar esse novo pacto. Mas se não agirem rápido, correm o risco de virar um PASOK (o velho partido de centro-esquerda grego, que teve menos de 5% dos votos) ou um PS francês – que jogou a história no lixo e abriu caminho para a extrema-direita fascista.

Créditos da foto: annalisa ceolin / Flickr

SO LONG, AUSTERITY.
PHOTOGRAPHER: MATT CARDY/GETTY IMAGES

Facebook

Twitter

LinkedIn

What Syriza's Sweep Means for Greece and Europe

JAN 25, 2015 3:35 PM EST

By Mohamed A. El-Erian

http://www.bloombergview.com/articles/2015-01-25/what-syriza-s-sweep-means-for-greece-and-europe

The Coalition of the Radical Left, known as Syriza, placed first in the Greek elections today, with at least 36 percent of the vote, according to exit polls. The result could even give Syriza an absolute majority and, if it wishes, allow it to govern without a coalition partner. With these outcomes going beyond what markets expected and priced in, here is a Q&A before trading resumes Monday.

QUESTION: What happened and why will it matter for markets?:

ANSWER: The early parliamentary elections have given Syriza a significant and historic victory that surpasses the market consensus.

This is the first time Syriza is in a position to form and lead a government. Its popularity reflects intensifying economic and social frustrations among Greek citizens, including the perception that their long sacrifice hasn't yielded any meaningful gains, let alone any hint of an end to what they see as years of austerity and deprivation.

An alternative economic approach was the core of Syriza's electoral campaign. Its program, which rejects austerity and seeks debt reduction, was pursued with vigor by the party's leader, Alexis Tspiras, who frequently took swipes at Germany, including personal attacks on Chancellor Angela Merkel. He argued that the most influential power in the euro zone was too austerity-obsessed in its approach to Greece.

Greece's Fiscal Odyssey

This has led to concerns that Greece could exit the euro zone. A so-called Grexit would entail the return of a national currency to replace the euro, losing access to European Central Bank financing windows and, most probably, less financial support from the European Union and the International Monetary Fund. It would also

raise doubts about some other countries in the region, leading to a repricing of individual and collective risk factors.

An exit from the euro would require the Greek government to counter the immediate threat of significant disruptions, come up with a new medium-term economic vision, strengthen its domestic institutions and pursue a different relationship with European partners that would preserve the country's access to free trade and certain financing arrangements.

Grexit concerns have been amplified by indications that, particularly compared with 2010-2012, Germany appears less concerned about the negative spillovers for the euro zone -- and for good reason, given the (albeit still incomplete) efforts to strengthen the region's institutional structures. For example, regional financing mechanisms have been strengthened, banks have been subjected to more rigorous stress testing and a significant portion of national debt has been refinanced with longer maturities and lower interest rates.

Q: How are markets likely to react when trading resumes Monday?

A: If the larger-than-expected Syriza win is confirmed, and especially if it results in an absolute majority, expect a sell-off in European risk assets, including equities. High-quality bonds would be supported by flight-to-quality flows, resulting in lower yields (particularly on German bonds). And look for prices to fall and risk spreads to widen on bonds issued by European peripheral nations such as Italy, Portugal and Spain.

On the currency front, the euro will probably come under pressure, too, exacerbating the recent weakening to levels not seen in 11 years.

Greek markets are likely to be subjected to the greatest pressures, including a notable widening in risk spreads on sovereign and bank bonds. The question is whether this also translates into a significant pick-up in withdrawals by residents of bank deposits as well as capital flight. If it does, Greek politicians would need to quickly take major steps to counter the threat of cascading market dislocations.

Q: Is a Grexit inevitable?

A: No. To reduce the risk, Tsipras would need to embark quickly on a "Lula pivot." That is, he will need to assure markets that the relaxation of austerity would be accompanied by a big push on structural reforms, that the alleviation of the debt burden would be pursued in an orderly and negotiated manner, and that he is willing to engage in constructive discussions with Germany and other European partners.

Q: Are there broader implications?

A: Yes. The outcome of the Greek elections is indicative of a broader political phenomenon in Europe that involves the growth of non-traditional parties. Fueled by concerns about disappointing growth, unemployment and social issues, it is powered by large-scale dissatisfaction with the established political order. And it isn't limited to the peripheral economies.

To contact the author on this story:
Mohamed El-Erian at melerian@bloomberg.net

To contact the editor on this story:
Max Berley at mberley@bloomberg.net

Para a Grécia é melhor que Tsipras seja um novo Lula ou um novo Chávez?

inShare1

Postado em 26 jan 2015 por : Paulo Nogueira

http://www.diariodocentrodomundo.com.br/para-a-grecia-e-melhor-que-tsipras-seja-um-novo-lula-ou-um-novo-chavez/

Parecidos, mas diferentes

Boa a reflexão de um jornalista do Financial Times sobre Tsipras, o novo premiê grego.

Ele vai ser um novo Lula ou um novo Chávez?

Ou, em outras palavras: vai contemporizar, como Lula, ou vai para o enfrentamento, como Chávez?

Tenho para mim que, a rigor, Tsipras não terá alternativa. Caso queira de fato mudar as coisas, terá que ser Chávez e não Lula.

Você não faz revolução sem fazer revolução, disse Robespierre.

Lula optou por uma espécie de caminho do meio, e isso resultou na manutenção da maior parte das mamatas e privilégios de um pequeno grupo.

Por que ele não foi mais combativo é uma questão que só ele mesmo poderia responder.

Uma hipótese que faz sentido é que Lula temia ser removido do poder como Collor caso afrontasse o poder de fato.

Não teria sido tão fácil, no entanto. Collor era um presidente sem base nenhuma. Lula chegou ao poder amparado em sindicatos fortes e em movimentos sociais como a UNE.

Um golpe poderia parar o país.

Uma leitura possível é que o “mercado” blefou e Lula e o PT caíram no blefe. O resultado é que o Brasil avançou socialmente, com Lula, menos do que deveria e poderia.

Chávez, talvez pela formação militar, não recusou o combate. A elite venezuelana consegue ser pior que a brasileira, e ele sabia que se tentasse negociar com ela acabaria neutralizado ou esmagado.

Tsipras, se repetir Lula, atenderá os interesses de quem não quer que as coisas mudem na Grécia.

Ele vai ter que ser Chávez, se quiser romper, de fato, com o passado recente de humilhações impostas a seu país.

É menos arriscado ser Chávez na Grécia do que na Venezuela. Os Estados Unidos estão mais distantes, a Grécia não produz petróleo e a plutocracia grega está longe de ter a índole descaradamente golpista da venezuelana.

Circulou nas mídias sociais, estes dias, uma foto em que Tsipras segura uma camiseta com a foto de Chávez.

É exatamente nele, Chávez, que Tsipras terá que se inspirar caso queira marcar um novo tempo para a Grécia.

(Acompanhe as publicações do DCM no Facebook. Curta aqui).

Sobre o Autor

O jornalista Paulo Nogueira é fundador e diretor editorial do site de notícias e análises Diário do Centro do Mundo.

A verdadeira tragédia grega foi o seu gasto público

por Juan Ramón Rallo, segunda-feira, 26 de janeiro de 2015

Share on email

Share on favorites

Share on facebookShare on twitter

SHARE

A Grécia foi à bancarrota não porque, como dizem os entusiastas do novo governo eleito, pagou taxas de juros "usurárias" sobre sua dívida, mas sim porque se endividou despreocupada mente para que seus políticos pudessem gastar como se não houvesse amanhã.

Vamos aos números.

Se levarmos em conta o valor total de juros pago pelo governo grego em relação ao estoque total de sua dívida, temos que, desde 2006, não houve nenhum ano em que a Grécia tenha pagado mais do que 4,5% de juros sobre sua dívida total.

Isso dificilmente pode ser classificado como "usura", principalmente quando se leva em conta que a inflação de preços média na Grécia desde 2006 foi de 2%, o que significa que o estado grego jamais pagou juros *reais*superiores a 2,5% ao ano. [Nota do IMB: a título de comparação, o governo brasileiro pagar taxas superiores a 10% sobre sua dívida total, e as taxas reais sempre estiveram acima de 4,5%].

Com efeito, no ano de 2013, a Grécia pagou sobre sua dívida pública total taxas de juros nominais inferiores até mesmo às da Alemanha: em concreto, os gregos pagaram 2,28%, sendo que os alemães pagaram 2,62%.

Gráfico 1: taxa de juros média sobre a dívida pública, 2006-2013 Fonte: Eurostat

E não é só: em 2013, a Grécia foi o quarto país da zona do euro a pagar as menores taxas de juros sobre sua dívida pública:

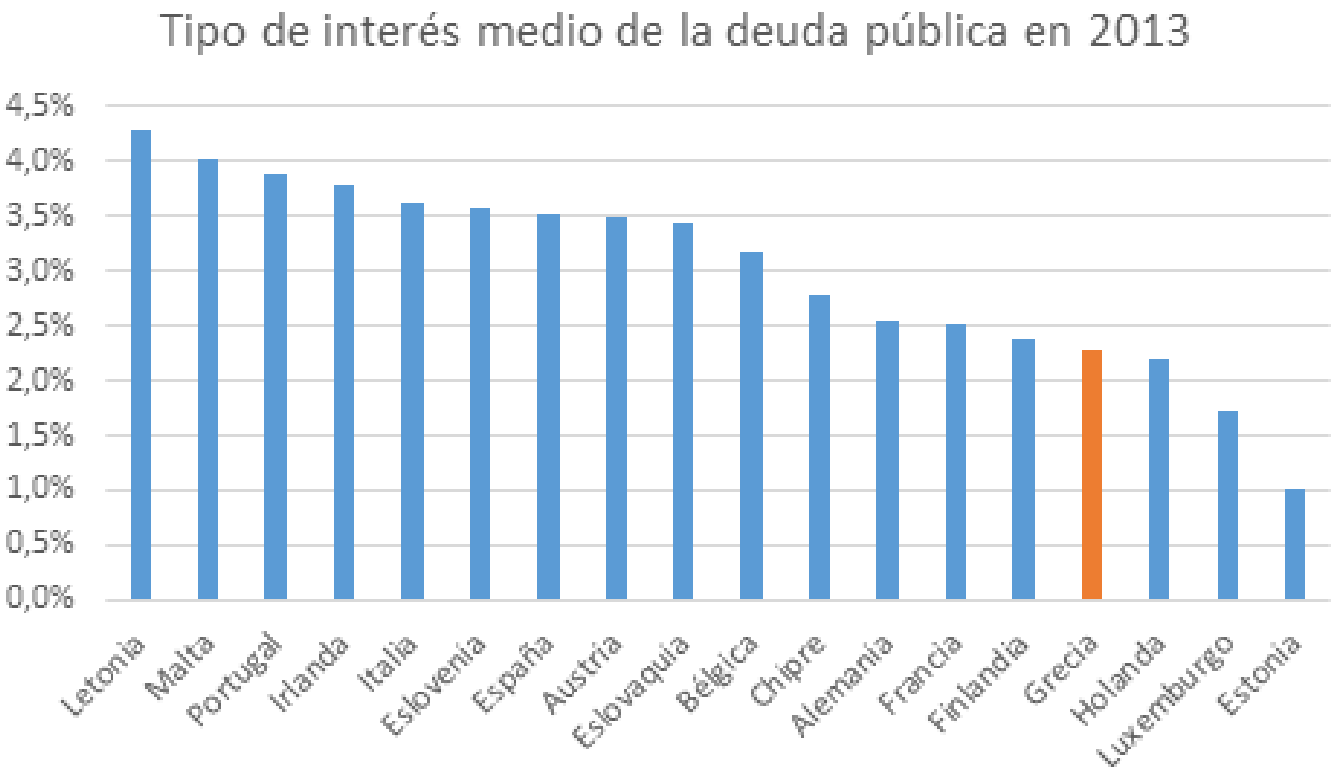


Gráfico 2: taxa de juros média sobre a dívida pública em 2013 Fonte: Eurostat

Em que pese todo o bombardeio propagandístico sobre juros usurários contra a Grécia, ninguém deveria se surpreender com os resultados acima, pois foi em 2012 que a troika (Comissão Europeia, Banco Central Europeu e FMI) aprovou um segundo plano de resgate para a Grécia, pelo qual o governo grego obteve condições de financiamento extremamente benéficas.

O principal culpado: o descontrole do gasto público

Antes da crise, o volume total da dívida pública grega era de 250% das receitas do governo (2,5 vezes maior). Na Alemanha, a título de comparação, esse valor era de 150%. (1,5 vez maior).

No entanto, após a crise, o valor grego pula para 350%, chegando a superar 400% (4 vezes maior) no ano de 2011. Vale notar que tanto o resgate quanto as medidas de "austeridade" começaram a ser implantados na Grécia apenas no ano de 2010, só que em 2009 o governo já tinha um volume de dívida pública totalmente descontrolado.

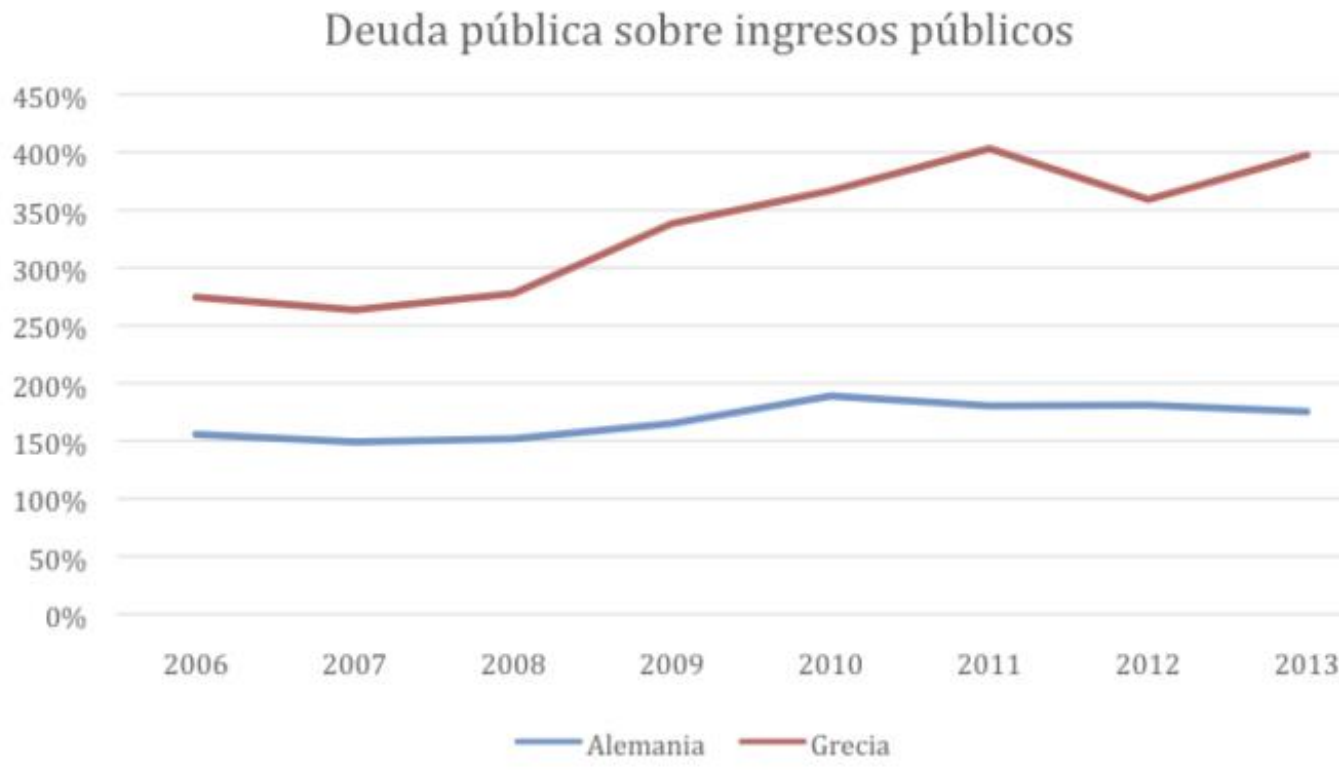


Gráfico 3: relação entre dívida pública e receitas do governo, 2006-2013 Fonte: Eurostat

E o que fez aumentar essa dívida pública?

Enquanto a Alemanha conseguiu manter constante, em termos reais, seu gasto público por habitante entre 1996 e 2008, a Grécia o aumentou em nada menos que 80%.

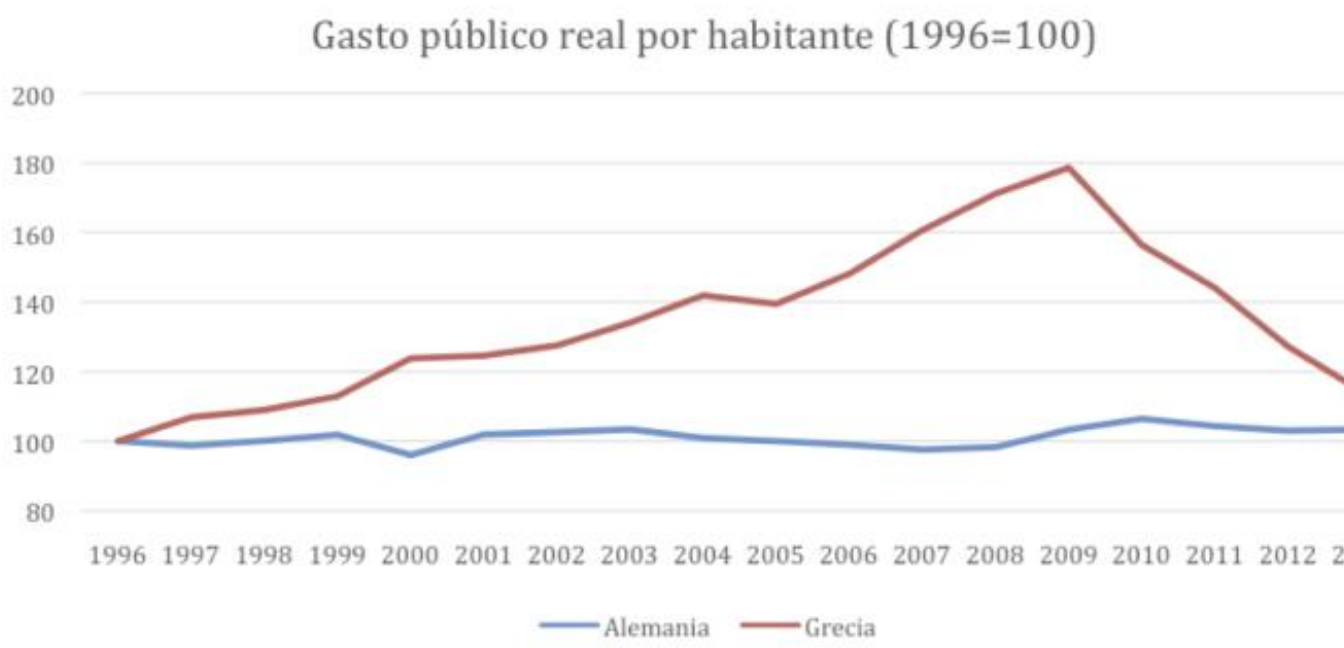


Gráfico 4: gasto público real por habitante, 1996-2013 Fonte: Eurostat

A hipertrofia do estado grego simplesmente não possui similares na Europa, especialmente se levarmos em conta como ele se financiou: a Grécia não apenas foi um dos países que mais aumentou seu gasto público, como também foi o que recorreu com mais obsessão *ao endividamento* para financiá-lo.

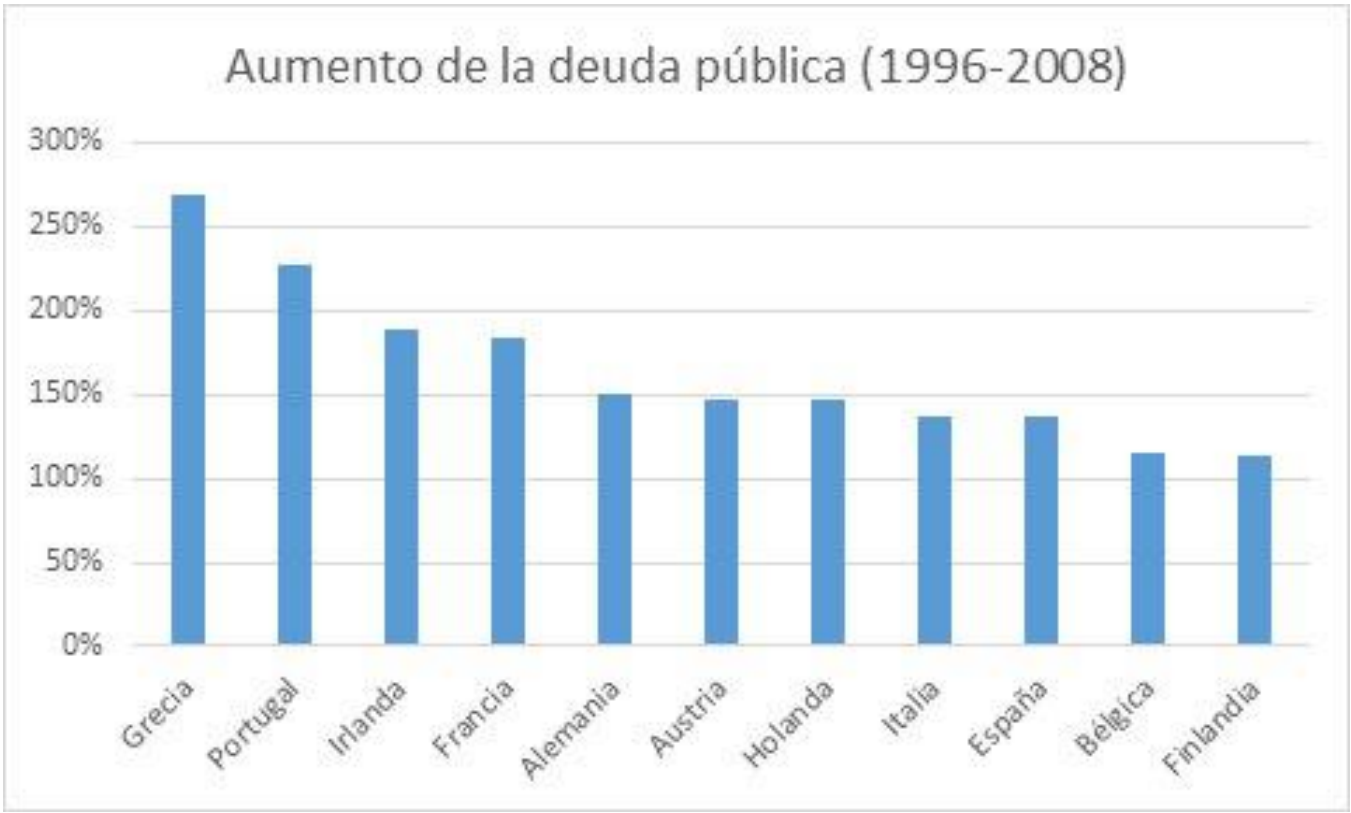


Gráfico 5: aumento da dívida pública entre 1996 e 2008 Fonte: Eurostat

Como consequência desse enorme crescimento do endividamento (e não como consequência de altas taxas de juros), o gasto anual com os juros sobre todo esse estoque de dívida superou, até o segundo pacote de resgate, o valor de 12% das *receitas do governo* (em 2011, antes do resgate, o total de juros pago por ano era 17% maior do que as receitas). Compare isso à Alemanha, cujos gastos com juros se mantiveram estáveis em 6% de todas as receitas.

Gráfico 6: total de juros pagos em relação às receitas do governo, 2006-2013 Fonte: Eurostat

Vale enfatizar: o problema *não* foi a taxa de juros que a Grécia pagou sobre sua dívida pública, mas sim *o enorme volume de sua dívida pública*, o que elevou sobremaneira o *valor absoluto* dos juros pagos.

Matemática básica: 50% de 10 euros são 5 euros, 1% de 1 bilhão de euros são 10 milhões de euros. Uma taxa de juros baixa não fará com que seus gastos totais com juros sejam baixos *se você deve muito dinheiro*.

Sendo assim, a responsabilidade pela situação financeira grega deve ser atribuída a quem gerou esse elevado volume de endividamento: os políticos gregos e todos aqueles que aplaudiam e que foram beneficiados pelas políticas de endividamento do governo (antes e depois da crise).

O fato é que o grosso da dívida pública grega foi emitido antes que a Grécia fosse socorrida pela Troika: 90% da dívida pública grega do ano de 2010 já havia sido emitida antes de 2010.

Nem sequer é possível culpar as políticas de suposta austeridade ("suposta" porque um governo sob austeridade genuína não pode aumentar impostos; é como dizer que um trabalhador que está praticando austeridade pode aumentar seu salário): mesmo que o governo grego tivesse sido capaz de manter o mesmo volume de receitas de 2007 (algo muito difícil em meio a uma forte recessão), o tamanho de sua dívida pública em 2011 em relação às suas receitas seria de 391% (comparado aos 403% que realmente foram, e aos 180% da Alemanha), e o peso dos juros em relação às receitas totais teria sido de 15,8% (em relação aos 17,1% que realmente foram, e aos 5,8% da Alemanha).

Portanto, é necessário honestidade: o governo da Grécia não quebrou por causa da Troika e o governo da Grécia não está financeiramente na lona por causa da Troika. O governo grego está quebrado como consequência das políticas ilustradas nos gráficos 4 e 5.

Enquanto a Alemanha estabilizou seu gasto real por habitante (isto é, descontando a inflação de preços) entre 1996 e 2007, a Grécia o aumentou em mais de 80%, e recorreu ao mero endividamento para financiar a maior parte dessa brutal expansão do seu gasto público. O governo chegou a um ponto em que simplesmente não mais consegue pagar nem mesmo as prestações dessa dívida.

A composição do gasto público grego

À luz dessa hipertrofia estatal, era óbvio que ao governo grego não restava outra solução senão cortar muito intensamente seus gastos caso quisesse sobreviver financeiramente. Mas será que mesmo isso foi feito?

O gráfico abaixo mostra a composição do gasto público grego. O gasto com educação, políticas sociais e saúde disparou de 24,6% do PIB em 2004 para 31,1% do PIB em 2012. Ou seja, não só os gastos do governo grego se concentram nos "gastos sociais", como também esta foi a rubrica que mais aumentou em termos relativos desde 1996.

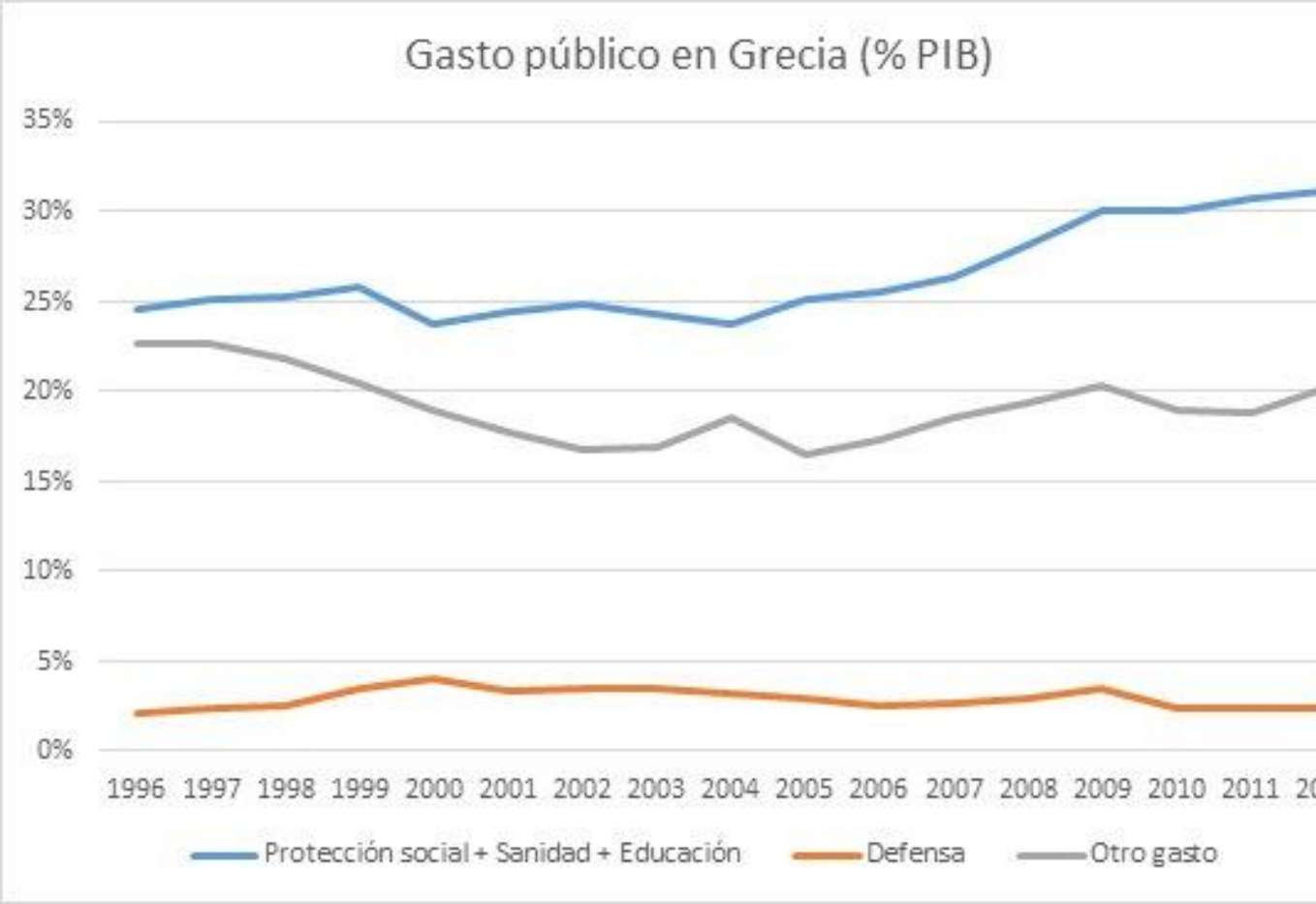


Gráfico 7: composição do gasto público da Grécia, 1996-2012 Fonte: Eurostat

Sim, é verdade que, desde 2009, com as seguidas quedas do PIB, o fato de os gastos sociais terem subido em relação ao PIB não significa que eles aumentaram em termos absolutos, uma vez que o PIB vem se contraindo desde 2009. No entanto, o que isso realmente significa é que os gastos que menos foram reduzidos proporcionalmente foram justamente aqueles que mais cresceram até 2009: os gastos sociais.

Conclusão

A conclusão é fragorosa e deve servir de lição: sim, um país pode quebrar por gastar excessivamente com "políticas sociais".

Não é questão de ideologia, mas sim de contabilidade.

Mais ainda: para evitar essa quebra, é imprescindível que ele tenha de cortar de maneira intensa todos os gastos voltados às políticas sociais.

No entanto, longe de ter aprendido a lição e de assumir a culpa pelo próprio desastre, o novo governo grego não apenas aponta o dedo para terceiros, como ainda promete voltar a aumentar maciçamente o gasto público (estão prometendo mais benefícios sociais, energia gratuita para 300 mil gregos, e mais moradias populares).

É óbvio, portanto, que não entenderam nada.

A questão é simples: quem não pode pagar indefinidamente, não pode gastar indefinidamente.

País nenhum.

Juan Ramón Rallo é diretor do Instituto Juan de Mariana e professor associado de economia aplicada na Universidad Rey Juan Carlos, em Madri. É o autor do livro *Los Errores de la Vieja Economía*.- http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2017

Os primeiros passos do novo governo grego : Alexis Tsipras dá mais sinais de ser como Chávez e não como Lula (artigo o site O Observador)

O governo grego realizou ontem o seu primeiro Conselho de Mimistros e fê-lo de forma espetacular: em direto pela televisão. Foi um gesto de propaganda que, só por si, aproxima o estilo do novo primeiro-ministro, Alexis Tsipras, mais do de um Chávez do que do de um Lula, assim começando a responder às dúvidas que o Financial Times tinha formulado no dia das eleições e que já aqui referimos. Mas não foi o único sinal. Como o Observador foi referindo ao longo do dia, num liveblog muito concorrido e completo, Tsipras deu ordens para anular inúmeras medidas da troika. Ou seja, para subir já o salário mínimo, para travar as poucas privatizações em curso e para recontratar funcionários públicos despedidos. Ou seja, não veio de Atenas nenhum sinal de que a nova maioria grega tenciona contemporizar com a União Europeia – a qual já reagiu, negativamente, aos anúncios do novo governo, que não passaram por qualquer negociação –, o que gerou um quase pânico nos mercados: a bolsa caiu para mínimos de 2012, os juros da dívida voltaram a subir e há novas ameaças de donwgrading do rating da república grega. Isso e muito mais está no trabalho que os jornalistas do Observador foram enriquecendo ao

longo do dia.

Para uma informação mais especializada, pode também ver o Wall Street Journal - Greek Markets Buckle –, o Financial Times -Greek markets hit as debt fears grow – e a página financeira do Telegraph - Markets tumble as Greek government backtracks on austerity.

Com este pano de fundo, vale a pena voltar à Grécia, centrando hoje o Macroscópio essencialmente em textos mais analíticos. Primeiro que tudo: quem é quem no novo governo grego? Apresentamos-lhe já, um a um, os ministros de Alexis Tsipras, sendo que da lista um nome se destaca: Yanis Varoufakis, que será o novo ministro das Finanças. Era um nome que se antecipava, pelo que logo na segunda-feira lhe falámos das suas três prioridades. Aí referíamos que era "*um **académico prolífico**. Além de autor de múltiplos artigos académicos, publicou vários livros, com destaque para "O Minotauro Global: A América, as Verdadeiras Causas da Crise Financeira e o Futuro da Economia Mundial". Tem também um blog pessoal onde discorre sobre "Pensamentos para um Mundo pós-2008", o ano da crise financeira internacional.*"

Ontem o Financial Times referia-se a ele como um Blogger and austerity critic trades cyberspace for parliament, num texto onde se referia o sucesso do seu muito particular estilo: "*Wearing his trademark dark leather jacket and jeans, Mr Varoufakis campaigned in crisis-hit Athens neighbourhoods, telling voters that Syriza would end what he called the country's humanitarian crisis and crack down on the powerful oligarchs blamed for keeping fuel prices high.*"

Em Portugal o Público editou hoje um retrato muito simpático para esse académico e bloguer:Yanis Varoufakis: radical moderado e economista acidental. Nele se diz que "*É um conhecedor da situação portuguesa. Foi um dos primeiros subscritores internacionais do manifesto pela reestruturação da dívida portuguesa, e um dos que mais assinaturas de colegas recolheram… É também membro da "rede Ulisses", criada por Rui Tavares, que procura relançar a economia europeia através de investimentos no Sul."*O próprio Rui Tavares, na

sua coluna no mesmo jornal, é directo: Ouçam este homem.

Relativamente à forma como se está a reagir na Europa, chamo a atenção para Ambrose Evans-Pritchard, do Telegraph, que nota: Germany's top institutes push 'Grexit' plans as showdown escalates. Destaco duas passagens:

- *In a clear warning, he [Mr Schäuble] said the eurozone is now strong enough to withstand a major shock. "In contrast to 2010, the financial markets have faith in the eurozone. We face no risk of contagion, so nobody should think we can be put under pressure easily. We are relaxed," he said.*
- *Officials in Berlin are irritated that Mr Tsipras has gone into coalition with the Independent Greeks, a viscerally anti-German party that seems to be spoiling for a cathartic showdown over Greece's debt. "This increases the risk of a head-on collision with the international creditors," said Holger Schmieding, from Berenberg Bank. Mr Schmieding said the likelihood of "Grexit" has risen to 35pc. He warned that Mr Tsipras could be in for a reality shock after making "three impossible promises to his country in one campaign".*

Um tema a seguir com a maior atenção, até porque a questão grega pode tornar-se a questão alemã. Para mais informação, outra recomendação: um despacho de Berlim da Reuters,Germans in shock as new Greek leader starts with a bang. De resto uma das coisas que os deixa em choque é a forma como o novo ministro das finanças, numa entrevista ao jornal francês La Tribune, disse preto no branco que, no fim, os alemães pagam sempre: "*Quoi que fasse ou dise l'Allemagne, elle paie, de toute façon*". É uma entrevista que tem vindo a ser repetidamente citada na imprensa alemã – com pouca simpatia.

Na Grécia alguns analistas começam a mostrar-se preocupados com o que pensam ser um choque com a Europa de consequências difíceis de prever. Uma boa descrição desses riscos é a de Yannis Palaiogolos, jornalista do Kathimerini, num artigo editado pelo Wall Street Journal (para assinantes): Greece Is Set on a Collision Course With Europe. Eis como conclui a sua análise:
An open collision between the new government and its creditors could trigger a massive flight of deposits from Greek banks, in a context in which the ECB will feel justified in not propping them up with liquidity support. Then Mr Tsipras would come up against the hardest constraint of all: the will of the vast majority of Greek voters (80% according to a January poll) to keep their country in the eurozone.

De resto a argumentação de que a dívida grega é insustentável também já está a ser contestada em vários países. De vários comentários que li, talvez a análise mais completa seja a do Telegraph que, em Three myths about Greece's enormous debt mountain, procura desmontar algumas ideias feitas e muito presentes no debate público europeu. Eis como enuncia esses

mitos: *Myth 1: They can never pay it back. Ever.; Myth 2: Greece is paying punitive interest rates; Myth 3: "Greece won't recover without debt forgiveness"*. É um trabalho informado que nos ajuda a colocar os números da dívida grega em perspectiva.

Por fim, de forma telegráfica, referência para alguns textos de opinião:

- Martin Wolf apelou no Financial Times ao sentido de Estado dos políticos europeus: Greek debt and a default of statesmanship. A sua tese é que "*Creating the eurozone is its members' second-worst monetary idea, a break-up the worst*";
- Vital Moreira, no Diário Económico, em Contrapartidadefende a ideia de que o Syriza, devido à evolução da situação europeia, "*já não assusta*", mas que "*não faz sentido*" a reivindicação grega "*de que aqueles a quem pretende "pregar o calote" lhe continuem a emprestar mais dinheiro para manter o défice orçamental!*";
- Mais três textos no Observador: Maria João Avillez, Um desconhecido indesejado: "*Como detesto fingir e me recuso a pousar um olhar manso sobre o que está assanhado, só posso juntar-me ao coro onde cantam os que estão preocupados: o momento é perigoso, sob vários pontos de vista.*";
- João Marques de Almeida, O PS pode ter começado a perder as eleições: "*António Costa não deve cair na tentação fácil de buscar créditos políticos em vitórias alheias. Se a receita do Syriza fracassar, os eleitores podem deixar de olhar para o PS como alternativa credível*":
- Manuel Villaverde Cabral, A Grécia não é Portugal: "No contexto da globalização e da correlativa desregulação, a receita keynesiana de meter dinheiro público na economia já não funciona. Não faz crescimento. Só consumo interno e dívida, lamentavelmente."

Um a um, quem são os ministros de Alexis Tsipras

28/1/2015,

Os Gregos Independentes só ficaram a tutelar um dos ministérios do novo governo grego - e entre os dez que compõem o Governo não há uma mulher. Algo inédito: o ministro da Saúde é cego.

Alexis Tsipras tomou posse esta terça-feira

Um Governo à velocidade da luz. Em dois dias, Alexis Tsipras ganhou as eleições, formou um Governo de coligação com os Gregos Independentes (ANEL) e tomou posse. Nesta terça-feira, foram conhecidas as caras da Grécia para os quatro próximos anos.

São apenas dez os ministros de Alexis Tsipras (salvo o vice-primeiro-ministro e o ministro do Estado), número reduzido se comparado com os 22 do anterior Governo de Antonis Samaras. No total, no entanto, o

número de governantes ascende a 40, entre ministros e secretários de Estado que ficarão responsáveis por pastas mais específicas, realidade mais próxima da do anterior Governo, onde faziam parte da equipa alargada 47 pessoas.

O elenco é o seguinte:

- **Yianis Dragasakis** – vice-primeiro-ministro. Será o número dois do Governo e ficará**encarregue de supervisionar a área económica**. Todas as negociações com a troika (Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional) passarão por ele. É economista de formação e dos únicos políticos da linha da frente do Syriza que já teve responsabilidades governativas – esteve no ministério da Economia no final da década de 80, durante um Governo independente de transição.

- **Yanis Varoufakis** – ministro das **Finanças**. Nacionalidade greco-australiana, 53 anos, professor de Economia na Universidade de Atenas e na Universidade norte-americana do Texas. Foi assessor económico do Governo do socialista de Georges Papandreou entre 2004 e 2006. Catalogado pela imprensa internacional como "economista radical", é um fervoroso adepto da reestruturação da dívida grega e do fim da austeridade. A título de curiosidade, foi mesmo uma das 74 personalidades que subscreveram o manifesto da reestruturação da dívida portuguesa, lançado em março por vários políticos como Bagão Félix, Manuela Ferreira Leite e Francisco Louçã.

- **Panos Kammenos** – ministro da **Defesa**. Líder do partido nacionalista Gregos Independentes, que faz parte da coligação. É a única grande pasta que os Gregos Independentes conseguem, ficando também com várias outras pequenas pastas equivalentes a secretarias de Estado em vários ministérios.

- **Nikos Voutsis** – ministro do Interior, um dos supero-ministérios criados pelo atual Governo. Voutsis era deputado do Syriza.

- **Panayiotis Lafazanis** – ministro da **Produção, Energia e Ambiente**. É um ministério novo, que não havia no anterior Executivo. Deputado no Parlamento grego, Lafazanis pertence à chamada Plataforma de Esquerda, a ala mais à esquerda dentro do Syriza.

- **Nikos Kotzias** – ministro dos **Negócios Estrangeiros**. Ex-comunista e conselheiro de Papandreou até ao resgate financeiro da Grécia, em 2010. Um académico com muita experiência internacional. Atualmente, é professor na Universidade Marburgo, mas também já passou por Harvard. Em 2013, publicou o livro "Grécia, colónia da dívida. O Império Europeu e a primazia germânica".

- **Panos Skourletis** – ministro do **Trabalho**. Era o porta-voz do Syriza.

- **George Stathakis** – ministro da **Economia, Infraestruturas, Marinha e Turismo**. É mais**um novo super-ministério**, com responsabilidades nas áreas do fomento, competitividade, marinha, mar Egeu, Turismo, infraestruturas, transportes e redes. Segundo um relatório recente da JP Morgen, Stathakis pode vir a ser uma das peças centrais do poder do Syriza. Um político veterano da esquerda grega, que chegou a pertencer ao Partido Comunista (KKE). "Esperamos que a vitória do Syriza inicie uma mudança noutros países europeus", afirmou, em entrevista ao jornal Público, dias antes das eleições. Professor na Universidade de Creta.

- **Panayiotis Kouroublis** – ministro da **Saúde**. Deputado e porta-voz do grupo parlamentar do Syriza. É cego. É a primeira vez que um cego chega à liderança de um ministério na Grécia.

- **Nikos Paraskevopoulos** – ministro da **Justiça**, Transparência e Direitos Humanos.

- **Aristides Baltas** – ministro da Cultura, **Educação** e Assuntos Religiosos (outro super-ministério). Professor de Filosofia, foi um dos fundadores do Syriza.

- Porta-voz do Governo: Gabriel Sakellaridis; Porta-voz do Parlamento: Zoe Constantopoulou

Alexis Tsipras e a sua recém-formada equipe já fizeram o juramento e tomaram posse esta tarde no palácio presidencial. Na quarta-feira haverá a primeira reunião do novo Executivo.

Ao todo são 40 governantes, contando com os secretários de Estado, sendo que apenas seis são mulheres – e nenhuma está na liderança de algum ministério.

Tsipras, dia 2: medidas avançam, mercados caem para mínimos de setembro de 2012 (direto)

Em direto

Tsipras anuncia prioridades. Quer "reestruturar dívida", sobe já o salário mínimo, trava privatizações e contrata funcionários públicos despedidos no tempo da troika. Bolsa cai 9,4%. Siga em direto.

Primeiro Conselho de Ministros decorreu esta manhã e foi transmitido ao vivo pela TV

O Governo de Alexis Tsipras tomou posse ontem e hoje, quarta-feira, já toma decisões. Depois de ter anunciado o fim imediato da privatização do porto de Pireu, o Governo prepara-se para **suspender todos os processos de privatizações das companhias elétricas em curso**. O objetivo é fazer com que a eletricidade não pese tanto no bolso das famílias. O **aumento do salário mínimo nacional** também era uma das prioridades do programa do Syriza, que sair do Conselho de Ministros desta manhã. São "políticas incompatíveis com o enquadramento político acordado entre o governo anterior e os credores oficiais da Grécia", diz a agência **S&P, que ameaça voltar o "rating" da Grécia**.

O anúncio das primeiras medidas económicas e sociais do governo liderado por Alexis Tsipras está a provocar uma forte queda das ações dos bancos gregos, que estão a ver-se a braços com uma fuga de depósitos, segundo o Financial Times. A **bolsa da Grécia já esteve a cair mais de 10%**, descendo para os níveis mais baixos desde setembro de 2012, mês em que o Banco Central Europeu (BCE) anunciou o programa de intervenção nos mercados de dívida pública se disso dependesse a sobrevivência da moeda única. Esse programa, conhecido como OMT, veio na sequência do discurso de Mario Draghi, em julho de 2012, de que faria "tudo o que for necessário, dentro do mandato, para preservar o euro". Esse anúncio e o programa OMT são vistos como a decisão que marcou **o início do fim da crise da dívida.**

Bolsa de Atenas derrapa. Está em mínimos de setembro de 2012

A bolsa de Atenas já esteve a cair mais de 10% na sessão desta quarta-feira, recuando aos níveis mais baixos desde o pico da crise da dívida, no verão de 2012. Fonte: Bloomberg

O fim “imediato” das privatizações foi anunciado pelo novo ministro da Restruturação da Produção, do Ambiente e da Energia: “Vamos tratar de fazer com que a eletricidade seja mais barata para impulsionar a competitividade e ajudar as famílias”, disse Panayiotis Lafazanis. Um dos pontos-chave do programa do Governo de Tsipras consistia precisamente num pacote de medidas de urgência para melhorar a situação dos mais carenciados, que vai no sentido contrário ao dos ponteiros da austeridade. Nesse conjunto de propostas inclui-se uma que prevê o **fornecimento de eletricidade gratuita a 300 mil famílias desfavorecidas.**

Também o vice-ministro da Economia, Infraestruturas, Marinha, Comércio e Turismo, Jrístis Spirtzis, afirmou aos jornalistas que uma das prioridades do novo Executivo passa por travar as privatizações que vão contra os objetivos sociais, fazendo referência às privatizações de portos e aeroportos. O fim da privatização do porto de Pireu foi logo anunciado na terça-feira, como uma das primeiras medidas de Tsipras.

O aumento do salário mínimo também está no topo das prioridades do Syriza e deverá estar em cima da mesa na reunião do Conselho de Ministros desta quarta-feira. A proposta é de passar de 586 euros para 751, num aumento na ordem dos 165 euros.

Agora é a Europa que teme que a euforia grega se alastre para os restantes Estados-membros. **O comissário europeu dos Assuntos Económicos advertiu esta quarta-feira que não se deve “generalizar a mensagem” transmitida pelos gregos a países que não estão na mesma situação** e que, por isso, a discussão com Atenas vai ser específica. “A União Europeia vai discutir especificamente a situação grega com o Governo grego”, frisou Pierre Moscovici, numa entrevista publicada hoje pelo jornal Le Parisien.

Siga em direto, aqui em baixo:

ATUALIZAÇÃO EM DIRETO

Uma curiosidade. O novo ministro das Finanças anda pelas ruas sem segurança atrás – a surpreender quem passa.

New Finance Min just strolled past me without bodyguards & barriers outside parliament gone. Changing times #Greecepic.twitter.com/j4mwe3vAGZ

— Mark Lowen (@marklowen) January 28, 2015

Os bancos gregos são suficientemente resistentes para aguentar a crise, diz a responsável do BCE pelo mecanismo único de supervisão, num dia em que os bancos perderam mais de 20% em bolsa.

O que diz a S&P: "Julgamos que algumas das políticas económicas e orçamentais do novo governo grego são incompatíveis com o enquadramento político acordado entre o governo anterior e os credores oficiais da Grécia".

Uma bomba: **S&P ameaça cortar o "rating" da Grécia**. A agência de notação tinha subido o "rating" em setembro para B (vinha de B-), com perspetiva (*outlook*) "estável". Essa perspetiva cai, agora, para "negativa", pelo que a notação pode voltar a descer para B- ou um mesmo um patamar inferior.

O jornal El Pais faz uma descrição mais precisa das palavras de Sigmar Gabriel, do SPD e nº 2 do Governo alemão. E fala delas como um alerta:

"¿Podría incluso abandonar la unión monetaria?, le preguntó un periodista griego. ***"No lo desamos, pero eso debe decidirlo su Gobierno"****, respondió directo Gabriel. Si finalmente se produjera esa posibilidad indeseada, el Gobierno alemán* ***asegura no ver "riesgos de contagio" al resto de la zona euro. Las medidas adoptadas en los últimos años, como los pasos hacia una unión bancaria o las reformas emprendidas en países como España y Portugal, alejarían en ese caso el riesgo de catástrofe****."*

O FT está a falar já de uma possível crise de liquidez.

Greek bank shares suffer biggest falls as investors take fright over looming liquidity crisis http://t.co/xlDBh0qmHCpic.twitter.com/L9NwyrcSpP

— Financial Times (@FT) January 28, 2015

Mais uma das privatizações travadas, agora na área da energia:

GREEK ENERGY MINISTER SAYS STATE WILL FREEZE PLANNED SALE OF A STAKE IN REFINER HELLENIC PETROLEUM

— MineForNothing (@minefornothing) January 28, 2015

A banca grega, hoje, ficou assim:

Greek bank shares in free fall, Index drops 27% to life-low-level – @Schuldensuehner pic.twitter.com/uLdMvyCxHM

— Conflict News (@rConflictNews) January 28, 2015

Título da Reuters, resumindo o dia do primeiro Conselho de Ministros:

Greek PM Alexis Tsipras promises "radical" change: http://t.co/N8q2z8tj2x pic.twitter.com/3HNDaq9wL4

— Reuters Top News (@Reuters) January 28, 2015

No sistema financeiro fala-se de 11 mil milhões de euros em depósitos retirados em janeiro na Grécia. Informação não oficial, evidentemente.

Recuperando a questão russa:

GREEK ENERGY MINISTER SAYS GREECE IS NOT INTERESTED IN IMPOSING SANCTIONS ON RUSSIA – SEMI-OFFICIAL ATHENS NEWS AGENCY

— zerohedge (@zerohedge) January 28, 2015

Parece que Alexis Tsipras vai reunir-se ainda hoje com os seus ministros das áreas da Economia e Finanças para definir estratégias. No horizonte está a visita do presidente do Eurogrupo, o holandês Jeroen Dijsselbloom, a Atenas na sexta-feira.

Ainda sobre as empregadas da limpeza recontratadas, que foi o ponto alto do discurso desta tarde do ministro das Finanças:

"One of 1st moves will be to cut costs at Finance Min by having less advisors & rehiring sacked cleaners," says@yanisvaroufakis #Greece

— Nick Malkoutzis (@NickMalkoutzis) January 28, 2015

#Greek FinMin says cleaning ladies will be rehired at the Finance Ministry

— Nektaria Stamouli (@nstamouli) January 28, 2015

Aumento do salário mínimo nacional para os 751 euros – valor anterior à troika – também já foi anunciado. É o chamado *rollback* na Grécia, ou reversão da troika.

Min wage, privatizations, public sector layoffs, opening of shops on Sundays already targeted by the SYRIZA-led govt#Rollback #Greece

— wolf piccoli (@wolfpiccoli) January 28, 2015

É tudo muito rápido na Grécia. No Twitter diz-se que os novos ministros fazem fila para anunciar o fim das medidas de austeridade aprovadas para os seus respetivos setores no âmbito do memorando de entendimento com a troika.

Roll-back time in #Greece: new ministers queuing to announce the reversal and cancellation of measures approved under the MoU

— wolf piccoli (@wolfpiccoli) January 28, 2015

Atualização: Bolsa de Atenas fecha a perder 9,4%.

há 3 horas

“**Não há qualquer espaço para alterações ao atual programa de ajustamento grego**“, um alerta de Norbert Barthle, deputado da CDU, o partido de Angela Merkel, que está a falar no Parlamento alemão, em Berlim.

A primeira conferência de imprensa de Yanis Vourafakis parece ter sido um momento para ficar na memória – teve direito a muitos aplausos, conta o Guardian.

Vourafakis prometeu :

– reduzir os gastos em conselheiros e voltar a contratar as empregadas da limpeza, que se tornaram parte da imagem da luta contra a austeridade na Grécia depois das famosas manifestações de luvas vermelhas, – e foram despedidas.

– que irá procurar um acordo Pan Europeu para “reiniciar” a economia, não só na Grécia, mas em todo o continente.

– que dentro do Syriza irá construir uma relação ” de amizade e sinceridade” com a Europa.

#Greek FinMin says cleaning ladies will be rehired at the Finance Ministry

— Nektaria Stamouli (@nstamouli) January 28, 2015

“A Grécia não se pode dar ao luxo de esperar até junho para rever o seu programa [de ajuda financeira] com os nossos parceiros”, disse Gikas Hardouvelis, ministro das finanças durante o governo de Antonis Samaras, a Yanis Varoufakis, o seu sucessor.

A citação de Sigmar Gabriel é mais detalhada do que aqui tínhamos escrito:

German Economy Minister Gabriel urges Greece to be fair to citizens of other €-zone countries, "I cannot imagine another debt hair cut."

— Nina Schick (@NinaDSchick) January 28, 2015

A bolsa da Grécia já esteve a **cair mais de 10%** na sessão desta quarta-feira. Um dado marcante: está a negociar em **mínimos de setembro de 2012**. Esse foi o mês em que o BCE anunciou o programa OMT, o mecanismo que se seguiu à promessa de Mario Draghi de que faria “tudo o que for necessário, dentro do mandato, para proteger o euro”.

O convite da Comissão para Tsipras ir a Bruxelas não parece muito… auspicioso:

La CE invita a Gobierno griego a reunión en Bruselas. Pero ya anticipa que hará pocas concesiones."Grecia debe cumplir prometido" (Katainen)

— Antonio Delgado Rne (@adelgadoRne) January 28, 2015

Semana negra para a banca

Greek bank shares tumble 18.7% today and 37.7% since the beginning of the week. #Greece #banking #markets #economy

— MacroPolis (@MacroPolis_gr) January 28, 2015

Coisas engraçadas. Parece que Antonis Samaras, o ex-primeiro-ministro, deixou mesmo o gabinete sem nada para dificultar a vida ao seu sucessor. Nem sequer wi-fi! Deve ser por isso que o site do Governo ainda não foi atualizado… Mau perder? O Der Spiegel conta a história com mais pormenores.

The tragedy that is Greece … pic.twitter.com/sgvNWgyRpX

— Ioannis apo Skiatho (@Skiathian) January 27, 2015

O staff de Samaras levou tudo, até o papel higiénico e os sabonetes. Por isso é que esta montagem teve tanto sucesso nas redes.

Uma síntese da agitação dos mercados esta manhã:

Greek Stocks Crash, Bonds Plummet, Banks Have Worst Day Ever http://t.co/wSO07xDiCZ

— zerohedge (@zerohedge) January 28, 2015

E de como estão em bolsa as empresas que já não vão ser privatizadas:

#Greece PPC -13.93%, OLP -9.64% (new govt said will halt their privatisations)

— Efthimia Efthimiou (@EfiEfthimiou) January 28, 2015

"O povo exige que lutemos até sangrar para defender a sua dignidade".

Mais uma mensagem de incentivo deixada por Tsipras à sua recém-constituída equipa de Governo. Ou uma promessa.

Mais um recado do Eurogrupo, para Atenas:

Katainen: 'The Eurogroup doesn't change its policies based on elections'

— Dave Keating (@DaveKeating) January 28, 2015

E um stand by da Comissão

.@jyrkikatainen President Juncker has invited Greek mins to Brussels, but no date yet. Commitments haven't changed, time is running out.

— Tony Connelly (@tconnellyRTE) January 28, 2015

Enquanto isso, na periferia:

Eurozone 10-year bond yields showing some signs of contagion: Portugal +18 bps; Ireland +3 bps; Spain +7 bps; Italy +8 bps ~MNI

— Yannis Koutsomitis (@YanniKouts) January 28, 2015

Resumindo, o plano de Tsipras é mais ou menos este: reverter a crise humanitária do país e relançar a economia sem olhar aos interesses instalados. Para isso, negociar com os credores o resgate de 240 mil milhões de euros. Mas…sem entrar em "confrontos catastróficos" com os credores. Pelo meio, combater a corrupção e delinear um sistema "justo" de pagamento de impostos.

institute @iw_koeln experts say Greek bailout shows need for rules for euro-expulsion http://t.co/dqIUrwha5D #Greece

— Derek Gatopoulos (@dgatopoulos) January 28, 2015

O número dois do Governo alemão, o socialista Sigmar Gabriel, diz que nem pensar em reestruturar a dívida grega:

*GABRIEL SAYS `CAN'T IMAGINE' DEBT CUT FOR GREECE

— Michael Hewson (@mhewson_CMC) January 28, 2015

Segundo o Guardian, o economista alemão Holger Schmieding saiu agora de Atenas e voltou a casa furioso.
"Apetece-me gritar dos telhados: isto não é sobre a dívida. É sobre a economia, estúpido – para pedir ao Bill Clinton a frase emprestada"

Oh boy oh boy. 2-yr Greece Yields 16.40%; up 254bps – Tradeweb

— Katie Martin (@katie_martin_FX) January 28, 2015

Um detalhe: o Conselho de Ministros foi… à porta aberta. Tsipras quis que fosse **transmitido em direto na televisão**.

Mais um ponto de Tsipras: quer acabar com a mobilidade na Administração Pública. E promete **reintegrar funcionários públicos que foram afastados nos últimos anos** – argumentando Tsipras que estes despedimentos foram inconstitucionais.

Big Greek banks down ~20% today. Let us all shed a tear for the hedge funds who piled in last year.

— Charles Forelle (@charlesforelle) January 28, 2015

O ministro das Finanças ainda tem tempo para corrigir as informações que vê erradas nos media. Aqui está um exemplo de vários:

Dear @EuroBriefing an important clarification: I never said Germany will pay again. I said it has already paid too much. Time for rethink.

— Yanis Varoufakis (@yanisvaroufakis) January 28, 2015

Outra proposta que promete ser controversa. Ministro responsável pela imigração quer que todas as crianças filhas de imigrantes nascidas na Grécia tenham logo cidadania grega. Para começar, quem não deve gostar muito da ideia é o próprio parceiro de coligação…

New gov't plans to give citizenship to all migrants' children born in #Greece, says immigration minister. Will go down well with Ind Greeks

— Nick Malkoutzis (@NickMalkoutzis) January 28, 2015

A banca grega já caiu mais de 25% na Grécia desde segunda-feira:

#Greece Eurobank -20.74%, NBG -19.20%, Piraeus -22.59, Alpha Bank -19.46, PPC -16.83, OLP -8.25

— Efthimia Efthimiou (@EfiEfthimiou) January 28, 2015

Mais do que a dívida, a questão da Ucrânia, como ontem se viu, está a ser o primeiro foco de tensão entre a Grécia e a União Europeia.

Beyond privatisations, min wage, etc, foreign policy re: #Russia emerging as 1st major point of confrontation between #Greece& #EU

— Nick Malkoutzis (@NickMalkoutzis) January 28, 2015

A bolsa cai a pique. Parece que não gostou da vitória do Syriza

Update: Greek bank stocks not liking Syriza's victory, -32% so far this week, on for 2nd biggest weekly fall ever:pic.twitter.com/qSlURYFLao

— Jamie McGeever (@ReutersJamie) January 28, 2015

#Greece stock market down 5.3%, -11.7% this week so far. #economy #markets

— Manos Giakoumis (@ManosGiakoumis) January 28, 2015

há 8 horas

Ir contra os interesses instalados é uma prioridade.

In opening statement to new cabinet, Greek PM Tsipras says "clashing with vested interests will be priority" #Greece

— Nick Malkoutzis (@NickMalkoutzis) January 28, 2015

Uma nova era pela frente, diz Tsipras aos ministros

*GREEK GOVT SIGNALS BEGINNING OF NEW ERA, TSIPRAS SAYS

— Michael Hewson (@mhewson_CMC) January 28, 2015

O objetivo é restaurar a soberania e a dignidade nacional, disse o primeiro-ministro aos seus ministros. Mas sublinhou uma coisa: vai ser uma tarefa muito difícil. Certamente.

Saem as primeiras conclusões do Conselho de Ministros: Alexis Tsipras diz que quer mesmo **renegociar o pagamento da dívida** pública com os credores, mas numa lógica de negociação e não de "confronto destrutivo".
"Somos um governo de salvação nacional, o nosso objetivo tem de ser negociar a dívida", disse.

New Greek gov't has crossed off Piraeus port & energy privatisations. SYRIZA wants raising of minimum wage to be 1st bill #Greece

— Nick Malkoutzis (@NickMalkoutzis) January 28, 2015

Tsipras quer que o seu **primeiro projeto de lei seja a reposição do salário mínimo nacional** para os valores anteriores à troika: 751 (atualmente está nos 586)

A primeira medida foi anunciada ainda ontem e confirmada hoje: Governo vai travar a privatização do porto de Pireu, assim como todas as privatizações que estão em curso no setor energético.

Day 1, potential major stand-offs: privatisations(Piraeus Port, Public Power Co.), public sector layoffs/re-hires, Russia sanctions #Greece

— Yiannis Mouzakis (@YiannisMouzakis) January 28, 2015

É o dia 1 do novo Governo grego. Alexis Tsipras já reuniu o Conselho de Ministros e já se tomam decisões. Vamos acompanhar tudo aqui.

Partilhe

52 comentários

- Artur Nunes 28 Jan 2015

  começou o carnaval… :-/

  - Inicie a sessão para responder
- Ricardo Cebola 28 Jan 2015

  "A União Europeia vai discutir especificamente a situação grega com o Governo grego" ? À não vai não…. se der algum perdão de divida à

Grécia o mínimo justo é que Portugal receba o mesmo perdão em termos absolutos (se não passar a nossa divida) e um pedido de desculpas uma vez que fez muito mais austeridade que os Gregos. Se derem alguma coisa aos gregos sem darem a Portugal mostram que a politica de irresponsabilidade dá frutos e vão ter aqui um “Syriza” no poder – votaria eu próprio neles e voto normalmente mais para o lado do PSD.

    - Inicie a sessão para responder

- Luís Flores 28 Jan 2015

  Muitos indicadores económicos e financeiros mostram que hoje a Democracia é um “verbo de encher”. Não importa qual a orientação política que é eleita. Quem manda na governação de um país são instituições financeiras, testas-de-ferro de muitos investidores “anónimos” com interesses antagónicos aos interesses do país.

  Estou curioso como é que o Syriza vai inverter um cenário que se tornou banal, ou seja, colocar a nação à frente dos agentes económicos.

    - Inicie a sessão para responder

- Alguem Quem 28 Jan 2015

  E o prédio começa a desabar… Se até agora já estava pouco seguro de si, o edifício começa mesmo a cair face ás bombas detonadas pelo novo PM Grego.

  Curioso mesmo, é o contentamento de alguns canhotos portugueses face à vitória de Tsirpas e do Syrisa aliada à cantilena do “não pagamos”…

  Será que têm consciência que a dívida Grega é na sua maioria (80%) aos Estados-Membros da UE?

  Será que têm consciência que só para Portugal são 1100 MILHÕES de EUROS?

  Convém recordar que a Europa tem feito pela Grécia o que não fez por mais nenhum Estado europeu, incluindo Portugal. Em 2011, a Grécia beneficiou de um extenso perdão de dívida, com a aplicação de um “haircut” em 50% da dívida, ou seja, quem detinha dívida grega, levou um calote de 50%. Em Portugal, por exemplo, BCP e BPI tiveram perdas de 590 milhões de euros pela sua exposição a dívida grega, dinheiro que certamente falta ao sistema financeiro.

  Em troca deste perdão de dívida, a Grécia aceitou uma série de compromissos, que pelos vistos, chegados a 2015, parece que afinal não são para cumprir. Parece que por cá há quem ache isso muito

bem. Se a Grécia não pagar, Portugal – ou seja, nós todos – ficamos a arder em mais de mil milhões de euros.

Para que se perceba a ordem de grandeza destes números, 1.700 milhões de euros corresponde a 4 vezes o saldo positivo que este ano a nossa Segurança Social gerou, dava para comprar 2 vezes os submarinos que tanta polémica têm gerado nos últimos 10 anos em Portugal, corresponde a 1,7 vezes a receita da sobretaxa do IRS, a 9 vezes a verba que destinamos em 2014 ao Ministério da Cultura, a 2 vezes a contribuição do Orçamento de Estado para a ADSE. Dava para sanear 4 buracos da TAP, e construir a totalidade da ligação ferroviária da Beira Interior, e a sua ligação a Espanha. E corresponde, se a memória não me falha, a 3 vezes o esforço que todos os anos fazemos em Portugal para financiar o Rendimento Social de Inserção.

Será que algum dos que está a tentar surfar a onda – do BE ao PCP, passando pelo AC do PS- explica porque é bom não pagar o dinheiro pedido emprestado??

- Inicie a sessão para responder

- Jophur J 28 Jan 2015

Se não fosse tragico seria divertido assistir a este “suicidio” em direto. Estão a destruir tudo o que foi conseguido em 4 anos. Com esparança no quê? Que o dinheiro comece a saltar de debaixo dos pilares do Parthenon?? Que todos os europeus são idiotas e querem continuar a pagar a festa dos gregos enquanto eles tomam banhos de sol e se reformam aos 53 anos com reforma completa porque têm profissoes “insalubres” como as cabeleireiras?
Prevejo que a Grécia será o proximo país a aderir à Comunidade de Estados Independentes, logo depois de sair da UE. O novo PM adora Putin e vice-versa. Boa viagem.

- Inicie a sessão para responder
- Fernando Moreira 28 Jan 2015

A tática deles é simples: Desestabilizar ao máximo de forma a terem um perdão total ou a serem “empurrados” para fora da UE e do Euro. Não é por acaso que o gaiato era contra o Euro há dois anos atrás e depois, para caçar os votos do povo que é maioritáriamente a favor da permanência no Euro, mudou de posição (no fundo ele é pela saída da Grécia do Euro, mas não o pode dizer). Ele não está muito preocupado com o financiamento da Grécia porque o dinheiro virá dos mesmos que financiam a Frente Nacional em França. Toda a gente sabe quem são.

- Inicie a sessão para responder

O que *Syriza* deve escolher?

O caminho suave ou a trilha dura?

Moon of Alabama – http://goo.gl/9FvIju

- Assim pois, *Syriza* venceu as eleições na Grécia. Formou um novo governo em coalizão com o partido Grécia Independente, partido pequeno, de direita. Antes da eleição, *Syriza* anunciou um programa pelo qual a Grécia permanece no euro, mas renegocia condições para empréstimos. Espero que tenha sido golpe eleitoral.

  Yves Smith expõe as dificuldades desse caminho suave de *Syriza*:

- O xis desse problema, como o vemos, é que ao mesmo tempo em que, sim parece posição muito séria e sólida, pode não ser tão pragmática quanto parece. A Grécia parece ter mais chances de obter concessões se for menos razoável, uma vez que os alemães e mesmo os ainda mais implacáveis finlandeses estão convencidos de que os países da periferia não passam de pedintes imorais que merecem comer poeira se não podem pagar ou não pagarem as próprias dívidas. A Grécia dificilmente será capaz de desmontar a percepção, no Norte, de que o Norte joga com as melhores cartas e pode obrigar a Grécia a render-se só com algumas mínimas concessões.

  A melhor chance da Grécia é se houver um aumento na popularidade de outros partidos antiausteridade e anti-Eurozona no resto da Europa. E mais provavelmente angariarão apoio no resto da Eurozona se assumirem posições fortes, do que se assumirem posições de cautela, muito estudadas. E mesmo nesse caso, pode não bastar que resolvam os problemas muito profundos que enfrentam. Não se trata simplesmente de estarem enfrentando um desafio muito difícil frente à *Troika*, mas de que, ainda que consigam grande parte do que querem, suas políticas não parecem suficientes para gerar suficiente demanda para arrancar a Grécia do buraco em que está.

- Como *Ian Welsh*, entendo que a Grécia deva escolher a trilha dura, pelo menos durante as negociações e, se as negociações falharem, devem pôr firmemente o pé no chão duro:

- A dívida grega está em tal nível que é efetivamente impagável e foi tornada muito, muito pior, por todos os “pacotes de ajuda” e “resgates” que recebeu dos “parceiros” europeus (o que equivale a dizer que deveriam ter requerido falência há muitos anos).

  Quanto ao euro, a Grécia não pode imprimir euros. E a Grécia precisará imprimir dinheiro.

  Temo que Syriza fale sério sobre negociar a dívida. Não há essencialmente chance alguma de a *Troika* (ok, na verdade: a Alemanha) venha a dar aos gregos termos aceitáveis ou acordo por escrito. Negociações, só o mínimo necessário para demonstrar que nenhum bom acordo é possível. Enquanto qualquer negociação estiver em

andamento, os gregos devem estar preparando a saída da UE [orig. *Grexit*] e repatriando todos os recursos que puderem ser repatriados.

- A Grécia converter-se-á em mais um estado-pária do mundo 'ocidental', e *Ian*, corretamente, na minha opinião, avalia que essa é uma posição na qual não estará sozinha e que pode ser usada a favor da Grécia:

- A imprensa-empresa não se cansa de mostrar a situação como voto antiausteridade, e é. Mas votar antiausteridade, para um país como a Grécia, que não se pode alimentar ele mesmo, que não tem petróleo, que não tem muitas indústrias é uma coisa: não ser 'austero' é outra. Se os gregos querem voltar a viver vida decente, terão de enfrentar algumas das mais poderosas nações do planeta e lutar por, pelo menos, um empate.

  Há muitas nações no mesmo barco que a Grécia: Rússia, Irã, Venezuela, Argentina. A Grécia precisa construir as necessárias alianças com esses países e precisa alinhar-se com o bloco chinês.

  Esses passos exigem um passo psicológico que os gregos talvez não estejam dispostos a dar: reconhecer que seus interessem não são os interesses da Europa; compreender que os europeus desejam ver os gregos cada dia mais pobres, sem teto e mortos. Os gregos que vivem no passado e ainda pensam que União Europeia é assunto pró-prosperidade para todos no continuente europeu têm de aprender a ler de outro modo o mundo.

- *Syriza* tem de escolher o caminho mais radical. Se não o fizer, muito provavelmente fracassará e, nesse caso, o caminho estará aberto para que a direita mais linha dura tome o poder e inicie guerras – para afastar a atenção dos eleitores da economia em rota de falência total. *****

-

"Os esquerdistas malucos da Grécia têm uma boa ideia"

http://www.esquerda.net/artigo/os-esquerdistas-malucos-da-grecia-tem-uma-boa-ideia/35592

Editorial da Bloomberg defende a recuperação económica da zona euro através do alívio da dívida dos países mais atingidos pela crise. Editoriais do The New York Times e da Deutsche Welle apontam, com matizes, no mesmo sentido.

27 de Janeiro, 2015 - 17:25h

Plano económico do Syriza é mais realista que o da troika, diz Krugman

Economista Prémio Nobel de 2008 afirma que se há algum defeito no plano do Syriza, é o de não ser suficientemente radical. E defende que "o resto da Europa devia dar-lhe a oportunidade de pôr fim ao pesadelo no seu país".

26 de Janeiro, 2015 - 16:16h

http://www.esquerda.net/artigo/plano-economico-do-syriza-e-mais-realista-que-o-da-troika-diz-krugman/35580

Paul Krugman: "Se a troika tivesse sido verdadeiramente realista, teria reconhecido que estava a exigir o impossível". Foto de Lou Gold

Na sua coluna do *The New York Times*, o economista Paul Krugman defende que o apelo à mudança feito por Alexis Tsipras é de longe mais realista do que aquele que os líderes europeus querem impor à Grécia. "O resto da Europa devia dar-lhe a oportunidade de pôr fim ao pesadelo no seu país", defende o Prémio Nobel da Economia de 2008.

Krugman defende que se o plano do Syriza tem algum defeito, é o de não ser suficientemente radical. "A redução da dívida e um alívio da austeridade reduziriam o sofrimento económico, mas é duvidoso que sejam suficientes para produzir uma forte recuperação. Por um lado, não é claro o que pode fazer qualquer governo grego a menos que esteja preparado para abandonar o euro, e o povo grego não está preparado para isso".

Líderes europeus pediram o impossível à Grécia

Na opinião de Krugman, a grande vitória do Syriza deve-se ao facto de os líderes europeus terem estado a pedir o impossível. "Dois anos após ter começado o programa da Grécia, o FMI procurou exemplos históricos de programas do tipo do da Grécia, tentativas de pagar a dívida através da austeridade sem qualquer redução importante da dívida ou inflação, que tivesse obtido sucesso. Não encontrou nenhum."

O facto é que os planos da troika foram totalmente irrealistas, não os de Tsipras. Krugman recorda o memorando de entendimento, que considera um

“documento notável, da pior forma”, para afirmar que o seu conteúdo era uma “fantasia económica”, apesar de querer parecer muito realista. O povo grego tem vindo a pagar o preço destas fantasias, afirma.

Memorando da troika era uma fantasia económica

Krugman lembra as projeções do memorando, que assumiam que a Grécia podia impor uma austeridade brutal com um pequeno efeito sobre o crescimento e o emprego. “A Grécia já estava em recessão quando o acordo foi assinado, mas as projeções assumiam que esta queda seria invertida em breve”.

Pesadelo económico e humano

O que realmente aconteceu foi um pesadelo económico e humano, aponta o economista. “A Grécia só atingiu o fundo do poço em 2014” e nessa altura já estava mergulhada na depressão, com o desemprego nos 28% e o desemprego jovem a chegar aos 60%. E a recuperação em curso atualmente “mal se vê”.

“Se a troika tivesse sido verdadeiramente realista, teria reconhecido que estava a exigir o impossível”, conclui Krugman.

Estúdio da Bloomberg em Londres. Foto de Kowarisuki

A agência Bloomberg defendeu em editorial que a Alemanha devia levar a sério uma ideia do considera ser a “retórica populista” do Syriza: retomar o crescimento na área do Euro através da concessão de um alívio das dívidas dos países mais atingidos pela crise.

O editorial, intitulado “Os esquerdistas malucos da Grécia têm uma boa ideia”, defende que a proposta de Tsipras de realizar uma conferência europeia sobre a dívida “faz sentido” e recorda que há muitos precedentes

que os alemães, que mais reagem contra ela, deviam conhecer bem. Os editorialistas da agência de informações económicas de propriedade do milionário Michael Bloomberg, ex-presidente da câmara de Nova York, recordam que os credores da Alemanha, depois da II Guerra Mundial, "perdoaram cerca de 50% das dívidas da Alemanha Ocidental e concordaram que o pagamento do restante seria contingente ao crescimento económico alemão.

Hoje a Alemanha, a mais poderosa nação credora, opõe-se a isto e "insiste na severa austeridade fiscal", prossegue o editorial, reconhecendo que os resultados foram desastrosos. "Na Grécia, um em cada quatro trabalhadores está desempregado e – segundo estimativas – quase metade da população vive na pobreza".

Dinheiro gasto na dívida seria melhor usado a criar empregos

Os editorialistas da Bloomberg afirmam que esta política tornou impossível a países como a Grécia, Itália, Portugal, Espanha e mesmo a França a atingirem rácios de dívida em relação ao PNB inferiores aos 60%.

> *"O maior nível de emprego e o crescimento mais rápido facilitariam o pagamento pelos governos da restante dívida"*

"O perdão da dívida ligado a reformas económicas pró-crescimento ajudaria", diz o editorial, defendendo que o dinheiro gasto por estes países no serviço da dívida poderia ser melhor usado na criação de empregos. "O maior nível de emprego e o crescimento mais rápido facilitariam o pagamento pelos governos da restante dívida", vaticinam.

As outras vantagens seriam reduzir o sofrimento já infligido e restaurar o apoio popular ao projeto europeu. E conclui: "para o seu próprio bem, a Alemanha deveria repensar esta questão".

O editorial do *The New York Times* "O Grito agonizante da Grécia à Europa" vai no mesmo sentido, defendendo que a Alemanha e outros europeus precisam de ouvir a mensagem vinda das eleições gregas. "Persistir no seu curso dogmático é não só errado para a Grécia mas também perigoso para toda a União Europeia", afirma.

Também Jasper Sky, editorialista da TV e rádio alemã Deutsche Welle defende que a "solidariedade com a Grécia faz sentido económico". O editorial afirma que se a troika se recusar a negociar a dívida da Grécia, "isso equivale a uma declaração de que a Comissão Europeia não reconhece a soberania da Grécia e não respeita o resultado de eleições democráticas".

Artigos relacionados:

- Plano económico do Syriza é mais realista que o da troika, diz Krugman

El líder de Syriza quiere que Alemania pague por los crímenes de guerra nazis

Publicado: 27 ene 2015 11:24 GMT | Última actualización: 27 ene 2015 11:24 GMT

2.7K549144

http://actualidad.rt.com/actualidad/164601-syriza-pedir-alemania-pagar

Alexis Tsipras, que ha realizado una simbólica visita al monumento de las víctimas de la matanza de Kaisariani en su primer acto como primer ministro, pide que Alemania pague por los crímenes de guerra nazis.

En su primer acto oficial como primer ministro griego, el líder de Syriza Alexis Tsipras **ha visitado el monumento a las víctimas de la matanza de Kaisariani en Atenas**, erigido en el lugar donde en 1944 los soldados nazis ejecutaron a 200 activistas políticos helenos en represalia por la muerte de un general alemán en un ataque de la guerrilla.

Durante más de un año, Syriza ha hecho campaña para instar abiertamente a Alemania a que pague por los crímenes nazis cometidos en Grecia durante la Segunda Guerra Mundial. "**Vamos a exigir una reducción de la deuda y el dinero que Alemania nos debe de la Segunda Guerra Mundial**, incluyendo las reparaciones", afirmó hace unos meses Tsipras, informa 'The Washington Post'.

SEPA MÁS SOBRE SYRIZA AQUÍ

Un estudio de 2013 realizado por el anterior Gobierno griego estima que **Alemania debe a Grecia 200.000 millones de dólares por los daños ocasionados durante la ocupación nazi**, el coste de la

reconstrucción de las infraestructuras así como los préstamos que las autoridades germanas de la época obligaron a pagar a Grecia entre 1942 y 1944. Otroestudio eleva la cifra a los 677.000 millones de dólares.
"Desde un punto de vista moral, **Alemania debe pagar estas indemnizaciones** y el 'préstamo de guerra' que obtuvieron durante su ocupación", afirma Gabriele Zimmer,
eurodiputada alemana del partido Die Linke.
Lea también: *La victoria de Syriza: ¿se despide Grecia de los recortes y el euro?*
Lea también: *Syriza y Podemos: ¿tiembla la Unión Europea?*

Etiquetas: Alemania Grecia Política internacional Segunda Guerra Mundial

Artículos relacionados

- Syriza: "La prioridad es liberar a Grecia del grillete neoliberal"
- Syriza: "La oferta de Rusia de crear centro de gas adicional griego es muy interesante"
- Syriza y Podemos: ¿tiembla la Unión Europea?
- Syriza a RT: "Alemania y Bruselas deben entender sus errores"
- Grecia: Syriza forma una coalición con Griegos Independientes
- Le Pen: "La elección de Syriza es una monstruosa bofetada democrática para la Unión Europea"
- El efecto Syriza: La izquierda de Europa invoca con euforia una "primavera roja"
- Alemania: Fuerte polémica por la idea de albergar refugiados de guerra en campo nazi

O SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO NA GRÉCIA SE ESFUMA NA ALIANÇA DO SYRIZA COM A EXTREMA DIREITA XENÓFOBA

janeiro 26, 2015

Antonio Carlos Mazzeo

(*)

"*É uma infelicidade da época, que os doidos guiem os cegos.*"

William Shakespeare

Acabo de ler nos sites dos jornais europeus que o Syriza selou um acordo com o partido de extrema direita, *Gregos Independentes*, para formar maioria no governo. Todas as previsões de analistas sérios já apontavam para essa possibilidade. Obviamente, a direita não deixou de fazer suas exigências programáticas para compor com o Syriza.

A questão de fundo é que o Syriza não abriu mão, em seu programa de governo, da manutenção da Grécia na zona do euro e, por consequência na aliança imperialista, a OTAN, o que impossibilitou a unidade à esquerda, com o Partido Comunista, o KKE. Pior ainda, aliou-se à extrema direita xenófoba!

O Syriza critica genericamente a política econômica de "austeridade" imposta pela troika (FMI, BCE e Comissão Européia), mas permanecendo na zona do euro terá que negociar com a mesma troika uma proposta que o credencie junto à liderança da UE, especialmente com a Alemanha de Merkel, a França de Holland e a Inglaterra de Cameron.

É importante reafirmar que, em nenhum momento, o Syriza acenou com a possibilidade de retirar a Grécia da política do euro e do arrocho aos trabalhadores. Como afirmou o deputado comunista Kostas Papadakis, o Syriza será a nova socialdemocracia em que a burguesia europeia apostará para reformar e modernizar o capitalismo grego. A aliança com a direita dos Gregos Independentes é o aceno direto à burguesia européia que não está posto no horizonte nenhum projeto de ruptura com a UE/OTAN ou com o capitalismo

Nesse sentido, mais coerente é o PC da Grécia, o KKE, que em sua análise da situação grega aponta a *necessidade de se romper com os grilhões da UE, isto é, atuar no sentido de não pagar a dívida e de sair da OTAN*. A crítica central do PC grego é que *para além de uma retórica eleitoral, não há qualquer proposta concreta para solucionar o brutal arrocho dos salários e de recuperar as perdas de conquistas, por parte dos trabalhadores*.

Indo mais longe, Papadakis afirma que apesar de duro e penoso, *o caminho para recolocar a Grécia em situação favorável aos trabalhadores e pequenos agricultores é a saída da UE e a construção do projeto socialista*.

Para os que embalaram sonhos com a socialdemocracia, rapidamente a noite de verão transformou-se em tempestade em que no mesmo barco navegam "socialistas" lights e a direita xenófoba.

Apesar de não ser apresentada por escrito, o Syriza acaba de declarar sua "Carta aos Gregos", leia-se, a subserviência à União Européia e à OTAN.

(*) Professor da USP e membro do Comitê Central do PCB

Para Tarso Genro, imprensa mundial deforma significado da vitória do Syriza

Para Tarso genro, o Siryza é uma força política de esquerda que retoma propostas que podem ser inscritas na agenda original da social democracia europeia.

Marco Weissheimer

http://cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPolitica%2FPara-Tarso-Genro-imprensa-mundial-deforma-significado-da-vitoria-do-Syriza%2F4%2F32732

"A vitória do Syriza na Grécia não representa a vitória de uma extrema-esquerda que defende a ruptura com a União Europeia, como vem repetindo um setor dominante da mídia, na Europa e no Brasil, mas sim a vitória de uma força política de esquerda que retoma propostas que podem ser inscritas na agenda original da social democracia europeia. Como essa social democracia foi toda para o centro, o Syriza é apresentado como radical". A avaliação é do ex-governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, que está em Sevilha (Espanha), onde participou como painelista de um seminário sobre a recuperação da memória nas ditaduras.

Tarso Genro aponta uma série de simplificações e deformações que vêm sendo reproduzidas na imprensa a propósito do significado do resultado das eleições na Grécia. “O Syriza não quer que a Grécia saia da União Europeia e da zona do euro. O que está propondo é a reestruturação do pagamento da dívida para dar uma folga ao tesouro grego e possibilitar a retomada dos investimentos em infraestrutura no país. Não está propondo o calote da dívida, mas sim uma renegociação”. A proposta defendida pelo novo primeiro ministro grego, Alexis Tsipras, acrescenta Tarso, não representa tampouco uma ruptura com o estado democrático de direito, mas sim um projeto de reconstrução do Estado, de reincorporação de servidores públicos demitidos e de recuperação de serviços desmantelados.

A proposta do Syriza em relação à dívida, diz Tarso, é muito parecida com a que defendemos no Rio Grande do Sul, em cima de três pontos: desvalorização da dívida, aumento dos investimentos e novos financiamentos para modernizar a economia do Estado.
A Grécia tem hoje a situação econômica mais dramática da Europa, com uma dívida que equivale a 170% de seu Produto Interno Bruto (PIB). A dívida do Rio Grande do Sul, compara Tarso Genro, representa hoje 20% do PIB gaúcho. Vários países intermediários da Europa, assinala ainda o ex-governador do RS, já estão fazendo propostas similares às do Syriza, querendo a renegociação da dívida para retomar o caminho do crescimento. E não só países intermediários. François Hollande, primeiro ministro da França, já manifestou simpatia pelas ideias de Tsipras e o convidou para conversar.

Do ponto de vista político, avalia Tarso Genro, a proposta mais importante que está sendo levantada por Alexis Tsipras é o pedido de uma indenização, junto a Alemanha, pelos crimes de guerra cometidos pelos nazistas contra o povo grego durante a Segunda Guerra Mundial. Logo após assumir o cargo de primeiro-ministro, Tsipras deixou uma coroa de flores em um monumento às vítimas dos nazistas em Atenas, um gesto inédito entre os chefes de Estado gregos. Em 1º de maio de 1944, cinco meses antes de deixarem Atenas, os nazistas fuzilaram 200 comunistas no local onde está o monumento, na periferia de Atenas, um dos piores massacres do período da ocupação alemã na Grécia.

Um grupo de trabalho do governo grego já estimou que o montante desta reparação seria de cerca de 162 bilhões de euros (cerca de 221 bilhões de dólares). O governo alemão, por sua vez, sustenta que a questão das indenizações de guerra já foi resolvida durante os acordos da Conferência de Paris, em novembro de 1945.

Tarso também contesta a afirmação que vem sendo reproduzida pela imprensa em vários países dando conta que o Syriza teria feito acordo com um partido de direita para formar o

governo. A aliança, na verdade, observa, foi feita com um partido nacionalista, moderado, de centro direita, em cima de dois pontos: apoio à renegociação da dívida com a União Europeia e apoio à proposta de compensação financeira, pela Alemanha, em função dos crimes cometidos na Segunda Guerra Mundial.

A vitória do Syriza na Grécia, assinala ainda Tarso Genro, abre as portas para importantes inflexões políticas na Europa o que pode levar a mudanças no funcionamento da União Europeia. O Financial Times, lembrou, questionou se Tsipras será um Lula ou um Hugo Chávez. “Essa disjuntiva colocada pelo Financial Times mostra que é falsa a afirmação de que tivemos uma vitória da extrema esquerda na Grécia. O que é o Syryza quer não é uma ruptura com a Europa, mas sim a reconstrução do Estado grego e um novo patamar de funcionamento para a União Europeia”.

O resultado da eleição na Grécia, aponta o ex-chefe do Executivo gaúcho, já tem repercussões na Espanha. “Na região da Andaluzia, onde haverá eleições regionais e março, o Partido Socialista rompeu o governo de unidade que tinha com a Esquerda Unida para fazer um movimento na direção de um acordo com o Podemos. O Partido Socialista e o Partido Popular, os dois partidos mais tradicionais da Espanha, vem se esforçando em dizer que o caso espanhol é diferente do grego. A divergência das duas siglas em relação à União Europeia é de grau, mas o resultado da eleição grega favorece a ala mais à esquerda do Partido Socialista que defende mudanças mais profundas na relação da Espanha com a UE. Pode surgir daí um novo sistema de alianças na Europa, em defesa de outros padrões de integração”.

Em Sevilha, Tarso Genro conversou com o professor Juan Torres Lopez, um dos responsáveis pela redação do programa de governo do Podemos. A partir dessa conversa, ele relata: “Quando ele terminou de redigir a parte econômica do programa, Pablo Iglesias, uma das principais lideranças do Podemos, sugeriu mudanças no texto para que ele não configurasse uma proposta de ruptura com a União Europeia. Tsipras e Iglesias têm admiração pelas políticas de combate à pobreza e à desigualdade social feitas no Brasil a partir dos governos do presidente Lula. E essas agendas estão na ordem do dia hoje em países como Grécia e Espanha”.

-

Tsipras declares end to 'vicious cycle of austerity' after Syriza wins Greek election – live updates

Follow live updates on elections in Greece as the the anti austerity party Syriza is on course to form the next Greek government

Salvar

THE GUARDIAN · 25.339 COMPARTILHAMENTOS ·25 DE JANEIRO DE 2015

-

  ‘For five years Greece has been like a patient slowly bleeding’

  The sick man of Europe is dying and Sunday’s elections may be the tipping point. Helena Smith reports

  Salvar

  THE GUARDIAN · 3.765 COMPARTILHAMENTOS ·21 DE JANEIRO DE 2015

-

  Greek poll winner vows to end 'pain'

  Anti-austerity Syriza party leader Alexis Tsipras vows to end Greece's "five years of humiliation and pain" after winning the general election.

  Salvar

  BBC NEWS · 6.923 COMPARTILHAMENTOS ·25 DE JANEIRO DE 2015

Piketty opina: “Syriza pode libertar Europa”

– 31 DE JANEIRO DE 2015

- 2Share
- 1.5kShare
- Share
- Share

Para economista, redução da dívida, exigida pelo novo governo grego, é única maneira de salvar continente da ditadura financeira e retrocesso social e político

Por **Eugenio Occorsio** | Tradução *Carta Maior*

"Não entendo por que as chamadas chancelarias europeias estão tão aterrorizadas com a vitória do Syriza na Grécia. Ou melhor, eu entendo, mas é hora de desmontar suas hipocrisias". Thomas Piketty (1), que leciona na École d'Économie parisiense, "o economista mais conceituado de 2014", tal como definiu o *Financial Times*, vem à tona com toda a sua garra em um editorial publicado ontem pelo jornal *Libération*. "Na Europa, faz falta uma revolução democrática", ele escreveu, e repete alto e bom tom ao telefone, no aeroporto de Paris, antes de embarcar para Nova York, a cidade que lançou seu *O capital no século XXI* como livro do ano graças ao respaldo do prêmio Nobel Paul Krugman.

Professor, Tsipras abriu o caminho — defendendo, no entanto, o estandarte da saída do euro?

Sim, mas agora suavizou muito as suas posições. Revelou-se, ao contrário, como um líder fortemente europeísta.. Desde já, o Syriza fará valer suas posições na Europa, mas isso não será um mal. Ao contrário.

Em resumo, algo acontecerá. Mas estamos certos de que será algo inovador?

Veja, consideremos a situação com realismo. A tensão na Europa chegou a um ponto em que, de uma forma ou de outra, explodirá em 2015. E as alternativas são três: uma nova crise financeira tremenda; a consolidação das forças de direita que formam uma coalizão cujas bases estão se formando agora, centradas na Frente Nacional na França, incluindo a Lega Nord e o 5 Stelle; ou uma sacudida política que venha da esquerda: o Syriza, os espanhóis do Podemos, o Partido Democrático italiano, o que resta dos socialistas. Você escolhe qual das soluções? Eu escolho a terceira.

A famosa "revolução democrática", em resumo. Quais deveriam ser as primeiras ações?

Este site é sustentado por seus leitores. Clique aqui para contribuir

Dois pontos. Primeiro, a revisão total da atual política baseada na “austeridade”, que está asfixiando qualquer possibilidade de recuperação na Europa, a começar pelo sul da zona do euro. E essa revisão tem que prever como primeiríssima coisa uma renegociação da dívida pública, uma ampliação dos prazos e, eventualmente, perdões de verdade de algumas partes. É possível, eu asseguro. Já se perguntaram por que os EUA vão de vento em popa, assim como a Europa que está fora do euro, por exemplo a Grã-Bretanha? Mas por que a Itália deve destinar 6% do PIB para pagar os juros e apenas 1% à melhoria de suas escolas e universidades? Uma política centrada apenas na redução da dívida é destrutiva para a zona do euro. Segundo ponto: uma centralização nas instituições europeias de políticas de base para o desenvolvimento comum a partir da política tributária e, no mais, reorientar esta última para onerar mais as maiores rendas pessoais e industriais. Nesses assuntos fundamentais, deve-se votar por maioria de países — e não mais por unanimidade –, e vigiar depois para que todos se ajustem. Uma maioria centralizada vale também em outras frentes, à semelhança do que se está começando a fazer com os bancos. Só assim se poderá homogeneizar a economia e desbloquear a fragmentação de 18 políticas monetárias com 18 tipos de juros, expostas ao açoite da especulação. Não se dar conta disso é ser míope, e o que é pior, profundamente hipócrita.

As “hipocrisias europeias” das quais falava no início: a que o senhor se refere, mais concretamente?

Vamos pela ordem. O mais hipócrita é Jean-Claude Juncker, o homem a quem se entregou, inconscientemente, à Comissão Europeia depois que ele levou Luxemburgo durante vinte anos a uma sistemática depredação dos benefícios industriais do resto da Europa. Em segundo lugar, está a Alemanha, que finge ter se esquecido do superperdão de suas dívidas após a II Guerra Mundial. Elas foram reduzidas, num só golpe de 200 para 30% do PIB, o que permitiu financiar a reconstrução e o impressionante crescimento dos anos seguintes. Aonde teria chegado se fosse obrigada a reduzir, a duras penas, sua dívida em 1% ou 2% ao ano, como está obrigando o sul da Europa a fazer? O terceiro lugar nessa embaraçosa classificação de hipocrisias pertence à França, que agora se rebela diante da rigidez alemã, mas que esteve na primeira fila prestando apoio à Alemanha quando esta impôs a política de austeridade, e pareceu igualmente decidida quando o Fiscal Compact de 2012 condenou às economias mais frágeis a reembolsar suas dívidas até o último euro, apesar da devastadora crise de 2010-2011. Assim que se desmascarar e ilhar essas hipocrisias, será possível retomar o desenvolvimento europeu no ano que está prestes a começar. E o Syriza dará menos medo.

—

(1) Thomas Piketty (1971) é diretor de estudos da EHESS (École des Hautes Études en Sciences Sociales) e professor associado da Escola de Economia de Paris, além de autor de recente e fulgurante celebridade pro seu livro O Capital no século XXI (Fundo de Cultura Econômica, 2014).

Tradução de Daniella Cambaúva

Especial Carta Maior: A democracia contra o caos

http://outraspalavras.net/outrasmidias/capa-outras-midias/piketty-opina-syriza-pode-libertar-europa/

A Carta Maior oferece um especial de matérias e análises sobre a experiência em curso na Grécia que deve ser acompanhada de perto pelos brasileiros.

Joaquim Ernesto Palhares - Diretor da Carta Maior

Uma das grandes vitórias do neoliberalismo em nosso tempo foi subtrair do capitalismo o seu conteúdo político e social.

A naturalização daquilo que está assentado em uma indissociável relação de poder consumou uma das mais eficazes operações ideológicas do nosso tempo.

A serviço dessa assepsia vicejam as editorias de economia e o colunismo dos vulgarizadores do capital metafísico.

Cabe-lhes o diuturno trabalho de reafirmar a petulante condição de ciência a uma economia encarregada de reproduzir um sistema ordenado pelo virulento antagonismo com o bem comum da sociedade.

Não se negue à economia leis próprias, circunstâncias limitadoras e incertezas a exigir gestão, equilíbrio e bom senso.

Mas dizer ‘economia de mercado’ e não ‘capitalismo’, ou ‘intervencionismo’, em contraposição a ‘eficiência’, faz parte do serviço de entorpecimento social encarregado de preservar e engordar interesses sabidos.

De quando em vez, a operação falha.

Nas crises cíclicas do sistema, quando se descarrega sobre a sociedade um fardo de sacrifícios dificilmente vendável como ciência ou fatalidade, o labor da catequese midiática é afrontado pela natureza crua do regime.

Foi o que aconteceu na Grécia, de onde faísca agora um clarão de discernimento que ameaça iluminar o imaginário social para muito além de suas fronteiras.

A vitória eleitoral da frente de esquerda, o Syriza, no último domingo, carrega essa dimensão de um simbolismo com poder epidêmico.

Súbito, democracia e capitalismo se deparam em pé de igualdade na disputa pelo destino de uma nação e do seu desenvolvimento.

Aos olhos do mundo, Atenas se transformou na capital da transgressão ao interdito neoliberal.

Tudo o que a derrocada do bloco comunista, e a rendição da socialdemocracia aos mercados autorreguláveis, martelou nos corações e mentes, em mais de três décadas de fastígio conservador, vacila sob a luz desse clarão.

Afinal, se 'there is no alternative', como proclamava lady Margaret Tatcher, e assim reafirma o desesperanto de Merkel e Levy, como é que uma nação inteira aposta a própria cabeça na direção oposta?

O repto histórico acontece em um momento de particular transparência do moedor de carne dos mercados.

É essa singularidade que devolve à Grécia a condição de uma 'ágora' a escrutinar os destinos de muitos povos nos dias que correm.

Os números da tragédia imposta à população grega pelo conluio entre elites predadoras e mercados financeiros insaciáveis são conhecidos (leia 'A gororoba brasileira e o ajuste à grega'; nesta pág).

Um tridente resume a temperatura do inferno.

Para pagar bancos sem afetar a plutocracia, o estado grego reduziu o salário mínimo, cortou a merenda escolar e deixou milhares de famílias pobres sem eletricidade.

Sob a chibata de Merkel, da troika do euro e do FMI, o berço da democracia vivenciou o degrau mais indigente de degeneração desse regime desde a crise de 1929 nos EUA.

O que se discute agora, portanto, não é pouca coisa.

Em que medida a democracia, leia-se, o Estado orientado pela mobilização popular, poderá equacionar restrições de natureza não apenas local - mas global - e reverter a marcha fúnebre de uma nação rumo ao abismo da história?

A revolução mundial não consta das opções disponíveis na mesa dos povos para desmontar a supremacia das finanças desreguladas nesse momento.

A Grécia terá que renascer a partir de um trabalho de parto sincronizado com a construção de antídotos à hegemonia financeira no âmbito do euro.

As relações entre Estado, mercados, democracia e desenvolvimento ganham assim um laboratório de ponta alternativo à gororoba metafísica receitada pelo jornalismo de economia a serviço do dinheiro grosso.

A complexidade e a nitroglicerina embutidas nessa transição não aconselham ilusões.

Arranjos alternativos terão que ser negociados, concessões ocorrerão. Mas com uma diferença não negligenciável em relação ao que se passa em outras latitudes nesse momento: o cristal metafísico que revestia a dominação dos mercados sobre a sociedade se espatifou em Atenas.

A mão invisível materializou-se atada ao esqueleto do qual nunca se separou.

Dele fazem parte vértebras não estranhas à perplexidade atual dos brasileiros: elites descomprometidas da sorte da sociedade; endinheirados cuja pátria é o paraíso fiscal; burocracias públicas capturadas pelos oligopólios; políticos degenerados; sistemas partidários cevados no numerário privado; coalizões conservadoras dispostas a destruir o país e os alicerces do seu desenvolvimento para retomar o poder.

Sempre foi assim. Mas em sua versão neoliberal, potencializada pelo poder de chantagem da livre mobilidade dos capitais, a engrenagem adquiriu a ubíqua condição de um ectoplasma que até uma parte da esquerda passou a tratar como ‘o novo normal’.

Ou, o estado de exceção permanente.

O nó górdio dos que tem buscado se opor a ele é a rala contrapartida de organização coletiva e discernimento histórico para levar a cabo a luta por uma outra lógica de sociedade e desenvolvimento.

A frase acima condensa boa parte da encruzilhada brasileira atual.

Nela, um governo de raiz progressista debate-se entre a fidelidade aos seus compromissos e as concessões exigidas pelos mercados, sob risco de ser defenestrado por eles num

arrastão de fuga de capitais, explosão de preços e greve dos investimentos.

Como escapar da disjuntiva se o sujeito do processo persiste alheio às raízes do conflito que determinarão o seu destino?

Durante um período longo demais, muitos dentro do PT acharam que essa era uma 'não-questão'.

Que tudo se resolveria no piloto automático dos avanços incrementais do consumo, que se propagariam mecanicamente na correlação de forças da sociedade, fechando-se um círculo virtuoso e progressista.

A paralisia atual, que ameaça conquistas arduamente acumuladas, argui os termos dessa equação.

Com os limites do jogo ainda mais estreitos, o desafio agora é romper a capa da fatalidade ortodoxa para repor os termos de uma repactuação do desenvolvimento, capaz de assegurar um novo estirão da democracia social no país

A experiência em curso na Grécia deve ser acompanhada com a respiração em suspenso pela esquerda brasileira.

O que uma frente de esquerda que sempre perdeu as eleições, até se unir, ensina de antemão ao estilhaçado campo progressista brasileiro assume contornos de uma objetividade vertiginosa nos dias que correm.

Para a democracia enfrentar os mercado é crucial saber onde se pretende chegar mas, sobretudo, providenciar os instrumentos organizativos necessários à sustentação do percurso.

Clique aqui para ter acesso aos textos do Especial sobre a Grécia.

Martin Schulz optimista após encontro com Tsipras

JOÃO MANUEL ROCHA

29/01/2015 - 18:29

"Raramente senti durante o meu mandato que tive uma discussão tão construtiva e aberta", disse o presidente do Parlamento Europeu. Juncker foi muito menos conciliatório.

http://www.publico.pt/mundo/noticia/martin-schulz-optimista-apos-encontro-com-tsipras-1684410

Martin Schulz, o primeiro líder de uma instituição europeia a ser recebido em Atenas desde a mudança de Governo, gostou do que ouviu e saiu optimista do encontro que, esta quinta-feira, teve com o novo primeiro-ministro grego, Alexis Tsipras.

"Raramente senti durante o meu mandato que tive uma discussão tão construtiva e aberta", disse, citado pelo diário grego *Kathimerini*. "Há a impressão na União Europeia de que o novo Governo grego vai tentar seguir um caminho à parte", mas "descobri hoje que não é o caso", afirmou, após o encontro.

A Grécia procura "soluções numa base comum" com os parceiros europeus, disse também, citado pela AFP, depois de um encontro que se prolongou por duas horas e que Martin Schulz descreveu como "sincero", "construtivo", "substancial" e também "fatigante".

"Estamos de acordo sobre muitos assuntos, mas há coisas que é preciso ainda discutir", disse também o socialista que preside ao Parlamento Europeu desde 2012. Schulz manifestou agrado com o facto de o combate à evasão fiscal e "a injustiça social que está ligada à evasão fiscal" serem prioridades do executivo de Tsipras. "É um bom passo em frente e espero que amanhã, com o patrão da zona euro, Jeroen Dijsselbloem, haja passos concretos", disse ainda. Dijsselbloem visita esta sexta-feira Atenas.

Com um tom bem diferente, o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, disse, numa entrevista ao jornal francês *Le Figaro*, que eliminar a dívida grega "está fora de questão" e é uma solução que não seria aceite pelos outros países do euro. "São possíveis arranjos, mas eles não alterarão o essencial do que está em vigor", disse.

"Tsipras diz que a Grécia não aceitará a austeridade. Os países do euro respondem que não haverá mais créditos se a Grécia não respeitar os compromissos", acrescentou. "Respeitamos o sufrágio universal na Grécia, mas a Grécia deve também respeitar os outros."

O vice-chanceler e ministro da Economia alemão, o social-democrata Sigmar Gabriel, disse quase o mesmo que Juncker. "Os cidadãos europeus têm o direito de esperar que as mudanças na política grega não se façam à sua custa, e é disso que se trata", afirmou no Parlamento, reforçando uma posição já expressa na véspera.

As declarações surgem depois das primeiras medidas antiausteridade anunciadas pelo novo Governo grego, incluindo o aumento do salário mínimo, o alargamento dos cuidados de saúde a desempregados que não tenham seguro e o fim da mobilidade na função pública.

"Construir confiança"

Falando após o encontro com Martin Schulz, o primeiro-ministro grego disse que o seu Governo está a procurar "construir uma nova relação de confiança" com a Europa. Tsipras repetiu a mensagem que deixou na quarta-feira, no seu primeiro Conselho de Ministros, e declarou que pretende uma solução "mutuamente benéfica" para o problema da dívida grega, o que "exige tempo". A Grécia, afirmou também o chefe do Governo, está a trabalhar para o "regresso ao crescimento" e "a Europa vai ultrapassar a crise e sairá mais forte", com "mais solidariedade e confiança recíproca".

A procura de uma “nova relação” com a Europa vai levar na segunda e terça-feira a Londres, Paris e Roma o seu ministro das Finanças, Yanis Varoufakis, para contactos com os seus homólogos. O francês Michel Sapin já anunciou qual é posição do seu Governo: “Discutir a dívida, sim, para aliviar a carga, anular a dívida, não, porque isso seria transferir o peso dos contribuintes gregos para contribuintes franceses” .

A França inclina-se, segundo informações da Reuters, para um cenário de concessão de mais tempo à Grécia para pagamento da dívida, desde que Atenas mantenha o orçamento equilibrado e compromissos de reformas.

Governo grego não quer dialogar com *troika* mas sim com a Europa

JOÃO MANUEL ROCHA

http://www.publico.pt/mundo/noticia/governo-grego-nao-quer-dialogar-com-troika-mas-sim-com-a-europa-1684564

30/01/2015 - 20:08

Atenas vai “tentar convencer os parceiros que é o do interesse da Europa desenhar um novo acordo” e quer realizar uma conferência europeia para discutir a dívida, uma ideia afastada pelo presidente do Eurogrupo.

MULTIMÉDIA

-

- Merkel exclui renegociar dívida da Grécia
- Eurogrupo quer negociações baseadas na "ambição comum" de manter o euro
- Tsipras quer solução “mutuamente benéfica”
- Alemanha garante nova ajuda se Grécia cumprir programa de ajustamento
- Grécia bate o pé, mas União Europeia mantém-se firme nas sanções contra a Rússia
- Alexis Tsipras escolhe Governo para enfrentar troika
- Martin Schulz optimista após encontro com Tsipras
- Podemos ensaia a sua primeira demonstração de força nas ruas

Foi um diálogo tenso, o desta sexta-feira em Atenas. O presidente do Eurogrupo advertiu contra passos unilaterais da Grécia. O ministro das Finanças disse que o novo Governo não vai colaborar com a *troika* e não quer uma extensão do programa de assistência financeira, mas um novo tipo de entendimento.

Jeroen Dijsselbloem e Yanis Varoufakis descreveram como “construtivo” o encontro de cerca de uma hora entre o ministro do novo executivo de esquerda e o “patrão” da zona euro. Mas na conferência de imprensa que

se seguiu “quase se sentia a tensão no ar”, escreveu Helena Smith, jornalista do diário britânico *The Guardian*.

Varoufakis disse que a Grécia quer “dialogar” com a Europa e não com “a delegação da *troika*” – que deveria viajar em breve para Atenas, para verificar o grau de execução de reformas, antes da transferência dos restantes sete mil milhões de euros do actual programa de assistência financeira.

“Não temos intenção de cooperar com uma comissão de três membros, cujo objectivo é aplicar um programa cuja lógica consideramos antieuropeia”, disse. À saída, aparentemente agastado, Dijsselbloem sussurrou algo ao ouvido de Varoufakis, que não respondeu.

Noutro passo do embate, o ministro grego disse que não seria lógico “criticar o programa e pedir a sua extensão”. Já na quinta-feira, em declarações ao*New York Times*, declarou: “Não queremos os sete mil milhões, o que queremos é repensar todo o programa.”

Em alternativa, o Governo grego vai “tentar convencer os parceiros que é o do interesse da Europa desenhar um novo acordo”, repetiu esta sexta-feira. A hipótese de realização de uma conferência europeia para discutir a dívida foi afastada por Dijsselbloem. “Já existe o Eurogrupo”, disse, citado pelo jornal grego *Kathimerini*.

Varoufakis não explicou o que tenciona o Governo grego fazer, caso não seja alcançado um acordo nas próximas quatro semanas. Na falta de entendimento, no curto prazo, coloca-se a questão do acesso da banca grega ao Banco Central Europeu. Quanto à dívida, o país precisará de dez mil milhões de euros para a financiar, mas só no Verão.

Dijsselbloem insistiu que “ignorar os acordos não é o caminho certo” e que a continuação da ajuda europeia depende do cumprimento das obrigações pela Grécia – mas que cabe ao Governo de Atenas definir a sua posição. As duas partes, acrescentou, decidirão os próximos passos, antes de o actual programa de assistência financeira terminar, no final de Fevereiro.

Para Jeroen Dijsselbloem – que antes da reunião de trabalho se tinha reunido com o primeiro-ministro, Alexis Tsipras – é importante não deitar fora o que considera progressos feitos pela Grécia nos últimos anos.

Com o objectivo de sensibilizar os parceiros europeus, logo depois de, no domingo, visitar Chipre – tradicional lugar de destino dos primeiros-ministros –, Tsipras tem deslocações previstas a Roma, na terça-feira, e a Paris, na quarta. Varoufakis estará em Londres no domingo, em Paris na segunda e em Roma, na terça.

Schäuble fala em chantagem

O choque de posições desta sexta-feira confirma as divergências sobre a forma de lidar com a crise entre o novo Governo e as instituições europeias, apesar de, na quinta-feira, Martin Schulz, presidente do Parlamento Europeu, ter saído bem impressionado de um encontro com Tsipras. A Grécia procura “soluções numa base comum” com os parceiros europeus, disse.

Várias medidas anunciadas pelo novo Governo contrariam as políticas de rigor orçamental impostas pela *troika* de credores nos últimos anos – caso de privatizações de infra-estruturas, aumento do salário mínimo ou a reintegração de funcionários públicos. O mais recente anúncio foi o cancelamento da venda da empresa pública de gás natural, confirmado à Reuters pelo ministro da Energia, Panagiotis Lafazanis. O governante

manifestou também oposição a um dos maiores investimentos do país, um projecto canadiano de exploração de ouro da empresa Eldorado Golden.

Os dirigentes das instituições europeias e vários responsáveis governamentais não têm escondido o seu desagrado. O ministro das Finanças alemão, Wolfgang Schäuble, foi um dos últimos a reforçar o coro dos que afastam o cenário de reestruturação da dívida grega. "Sobre esse ponto não há grande coisa a discutir; além disso, é difícil chantagear-nos", disse.

"[Em contrapartida, se as decisões anteriores forem respeitadas,] estamos dispostos a toda a colaboração e a ser solidários nesse contexto e não em qualquer outro", acrescentou Schäuble

Paul Craig Roberts: A democracia ocidental morreu?

29/1/2014, **[*] Paul Craig Roberts** – *Institute for Political Economy*

"Is Democracy Dead In The West?"

Traduzido por **Mberublue**

Povo comemora vitória do Syriza (25/1/2015)

Descobriremos a resposta para a pergunta colocada no título quando soubermos o resultado da contenda entre o novo governo grego, formado pelo partido político Syriza e o Banco Central Europeu que se alinha aos interesses da União Europeia e dos Estados Unidos contra a Grécia.

Os espartanos, cujas capas vermelhas e proezas na guerra enchiam de medo os invasores da terra grega e de seus oponentes de outras cidades-estados, não existem mais. Mesmo a própria Atenas não passa de uma ruína histórica. Os gregos quando confrontados foram capazes, apesar de contar com apenas 300 espartanos aos quais se somaram alguns milhares de coríntios, tebanos e outros guerreiros, de deter um exército persa de cem mil homens nas Termópilas, e que no final derrotaram a frota persa na Batalha de Salamina e o exército persa na Batalha de Plateia só existem nos livros de História.

Os gregos históricos se tornaram um povo legendário. Nem mesmo os romanos conseguiram conquistar a Pérsia, mas um punhado de gregos conseguiu deter a tentativa persa de conquistar a Grécia.

Mas, apesar de sua história gloriosa, os gregos não conseguiram deter um punhado de bancos da Alemanha e da Holanda que invadiram a Grécia. Caso ainda existisse aquela Grécia gloriosa e destemida da historia, os bancos privados da União Europeia estariam tremendo de medo, pois o povo grego está sendo explorado impiedosamente por estes bancos e pela União Europeia, que representam atualmente para a Grécia uma ameaça muito maior do que a Pérsia jamais representou.

A Grécia, espoliada de sua independência pela adesão à União Europeia e pela aceitação do Euro como moeda única, perdeu sua soberania. Não pode financiar a si mesma, pois perdeu o controle sobre o próprio dinheiro. A Grécia tem que contar com bancos privados de outros países. No século XXI os bancos privados europeus não podem contemplar a possibilidade de perder dinheiro simplesmente porque são incompetentes e concederam empréstimos sobre empréstimos aos países membros da União Europeia. Por incrível que pareça, a falha evidente desse procedimento não é creditada aos bancos e sim aos governos mutuários e sua população.

Gold Sacks

Há relatos esclarecendo que os banqueiros norte americanos da empresa Goldman Sachs, também chamada ocasionalmente de "Gold Sacks" (**"ouro em sacas"** – NT) escondeu o real volume do débito grego, para que os bancos estendessem ainda mais os empréstimos para a Grécia, colocando dessa maneira o país e o povo grego prontos para serem saqueados.

Os banqueiros trapaceiros podem sempre argumentar, mais uma vez desonestamente, que o povo grego se aproveitou dos recursos obtidos através dos empréstimos e, portanto, agora têm que pagar esses empréstimos através do corte das pensões de seus idosos, do desemprego, da redução dos salários e através da venda dos bens nacionais gregos.

Esta é a verdadeira face da austeridade imposta ao povo grego pela União Européia e dos credores da Grécia.

A Grécia se encontra em estado de prostração. Os gregos atualmente estão na realidade cometendo suicídio, por que não podem prover a si mesmos, nas atuais condições de baixa em que vivem e que foram criadas para eles pela União Europeia e pelos bancos

privados, sem nenhuma outra razão a não ser a negativa dos bancos, que não devem amortizar (***write down – condição econômica em que acontece a depreciação monetária de determinado ativo, porque ele se encontraria supervalorizado em relação ao seu real valor de mercado*** – *NT)* os empréstimos.

Então, um dos resultados da "democracia" grega é o suicídio. Com suficiente democracia, poderemos controlar a população mundial e deter a destruição do capital natural. Tudo o que temos que fazer é permitir que os banqueiros saqueiem à vontade o mundo inteiro.

O que o Syriza pode fazer?

Na realidade muito pouco, sem os espartanos.

As intenções do partido e de seus líderes são honestas e merecem o nosso respeito. O Syriza é um partido popular e é exatamente isso o que o marca para a destruição. Jamais se permitirá que a voz do povo afete as políticas do mundo ocidental. As pessoas que eles governam não poderiam ser menos importantes para os poderosos grupos de interesses dos ricos que dominam o mundo ocidental.

Mal o Syriza havia se instalado no gabinete quando a Bloomberg, uma agência de notícias de negócios, **comunicou ao novo Primeiro Ministro grego**, Alexis Tsipras, que o Syriza tinha que dançar conforme a música dos credores

Tsipras declarou que o novo governo grego não pretende impor um "choque catastrófico" aos seus credores, mas apenas conseguir melhorar as condições irracionais impostas à Grécia, na intenção de poder dar satisfações aos bancos privados que são seus credores e ao mesmo tempo evitar a instabilidade social, política e econômica da Grécia.

Em oposição a estas declarações bem razoáveis, a Bloomberg relatou que o novo gabinete grego teria comunistas que são favoráveis a uma maior aproximação com a Rússia. Na clara intenção de lembrar ao novo gabinete dos dominados gregos quem é o dono do chicote que desce sobre suas costas e sobre o mercado financeiro grego, as ações e títulos gregos sofreram um ataque do qual resultou uma baixa violenta.

O aviso de *Wall Street* e da União Europeia foi claro: você será destruído se nos desafiar.

A punição do novo governo grego foi imediata. Segundo a Bloomberg:

> (...) *as ações e títulos gregos tiveram queda por três dias consecutivos, depois que os novos ministros afirmarem que devem cessar com a venda de alguns bens do Estado Grego e aumentar o salário mínimo. Os rendimentos de títulos com vencimento em três anos subiu de 2,99% para 16,69%. O referencial Índice Geral de Atenas decresceu 9,2%, atingindo o menor nível desde o ano de 2012, levado para baixo por um colapso no valor dos bancos.*

Entenderá Tsipras que as instituições financeiras gregas continuarão a ser punidas enquanto estiverem por trás de seu governo? A Bloomberg colocou tudo em pratos limpos:

> (...) *a Alemanha advertiu a nação mediterrânea contra o abandono de acordos de ajuda previamente assinados, depois de analistas afirmarem que a Grécia parecia estar em rota de colisão com seus pares europeus, o que fatalmente levaria a um futuro abandono da zona do euro.*

Alexis Tsipras comemora vitória eleitoral (25/1/2015)

As declarações dos ministros recém nomeados "*sugerem que em futuro breve deverão acontecer confrontação e negociações tensas*", escreveu em nota a seus clientes Vangelis Karanikas, presidente da Títulos Euroxx, baseada em Atenas.

O que é a "rota de colisão" ***(aqui, parece ter havido um erro de digitação no original, pois anteriormente o autor grafara "collision course" [rota de colisão] e neste parágrafo "collusion course"*** - *NT)* do Syriza? O novo governo quer apenas tornar menos onerosos os acordos feitos pelos governos anteriores que venderam o povo grego. O novo governo quer apenas para de doar os bens gregos a preço vil para os clientes de seus credores e aumentar o salário mínimo para que o povo grego possa ter pão e água o bastante para sobreviver.

No entanto, para os bancos privados que são credores da Grécia, para a Alemanha de Merkel que está por trás dos bancos, para Washington que pouco se importa com o que

quer que venha a acontecer com os gregos, para as elites gregas que se veem como "parte da Europa", o Syriza é apenas um obstáculo a ser removido.

Assim, os títulos e ações gregos são atacados, ameaças que podem influenciar e causar medo em parte da população grega saturada de propaganda no sentido de que ou a Grécia faz parte da União Europeia ou será ignorada pela história são lançadas diuturnamente.

Uma conclusão a ser tirada disso tudo é que o povo grego parece muito com o povo americano em sua despreocupação. O partido Syriza obteve apenas 37% dos votos. São mais votos que os obtidos por qualquer outro partido grego, mas não o suficiente para demonstrar para a União Europeia e para os Estados Unidos que o povo grego está ombro a ombro com seu governo.

Em vez disso, mostra que o novo partido teve que formar um governo em coligando-se com outro partido, o qual poderia cair fora do governo a qualquer tempo em troca, talvez, de um pouco de dinheiro. Mostra também que o partido Syriza pode ser demonizado no ocidente e apresentado ao povo grego como uma ameaça para a Grécia.

O novo partido está ciente de sua fraqueza. O novo Primeiro Ministro afirma não querer confronto, mas que também não pode continuar com a leniência exibida por governos anteriores. É necessário que se alcance uma acomodação razoável de parte a parte.

Syriza - passeata da VITÓRIA (25/1/2015)

Acontece que é pouco provável que haja uma acomodação razoável, pelo simples motivo de que tal acomodação não faz parte dos desejos de Washington, da União Europeia e dos credores da Grécia.

Qual o propósito da criação da "crise financeira da Grécia"? É deixar estabelecido para todos os países membros que não mais existe soberania entre eles e que os bancos que emprestam dinheiro para os tais estados não soberanos não são responsáveis por quaisquer perdas relativamente a esses empréstimos. A responsabilidade é da população dos países endividados. Para garantir que os bancos não tenham perdas, a população é obrigada a aceitar a diminuição de seus padrões e abdicar de sua qualidade de vida.

Assim é a “Nova Democracia”. Nada mais que o ressurgimento da ordem feudal. Alguns aristocratas absurdamente ricos e todo o resto da população como servos obrigados a sustentar a nova ordem vigente. A pilhagem que teve início na Grécia continua agora na Ucrânia. Quem será a próxima vítima?

Terá o partido Syriza condições para levantar o povo grego contra seus saqueadores, levando-se em consideração de que obteve apenas 37% dos votos?

Conseguirá a Grécia obter forças para escapar de uma situação semelhante à Idade das Trevas na Europa, quando as populações foram longa e barbaramente espoliadas por piratas saqueadores?

Talvez, se a Grécia se realinhar com a Rússia e ao grupo de países BRICS em busca de amparo financeiro.

[*] Paul Craig Roberts (nascido em 03 de abril de 1939) é um economista norte-americano, colunista do *Creators Syndicate*. Serviu como secretário-assistente do Tesouro na administração Reagan e foi destacado como um co-fundador da ***Reaganomics***. Ex-editor e colunista do *Wall Street Journal*, *Business Week* e *Scripps Howard News Service*. Testemunhou perante comissões do Congresso em 30 ocasiões em questões de política econômica. Durante o século XXI, Roberts tem frequentemente publicado em *Counterpunch* e no *Information Clearing House*, escrevendo extensamente sobre os efeitos das administrações Bush (e mais tarde Obama) relacionadas com a guerra contra o terror, que ele diz ter destruído a proteção das liberdades civis dos americanos da Constituição dos EUA, tais como *habeas corpus* e o devido processo legal. Tem tomado posições diferentes de ex-aliados republicanos, opondo-se à guerra contra as drogas e a guerra contra o terror, e criticando as políticas e ações de Israel contra os palestinos. Roberts é graduado do Instituto de Tecnologia da Geórgia e tem Ph.D. da Universidade de Virginia, com pós-graduação na Universidade da Califórnia, Berkeley e na Faculdade de Merton, *Oxford University*.

http://redecastorphoto.blogspot.com.br/2015/01/paul-craig-roberts-democracia-ocidental.html

http://goo.gl/B20xBy

[A rede castorphoto é uma rede independente tem perto de 41.000 correspondentes no Brasil e no exterior. Estão divididos em 28 operadores/repetidores e 232 distribuidores; não está vinculada a nenhum portal nem a nenhum blog ou sítio. Os operadores recolhem ou recebem material de diversos blogs, sítios, agências, jornais e revistas eletrônicos, articulistas e outras fontes no Brasil e no exterior para distribuição na rede]

Respeitamos seu direito de privacidade na internet, caso não queira continuar recebendo nossas mensagens, basta responder este e-mail com o assunto: REMOVER

Será que objetivo europeu é fazer da Grécia um exemplo?

Paul Krugman

31/01/2015 - http://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/paul-krugman/2015/01/31/sera-que-objetivo-europeu-e-fazer-da-grecia-um-exemplo.htm

Nos cinco anos (!) que se passaram desde o início da crise do euro, tem havido uma falta de pensamento claro. Mas essa confusão deve terminar agora. Os recentes acontecimentos na Grécia representam um desafio fundamental para a Europa: será que conseguirá ultrapassar os mitos e o moralismo e lidar com a realidade de uma forma que respeite os valores fundamentais do continente? Caso contrário, todo o projeto europeu --a tentativa de reforçar a paz e a democracia através de prosperidade compartilhada-- sofrerá um terrível golpe, talvez mortal.

Em primeiro lugar, os mitos: muitas pessoas parecem acreditar que os empréstimos que Atenas recebeu desde o início da crise vêm subsidiando os gastos gregos.

A verdade, porém, é que a grande maioria do dinheiro emprestado à Grécia foi usado simplesmente para pagar a dívida e seus juros. De fato, nos últimos dois anos, um valor maior do que todo o dinheiro que vai para a Grécia foi reciclado desta forma: o governo grego está recolhendo mais receita do que gasta em coisas que não juros e entregando os fundos suplementares aos credores.

Ou, para simplificar as coisas um pouco, você pode pensar que a política europeia envolve um resgate, não da Grécia, e sim dos bancos credores, com o governo grego simplesmente agindo

como intermediário, e com o público grego, que viu seu padrão de vida cair de forma catastrófica, tendo que fazer mais sacrifícios para também contribuir com fundos para esse resgate.

Uma maneira de pensar sobre as demandas do governo grego recém-eleito é que ele quer uma redução no tamanho dessa contribuição. Ninguém está falando na Grécia gastar mais do que recebe; o que está em discussão seria gastar menos com juros e mais em coisas como cuidados de saúde e auxílio aos desamparados. E isso teria o efeito colateral de reduzir grandemente a taxa de 25% de desemprego da Grécia.

Mas a Grécia não tem a obrigação de pagar as dívidas que seu próprio governo escolheu incorrer? É aí que entra a moralização.

É verdade que a Grécia (ou mais precisamente o governo de centro-direita que governou a nação de 2004 a 2009) pegou voluntariamente empréstimos de grandes somas. Também é verdade, no entanto, que os bancos na Alemanha e em outros lugares voluntariamente emprestaram à Grécia todo esse dinheiro. Nós normalmente esperaríamos que ambos os lados desse erro pagassem um preço. Mas os credores privados têm sido amplamente socorridos (apesar do "corte de cabelo" em seus créditos em 2012). Enquanto isso, a Grécia deve continuar pagando.

Agora, a verdade é que ninguém acredita que a Grécia possa reembolsar tudo. Então, por que não reconhecer a realidade e reduzir os pagamentos a um nível que não imponha um sofrimento sem fim? Será que o objetivo é tornar a Grécia um exemplo para os outros mutuários? Em caso afirmativo, como é que isso é consistente com os valores daquela que se supõe ser uma associação de nações democráticas soberanas?

A questão dos valores torna-se ainda mais gritante quando consideramos por que os credores da Grécia ainda detêm poder. Se fosse apenas uma questão de finanças públicas, a Grécia poderia simplesmente declarar falência; desta forma, perderia o acesso a novos empréstimos, mas também pararia de pagar as dívidas existentes, e seu fluxo de caixa de fato melhoraria.

O problema para a Grécia, no entanto, é a fragilidade de seus bancos, que atualmente (como os bancos da área do euro) têm acesso ao crédito por meio do Banco Central Europeu. Corte esse crédito e o sistema bancário grego provavelmente derreteria em meio a enormes corridas bancárias. Enquanto permanece no euro, a Grécia precisa da boa vontade do Banco Central, que depende, por sua vez, da atitude da Alemanha e de outros países credores.

Mas pense em como isso interfere nas negociações da dívida. A Alemanha está realmente preparada, com efeito, a dizer a uma democracia europeia companheira: "Pague ou nós vamos destruir o seu sistema bancário"?

E pense no que acontecerá se o novo governo grego, que, afinal, foi eleito com a promessa de acabar com a austeridade, recusar-se a ceder? Dessa forma, com muita facilidade, cria-se uma saída forçada da Grécia do euro, com consequências econômicas e políticas potencialmente desastrosas para a Europa como um todo.

Objetivamente, resolver essa situação não deve ser difícil. Embora ninguém saiba disso, a Grécia realmente fez um grande progresso na recuperação da sua competitividade, os salários e os custos caíram drasticamente, de modo que, neste momento, a austeridade é a principal força segurando a economia.

Então, a solução é simples: vamos permitir que a Grécia tenha pequenos superavits, que aliviarão o sofrimento grego, e deixar que o novo governo celebre essa vitória, desarmando assim as forças antidemocráticas que estão à espera nos bastidores. Enquanto isso, o custo para os contribuintes das nações credoras, que nunca iam receber o valor total da dívida, seria mínimo.

Fazer a coisa certa, no entanto, exigiria que os outros europeus, particularmente os alemães, abandonassem os mitos que servem a eles mesmos e parassem de substituir as análises por lições moralizantes.

Eles podem fazer isso? Logo saberemos.

Tradutor: Deborah Weinberg

Bruxelas acena à Grécia com promessa do fim da *troika*

SÉRGIO ANÍBAL e MARIA JOÃO GUIMARÃES

02/02/2015 - 14:08

http://www.publico.pt/economia/noticia/bruxelas-acena-a-grecia-com-promessa-do-fim-da-troika-1684766

(actualizado às 18:54)

Jornais europeus escrevem que Jean-Claude Juncker propõe avançar para a dissolução da *troika*, caso a Grécia assuma os seus compromissos.

Alemanha rejeita acabar com a troika

A Comissão Europeia está a ponderar propor o fim das missões da *troika* na Grécia no formato em que estas têm sido feitas desde 2010, noticiam nesta segunda-feira o jornal espanhol *El País* e o alemão *Handelsblatt*.

Esta medida teria como objectivo dar uma resposta rápida à recusa do novo Governo grego em continuar a negociar com a *troika*, o nome por que ficou conhecida a associação entre a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional para negociar e avaliar os programas de ajustamento e os empréstimos assinados com a Grécia, Irlanda e Portugal.

De acordo com o *El País*, que cita fontes europeias não identificadas, esta abertura do executivo europeu serve como um gesto de boa vontade em relação ao Governo liderado por Alexis Tsipras, se este aceitar cumprir os compromissos assumidos anteriormente pelo país.

Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão, colocado perante as exigências da Grécia e a falta de vontade dos outros países da zona euro em aceitarem perdões de dívida ou um alívio da austeridade, teria nesta medida algo que poderia satisfazer Atenas – que se tem mostrado indisponível para negociar com a *troika* – e que não seria muito difícil de aceitar pelas outras capitais.

Ainda assim, a primeira reacção do Governo alemão está longe de ser entusiástica. “No Governo [alemão], não existe qualquer indicação que [o papel da *troika*] não deva ser mantido”, afirmou Christiane Wirtz, uma porta-voz do Governo liderado por Angela Merkel.

> Ainda não é muito claro, contudo, o que é que na prática significaria a "dissolução da *troika*" de que agora se fala em Bruxelas. Em termos formais, nos empréstimos à Grécia, há dois programas distintos: o do FMI e o programa europeu, que é coordenado pelo Eurogrupo, que delega na Comissão Europeia (em ligação com o BCE) essa tarefa na prática.

Já desde o início do ano passado que tem vindo a ganhar força a ideia na Europa de que, em futuros programas do mesmo tipo, não deve ser incluído o FMI, ficando a cargo das autoridades europeias toda a gestão de uma crise que ocorra na sua própria casa. De igual modo, a presença do BCE também tem sido colocada em causa, até pelo que pode significar para o estatuto de independência desta instituição.

Do lado grego, o que parece explicar a recusa de negociar com a *troika* é os interlocutores do Governo não serem os técnicos da Comissão, BCE e FMI, mas sim os outros governos europeus, através do Eurogrupo e do conselho europeu.

Numa entrevista recente à BBC, o ministro das Finanças grego, Yanis Varoufakis explicou:
"A *troika* tem dois níveis diferentes. Por um lado, há a*troika* das instituições, com quem temos muito gosto em discutir. Depois há os representantes aqui na Grécia, que são muito boas pessoas, mas cujo propósito é apenas o de garantir que é aplicado um programa que na nossa opinião falhou completamente."

> Tanto o *El País* como o *Handelsblatt* dão a entender, contudo, que aquilo que a Comissão está a ponderar é unicamente o final das missões conjuntas das três entidades que compõem a *troika*.

Neste momento, na Grécia, o programa relativo aos empréstimos europeus tem data marcada para o final do mês de Fevereiro, enquanto o do FMI termina no final deste ano.

Maior moderação

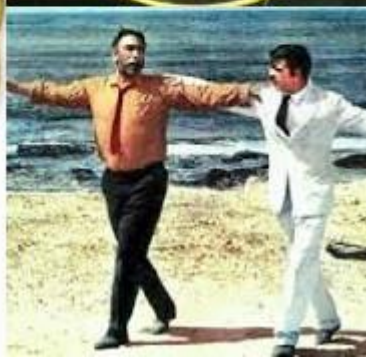
O ministro grego das Finanças diz que espera uma "ponte" entre o programa anterior e um novo acordo, mas não é claro o que tem em mente. A semana anterior deixou muitos a temer o pior, antecipando que a Grécia estava a puxar demasiado a corda e que o novo Governo iria chegar rapidamente a um beco sem saída nas negociações.

> O ponto mais alto de tensão foi o encontro do ministro grego das Finanças, Yanis Varoufakis, e o chefe do Eurogrupo, Jeroen Dijsselbloem, em Atenas, em que o responsável holandês se levantou depois de um comentário de Varoufakis criticando a troika.

Mas desde então Tspiras enviou um e-mail ao canal de informação económica Bloomberg garantindo que não está em causa o pagamento dos empréstimos ao FMI ou ao Banco Central Europeu (deixando de lado as quantias emprestadas por outros países, como a Alemanha ou Portugal). O primeiro-ministro grego acenava ainda com a possibilidade de fazer, finalmente, reformas que nenhum governo grego fez desde que estalou a crise, "reformas radicais para lidar com a evasão fiscal, corrupção e políticas clientelistas".

Antonio Delfim Netto: Je suis grec, mais...

TER, 03/02/2015 - 13:50



do Valor

Je suis grec, mais...

Por Antonio Delfim Netto

A experiência grega é arriscada, mas fascinante. É um exemplo vivo de que só o jogo continuado entre a urna e o mercado é capaz, por caminhos raramente lineares, de colocar a sociedade na vereda civilizatória.

Vereda, porque a estrada virtuosa é estreita e pedregosa. Segui-la exige uma liderança forte, confiável, inteligente e com sorte. O voluntarismo desinformado que às vezes emerge das urnas nunca leva a ela. A tragédia é que as consequências sempre chegam tarde e, nos casos mais agudos, podem levar à interrupção do jogo, pois a graça eleitoral tem limite...

Honestamente, alguém pode pedir a um cidadão que depois de cinco anos de austeridade, sem ver qualquer sinal de esperança, tenha a paciência e a crença religiosa de prosseguir com a duvidosa solução "científica" que lhe foi imposta, no fundo, bem no fundo, pelo poderoso sistema financeiro internacional para proteger seus interesses? Não, porque a austeridade sem esperança briga com a democracia!

A experiência grega é arriscada, mas fascinante

Cansado de tomar o remédio amargo e de aceitar humilhado a reprimenda moralista que "ele comeu demais e agora é hora de descomer" o cidadão grego, em legítima defesa, decidiu-se por uma mudança radical. Felizmente, na minha opinião, ela talvez terá menos voluntarismo do que aparenta à primeira vista.

Alexis Tsipras e seu partido, o Syriza, receberam, através do sufrágio universal, a responsabilidade de devolver aos gregos a sua dignidade, minorar o seu sofrimento e reerguer a sua economia. Depois de 1.800 dias de angústia e desespero, de aceitar o maior socorro financeiro que se conhece (para pagar aos credores), de expiar os graves pecados que seus governos cometeram até 2009, os gregos resolveram jogar tudo para o alto.

Quando ficou óbvio que a trágica "receita" da "troika" (Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional) não funcionou, e que ele já não tem mais nada a perder, entregou-se ao seja lá o que um ateu quiser...

O PIB grego hoje, é 1/3 menor do que era antes da crise. A sociedade se desagrega diante do desemprego involuntário renitente, que atinge um em cada quatro de seus cidadãos dispostos a trabalhar. E, pior, assiste à destruição da sua geração mais jovem, metade da qual não vê nenhum futuro.

Diante desses fatos cruéis, a redução do déficit fiscal e a inversão do déficit em conta corrente, resultados da tal "receita" foi irrelevante, porque, por falta de crescimento (e, portanto, do emprego), a dívida pública que era de 130% do PIB em 2008, ronda hoje a 180%.

Isso tornou possível a Tsipras mostrar aos gregos que quem a "receita" da troika salvou mesmo, foram os banqueiros credores. Que ela é produto do uso de uma "falsa" ciência e que ele é o portador da "verdadeira", que vai salvá-los.

O novo governo, com o apoio de radicais nacionalistas de direita, assumiu quebrando a louça. Anunciou no seu primeiro dia algumas medidas emergenciais: vai rediscutir a "receita", suspendeu as privatizações (que ajudariam a pagar os credores internos e externos), anunciou um aumento de 30% no salário mínimo e a revisão da dispensa de funcionários públicos. Acendeu a luz vermelha em Bruxelas e em Frankfurt, que vai exigir mais capital para seus bancos.

Tenho dúvidas se o desgravatado Tsipras tem clara consciência da confusão em que se meteu e se será capaz de controlar o seu sucesso político e conformar-se com as limitações do seu voluntarismo na economia. A minha esperança é o seu importante ministro das Finanças, o conhecido economista Yanis Varoufakis, que tem um amplo domínio do "mainstream" e do keynesianismo, além de um bom olho no marxismo, o que lhe dá os nítidos limites do exercício da política social e econômica que terá de discutir com a troika.

Ele sabe que não há saída sem dor e que a solução do problema grego (como o brasileiro), está menos no numerador (controle do crescimento da dívida) e mais no denominador (o aumento do crescimento do PIB e do emprego), o que exige confiança e competitividade. Para entender como pensa Yanis Varoufakis, nada melhor do que ler o seu "Foundations of Economics - A Beginner´s Companion", 1998.

Sou tentado - talvez ingenuamente - a acreditar que o "barulho" inicial foi um movimento da autoridade grega para colocar melhor as peças no xadrez que terá de jogar contra a troika. Aliás, Varoufakis é um especialista em teoria dos jogos.

Os dois contendores têm muito a perder (3/4 dos cidadãos gregos querem continuar na zona do euro). Por um lado, o experimento grego pode estimular cidadãos de outros países a imitá-lo. Por outro, o seu colapso poderá deixá-la sozinha, moralmente ainda mais enfraquecida e destinada a trilhar por muito tempo nas sombras do subdesenvolvimento.

É evidente que existe uma margem de compromisso possível entre os desejos da troika e as necessidades dos gregos. A dose de blefe e de realismo nesse jogo que Tsipras e Varoufakis utilizarão será decisiva para encontrá-la, porque os parceiros não aceitarão a chantagem crua.

Nos meus curtos 87 anos, já vi, sem aviso prévio, muito leão virar gato depois de rugir algum tempo assustando apenas a si mesmo e com os bolsos vazios...

Antonio Delfim Netto é professor emérito da FEA-USP, ex-ministro da Fazenda, Agricultura e Planejamento. Escreve às terças-feiras

Dívida: Atenas já ganhou a batalha política

03/02/2015 -

http://inteligenciaeconomica.com.pt/?p=24564&utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+inteligenciaeconomica+%28Inteligência+Econômica%29

A "narrativa" alemã está desfeita. Batida e arrasada numa guerra-relâmpago pela excelente manobra da tropa de Tsipras. Como nota Sophie Coignard, no 'Le Point', Jean-Claude Juncker já prepara o enterro da "troika" e a dívida grega será reestruturada pois não há ninguém que se oponha a isso, excepto uma isolada Merkel, claro, a quem Obama, de resto, já leu a cartilha dos avisos. Bastava, aliás, a Obama ter sussurrado ao ouvido da "querida Ângela" uma palavra: Ucrânia... Ou seja, o que há um mês era "impossível", segundo a "narrativa" dominante", tornou-se, em escassos dias, algo muito desejável para (quase) toda a gente! A geopolítica faz milagres... Passos, Portas e a Albuquerque que não é Afonso é que ainda não perceberam!

Dette grecque: la paresse bureaucratique

C'était impossible il y a un mois. C'est devenu éminemment souhaitable depuis quelques jours. Donc, nous avions tout faux. Nous l'Europe, nous l'axe franco-allemand, nous le FMI... La dette grecque sera restructurée, puisque, à part Angela Merkel, on ne trouve plus personne pour s'y opposer. Ceux qui estimaient impossible de changer une virgule au traitement de la dette grecque sont aujourd'hui prêts à tout revoir.

Par Sophie Coignard . Le Point – Publié le 03/02/2015 à 06:35

C'est officiel depuis ce lundi 2 février : Jean-Claude Juncker, le président de l'Union européenne, veut enterrer la Troïka, composée de l'UE, de la BCE et du FMI. Ce trio de créanciers publics, qui concocte la potion amère administrée à Athènes, ne trouve plus grâce aux yeux de personne. Barack Obama lui-même vient de déclarer sur CNN qu'"on ne peut pas continuer à pressurer des pays en pleine dépression", avant d'ajouter : "À un moment donné, il faut une stratégie de croissance pour pouvoir rembourser ses dettes." Cet interventionnisme américain a pour origine l'inquiétude de Washington face à la faible croissance du Vieux Continent.

Des convictions à géométrie variable

Les critiques sur la Troïka, ses méthodes et ses remèdes ne sont pas nouvelles, puisque le Parlement européen y a consacré deux rapports en moins de deux ans. La Cour européenne de justice considère de son côté que l'appartenance de l'Europe à la Troïka place Bruxelles dans un double rôle problématique d'architecte et d'exécutant.

Ce qui est nouveau, en revanche, c'est ce retournement général des croyances, notamment au sein de la technocratie bruxelloise. Ceux qui nous gouvernent ne voulaient pas voir, jusqu'alors, l'aspect insoutenable de la dette pour la Grèce, pays dont le PIB a diminué d'un quart environ depuis cinq ans. Ils excluaient aussi toute possibilité d'allègement des intérêts versés alors que ceux-ci représentent près de 5 % du PIB grec.

Si c'était si simple, si évident, il aurait peut-être fallu y réfléchir et même le dire plus tôt. Avant d'être mis au pied du mur…

http://www.lepoint.fr/editos-du-point/sophie-coignard/dette-grecque-la-paresse-bureaucratique-03-02-2015-1901863_2134.php#xtor=EPR-6-%5BNewsletter-Matinale%5D-20150203

Posts relacionados:

- A ALEMANHA APANHADA NA SUA ARMADILHA
- Requiescant in pace
- Consequências da Vitória do Syriza: Análise da Stratfor
- AS “ESCUTAS” E OS DECISORES
- “Something Must Be Done…” Carta Aberta aos Líderes do G20

ARTIGOS RELACIONADOS

Lost in translation? Bullshit!

Tsipras diz que não há solução para a Grécia sem perdão de dívida. O ministro dos Negócios Estrangeiros recusa-se a votar sanções contra a Rússia. O ministro das Finanças diz que não negoceia mais com a Troika.

Salvar

JORNAL DE NEGÓCIOS ONLINE ·669 COMPARTILHAMENTOS · 2 DE FEVEREIRO DE 2015

O plano Varoufakis: Grécia está a “cair na realidade”

Governo grego deixou cair uma proposta basilar do programa eleitoral com que foi eleito, que passava por um corte direto da dívida. Varoufakis recusa a ideia de que tenha havido um recuo.

Salvar

OBSERVADOR.PT · 2.408 COMPARTILHAMENTOS ·3 DE FEVEREIRO DE 2015

Reestruturação na Grécia: perdemos ou ganhamos?

Foi o triunfo de uma esperança que venceu a batalha contra o medo. E está a tentar vencer uma guerra política.

Salvar

PUBLICO.PT · 727 COMPARTILHAMENTOS ·2 DE FEVEREIRO DE 2015